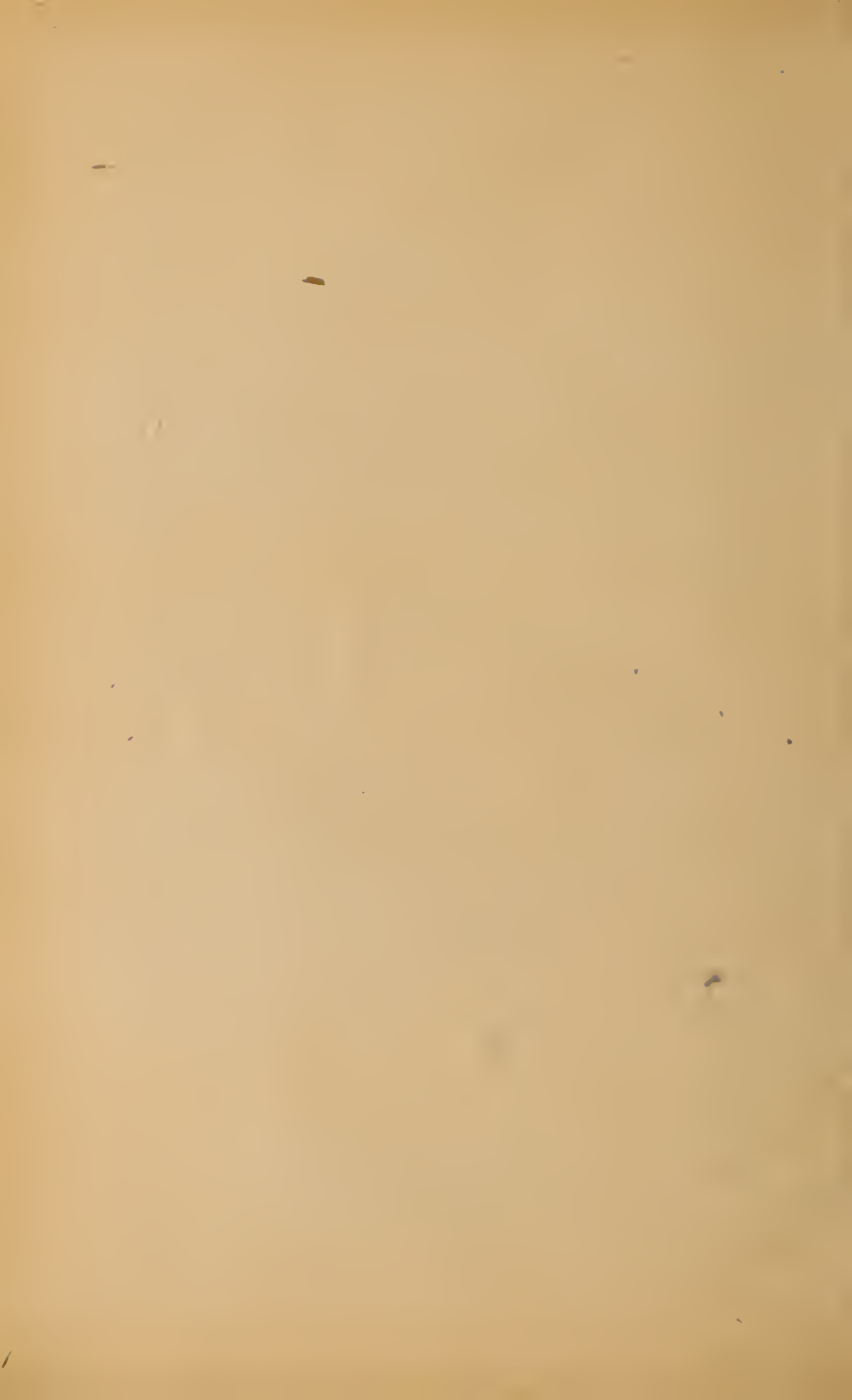
Mário Amaral Novaes

O CRISTÃO

E

A MAÇONARIA

LIVRARIA INDEPENDENTE EDITÔRA
Rua Líbero Bádaró, 561 - 5.º And. - S. 503
Caixa 7513 — SÃO PAULO - Fone 32-4519

PREÂMBULO

Em 1947, após 46 anos, vem à lume a primeira obra impressa, tentando dar resposta cabal ao livro "A Maçonaria e a Igreja Cristã", do Prof. Rev. Eduardo Carlos Pereira. Intitula-se "A Maçonaria e o Cristianismo". Escreveu-a o Prof. Jorge Buarque Lira. E' obra aprovada oficialmente pelo Grande Oriente de São Paulo. Como novidade apresenta um número singular de "patronos": quatro prefaciadores! E entre êstes a figura respeitável do Rev. Bispo César Dacorso Filho, da Igreja Metodista do Brasil. Não satisfeito com o longo prefácio, Dacorso Filho fêz, ainda, uma apreciação pelas colunas de "O Expositor Cristão" de 15-5-1947. Merecendo sérios reparos tanto o prefácio como a apreciação, enderecei-lhe, pelas páginas de "O Estandarte", de 30-6-1947, uma "Carta Aberta", demonstrando as incoerências e os pontos falhos na obra lireana e convidando-o a afastar para bem longe o anátema maçônico. O senhor Bispo resolveu não responder!...

Buarque Lira não estava satisfeito com os

quatro elogiadores. A sua insaciável vaidade, clamando por mais elogios, descobriu novo padrinho na pessoa ilustre do Rev. Galdino Moreira, que, a pedido, escreveu o folheto "Uma obra primorosa". Lendo-o, Lira não se conteve e escreveu: "Li e reli, verdadeiramente encantado, sua maravilhosa apreciação do meu livro — "A Maçonaria e o Cristianismo", que veio, precisamente, como eu a esperava, e até melhor. Não podia ser melhor escrita, nem mais elogiosa e incisiva. Louvado seja Deus pela sua pena aurifulgente, pois, além do apoio incondicional que me deu, secundando inteiramente meu trabalho, contribuiu, ainda, com páginas de verdadeiro ouro de lei, de ouro legítimo, que irão enriquecer-lhe cada vez mais. Confesso-lhe, com a máxima sinceridade, que, sem desmerecer o mérito do trabalho dos meus prefaciadores, a sua apreciação transcendeu a tudo, não só pelo valor incalculável (intelectual e moral) do seu nome tão laureado, como ainda pelos conceitos claros, peremptórios, persuasivos, insinuantes, convincentes, encantadores, superlativamente sublimes e ricamente substanciosos com que exaltou, ombro a ombro, comigo, a Sublime Ordem e a Fé Cristã!" (1)

Vai bem aqui a crítica do Rev. Antonino José da Silva: "Agora, se a apreciação foi encomendada e custou um grosso volume da obra "A Maçonaria e o Cristianismo"; se o autor da obra e o apreciador são confessadamente maçônicos; se ambos são pródigos em aplicar adjetivos um ao

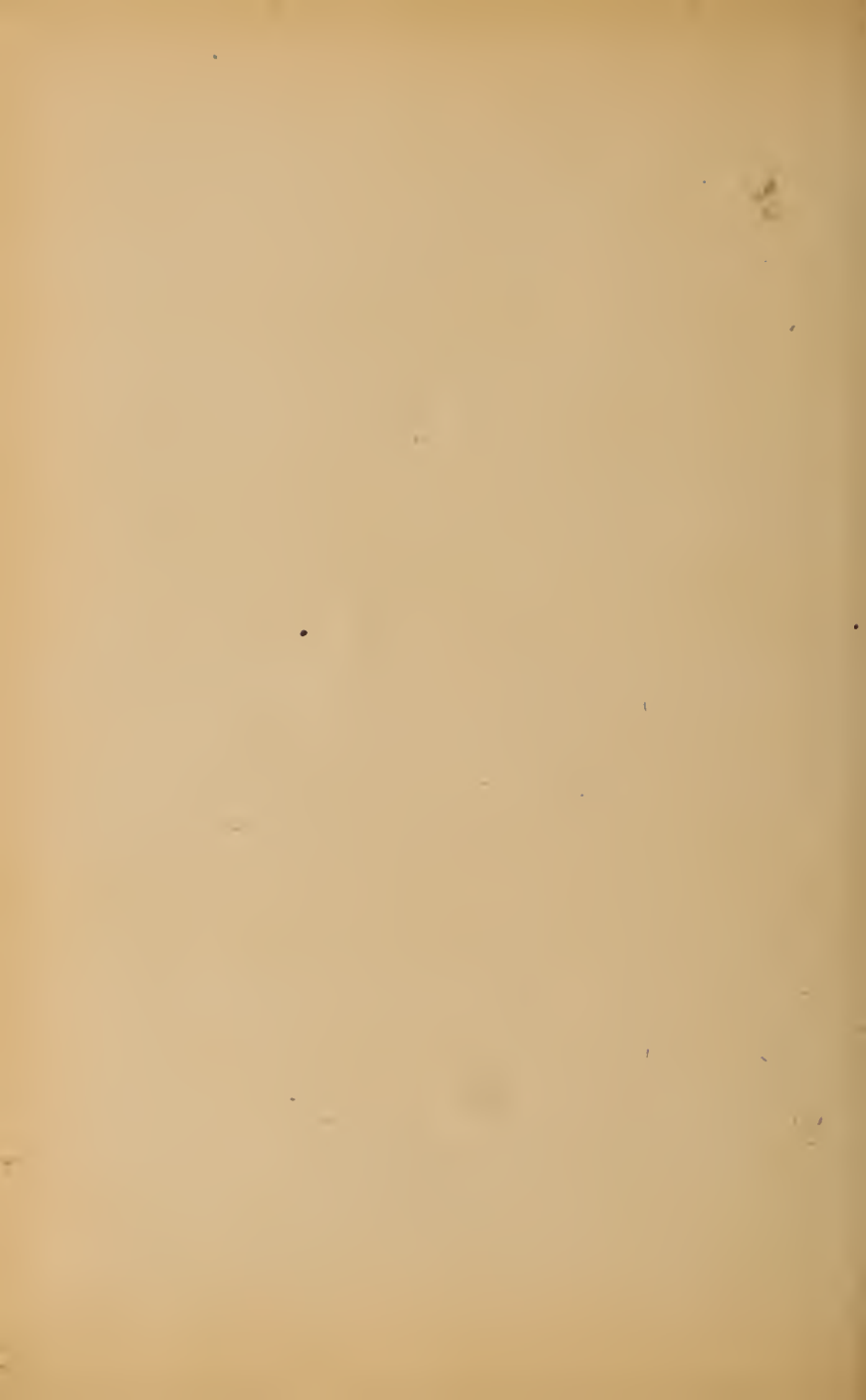
(1) Uma obra primorosa, pág. 1

outro; que valor poderá ter essa apreciação? Apenas um valor comercial. Nada mais". (2)

Li o folheto "Uma obra primorosa". Concordando plenamente com o seu Autor, quando afirma que "discutir idéias públicas não é pecado, não é êrro, não é bicho de sete cabeças", enderecei-lhe, como réplica, uma Carta Aberta pelas colunas de "O Estandarte", de 30-3-1948. A resposta não se fêz esperar. Foi publicada em folhetos e inserida na 2.ª edição da obra do prof. Lira.

Aqui vai a minha resposta. Abençoe Deus êste trabalho feito para honra e glória do Seu Santo Nome e em defesa da COROA REAL DO SALVADOR. Amém.

Assis, Fevereiro de 1951.

(2) "O Protestante" Ano II, n.º 20

"O ESTANDARTE" E A RÉPLICA

Inserindo o snr. Jorge Buarque Lira uma tremenda objurgatória, na Réplica à atitude assumida pelo órgão Independente, ao deixar de publicar a resposta do Rev. Galdino, enderecei ao seu redator-responsável a seguinte carta:

"Assis, 19 de setembro de 1950.
Ilmo. Snr. Ilídio Burgos Lopes.
M. D. Redator-Responsável de "O Estandarte".
S. Paulo.

Prezado amigo e irmão em Cristo:

O Rev. Galdino Moreira publicou um panfleto intitulado — "A Maçonaria e o Cristianismo". Réplica a Mário Amaral Novaes pelo Rev. Galdino Moreira".

À página 5, no rodapé, lê-se:

"Nota necessária: O presente artigo foi escrito e enviado à redação da fôlha presbiteriana independente, "O Estandarte", na data que traz o original do Rev. Galdino Moreira, em resposta a um artigo do Snr. Mário Amaral Novaes que, no dito

jornal, atacara o autor gratuita e violentamente.
Não querendo a fôlha presbiteriana publicar a resposta do Rev. Galdino, evidenciando destarte a sua imparcialidade sui-generis e a sua probidade jornalística às avessas, resolvemos inserir em nossa segunda edição desta obra, na íntegra, o trabalho do nosso irmão e colega, que também foi amplamente divulgado por nós em milhares de folhetos.

(a.) Jorge Lira."

Devendo responder ao Rev. Galdino Moreira, peço ao distinto redator-chefe de "O Estandarte" o favor de me fornecer cópia da carta, pela qual se negou a publicar o artigo em questão e, também, a necessária autorização para publicá-la.

Respeitosamente,
(a.) Mário Amaral Novaes".

Tendo recebido a cópia da carta, passo a transcrevê-la na íntegra, para defesa do nome do glorioso órgão da Igreja Presbiteriana Independente, tão aleivosamente atacado.

São Paulo, 31 de maio de 1948.

Ilmo. Snr.
Rev. Galdino Moreira
Rua Haddock Lobo, 332.
Rio de Janeiro

Prezado irmão.

Conforme prometêramos, voltamos à sua presença para comunicar-lhe a resolução tomada pelo Conselho-Diretor de "O Estandarte" a propósito do seu pedido de publicação da sua "Carta Aberta ao Sr. Mário Amaral Novaes", em resposta à "Carta

Aberta" do mesmo senhor, publicada em nossa edição de 30 de março dêste ano.

Após demorado exame do assunto, chegamos à conclusão de que não podemos atender ao seu pedido, pelas razões que a seguir expendemos.

Em sua carta de 22 de abril, que acompanhou êsse trabalho, refere-se V. Revdma. embora sem para elas apelar diretamente, às "leis do país" quanto ao seu "direito de resposta". Convém esclarecer êsse ponto. As atividades da Imprensa estão regulamentadas pelo Decreto n.º 24.776, de 14 de julho de 1934. Êsse decreto constitui a nossa Lei de Imprensa, de acôrdo com informação que nos foi dada pela Agência Nacional.

No capítulo III trata-se "Dos Delitos e penas". O art. 14 define como delito de imprensa "Imputar vícios ou defeitos, com ou sem fatos especificados, que possam expor a pessoa ao ódio ou ao desprêzo público; imputar fatos ofensivos da reputação, do decôro e da honra; usar de palavra reputada insultante na opinião pública; penas de multa de 1:000$ a 5:000$, ou prisão por três meses a um ano".

A "Carta Aberta" do Presbítero Mário Amaral Novaes a V. Revdma. difìcilmente poderá ser enquadrada na definição acima: não contém imputações ofensivas, nem calúnias ou injúrias, nem usa de palavras insultantes. Pelo contrário, sua linguagem é cortês, elevada, polida e reconhece na pessoa de V. Revdma. as qualidades que a exornam, dando o merecido relêvo aos notáveis serviços prestados por V. Revdma. à causa do Evangelho em nossa Pátria. E' verdade que, num ponto ou noutro, usa um pouco de ironia, a propósito de expressões empregadas por V. Revdma.. Mas a ironia não está capitulada como delito de imprensa.

Todavia, na hipótese de V. Revdma. julgar-se ofendido, caber-lhe-ia o direito de exigir a "Reti-

ficação Compulsória", de que trata o Cap. V do citado Decreto, art. 35, que reza: "Tôda pessoa, natural ou jurídica, que fôr atingida em sua reputação e boa fama, por publicação feita em jornal ou periódico contendo ofensas ou referências de fato inverídico ou errôneo, tem o direito de exigir do respectivo gerente que retifique a aludida publicação". Para isso, a pessoa deveria requerer "ao juiz competente a notificação dos respectivos gerentes" (art. 36), e se o juiz determinasse a inserção da retificação, esta não poderia exceder, em caso algum, "no respectivo original, de cinco laudas datilografadas, com 33 linhas, cada lauda, e 50 letras, cada linha" (art. 37). O trabalho de V. Revdma. estende-se por 14 grandes páginas, formato ofício, datilografadas de alto a baixo, e em tôda a largura da página.

Vemos, pois, que não assiste a V. Revdma. o direito à "retificação compulsória", porque o artigo do Prof. Mário Novaes não contém injúrias ou calúnias, e porque a resposta de V. Revdma. excede em muito aos limites que a lei estabelece para essa retificação.

Mas não nos apegaríamos à letra da lei, nem a extensão da sua resposta nos impediria de publicá-la, se não ocorressem outros motivos para isso.

V. Revdma. fala em seu "direito de resposta". Parece-nos que V. Revdma. labora em equívoco ao julgar que a sua "Carta" é uma resposta à "Carta" do Prof. Mário. Explicâmo-nos: no seu opúsculo "Uma Obra Primorosa", V. Revdma. infelizmente não se deteve na escolha dos têrmos com que se referiu à pessoa e à obra do nosso inesquecível Rev. Eduardo Carlos Pereira. A esta, refere-se V. Revdma. como o "barraco pereirano", "o volumezinho empoeirado do antimaçonista" que "acabou acabando para sempre". Ao autor do "barraco" V. Revdma. averbou, depreciativamente, de "o adversàriozinho",

"o gramático virado em atleta de improviso", que "ignorava horizontal e perpendicularmente o assunto que desejava arrasar e destruir", que "lutou epidèrmicamente, superficialmente, sem maiores cuidados". Já na introdução a êsse opúsculo, o escritor não se pejou de dizer que o escrito de V. Revdma. "vale por uma glorificação dos heróicos espíritos que, em 1903, militaram denodadamente pela verdade e pela justiça, rompendo e esmigalhando **a presunção e a ignorância arvorada em mestra** de Eduardo Carlos Pereira".

Vê-se, pois, que o Rev. Eduardo Carlos Pereira foi tratado com insólito desprimor, tanto por V. Revdma., como pelo autor da introdução. Se vivo fôsse, o saudoso servo de Deus teria usado, sem dúvida, do seu "direito de resposta". Morto, era mister que alguém lhe fizesse as vêzes. Coube a honrosa incumbência, por consenso tácito de nós outros, ao Presbítero Prof. Mário Amaral Novaes. Êste, pois, é que usou o "direito de resposta" às afirmações de V. Revdma.. Logo, a "Carta Aberta" de V. Revdma. não é uma resposta, não é réplica, e sim tréplica. V. Revdma. iniciou a lide; o Sr. Novaes replicou; agora V. Revdma. treplica, usando, aliás, de um direito legítimo, que ninguém lhe contesta. Mas a nós nos parece que V. Revdma. não tem o direito de exigir que sua tréplica seja por nós publicada. Polêmicas se travam, usando os contendores de meios e recursos próprios, e não dos recursos e dos meios do adversário.

Afirma V. Revdma. que a "Carta" do Sr. Mário foi muito infeliz". Infeliz ou não, teve ela, ao menos, o mérito de ser dirigida a uma pessoa viva, capaz de defender-se enèrgicamente. Muito mais infelizes, perdoe-nos V. Revdma. que o digamos, foram os ataques dirigidos a um morto, cuja bôca não pode mais abrir-se para revidar.

Outro motivo que nos leva a recusar a inser-

ção da sua "Carta Aberta" nas colunas de "O Estandarte" é a impropriedade e a violência da linguagem empregada. Diz o art. 38 do Decreto 24.776, que a inserção da resposta retificativa será negada "quando contiver expressões que importem em abuso de liberdade de imprensa" (letra b). Na sua "Carta" V. Revdma. usou expressões fortes e desprimorosas. Começa negando ao Prof. Mário a sua qualidade de cristão — "anotando que o senhor se declara (presbítero ou irmão na fé) em nosso meio evangélico". Diz que a carta do presbítero Novaes lhe causou "repugnância e desprêzo". Que êle lhe enfiou "punhaladas gratuitas". Que usou **"processo-ladrão".** Que "falta com a verdade"; que fêz "infamante declaração"; que "usou método confuso de mistificação"; que "o senhor não merece acatamento, nem respeito, nem consideração" (se não publicar na íntegra centenas de páginas do livro do Prof. Lira!); "o senhor está procedendo de má fé e ocultando a verdade integral"; "o senhor revela só uma vontade — achincalhar, menoscabar, depreciar"; "o senhor não é homem, nem aqui nem na China, para rebatê-la; "o senhor já é grandezinho, maior, alfabetizado, certamente eleitor, talvez pai de família, presbítero de Igreja, fazedor de "Cartas Abertas" e outras cousas..."

Êstes são alguns exemplos da linguagem usada em várias passagens do seu trabalho. V. Revdma. certamente concordará em que não podemos publicá-lo. Releve-nos a franqueza.

Diz ainda V. Revdma., no texto da sua "Carta Aberta", que deseja a sua publicação "tendo em vista... a necessidade moral inadiável de desfazer entre os leitores de "O Estandarte" a péssima impressão que o senhor tentou dar ao meu respeito...". Lamentamos sinceramente que V. Revdma. não se haja preocupado com a "péssima impres-

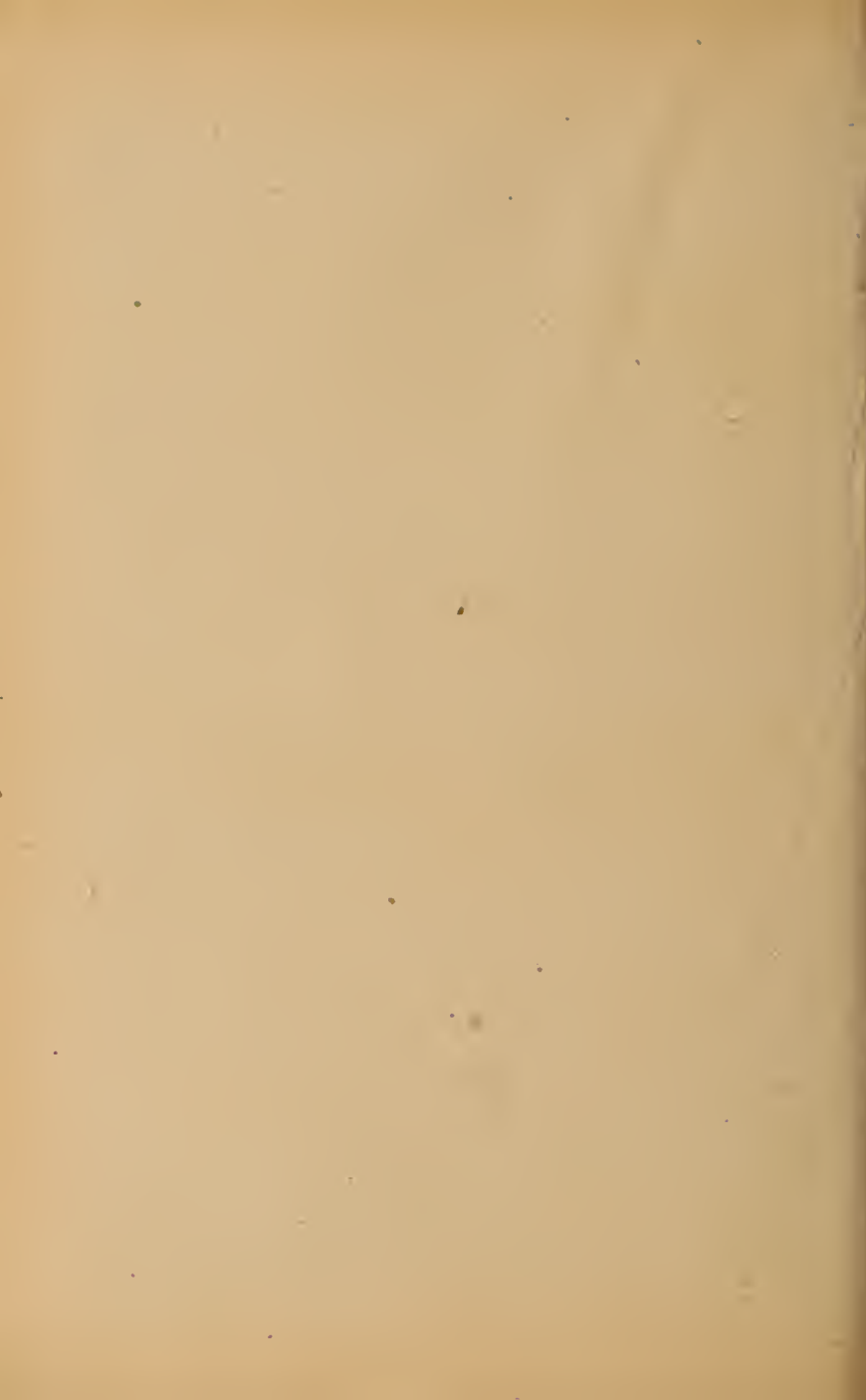
são" que nos leitores de "O Estandarte", isto é, na Igreja Presbiteriana Independente, iriam causar as expressões desrespeitosas que usou contra o Rev. Eduardo, em "Uma obra primorosa". Sabia V. Revdma. muito bem que essas impressões iriam provocar reação. A reação veio. V. Revdma. não gostou, e acha que esta é que vai causar "péssima impressão" sôbre a pessoa de V. Revdma.. Infelizmente essa impressão existe, não causada pela "Carta" do Presb. Mário Amaral Novaes, mas pela sua própria obra.

Perdoe-nos V. Revdma. a longura desta carta, justificada pela necessidade de explanar os motivos que nos levam a recusar o seu pedido.

Deus guarde a V. Revdma..

(a.) **Ilídio Burgos Lopes**
Redator-Responsável

Autorizo o Snr. Mário Amaral Novaes a fazer desta carta o uso que lhe parecer adequado para o bem da causa da Verdade.

(a.) Ilídio Burgos Lopes
S. Paulo, 4-10-1950.

FINALIDADE DA "CARTA"

A minha Carta Aberta não só surpreendeu o ilustre elogiador de Buarque Lira, como também o irritou. Acostumado a dizer o que pensa e o que quer, sem ser jamais contraditado, não esperava o ex-diretor de "O Puritano", que alguém tivesse a ousadia de sair a campo para impugnar o seu folheto "Uma Obra Primorosa".

E daí a razão, penso eu, de o meu contendor perder as estribeiras ao tentar uma pseudo-resposta, com a finalidade de salvar as aparências. Confesso que, tentando polemicar com um ministro do Evangelho, apresentado como "fogoso e brilhantíssimo jornalista militante há cêrca de 40 anos"; como "o líder máximo do protestantismo nacional, a pena de ouro do expoente mor da cultura evangélica do Brasil"; como o "exegeta primoroso, orador fecundo e facundo, de largos e inapreciáveis recursos tribunícios"; confesso, repito, que não esperava ser tratado com linguagem tão violenta e grosseira, que, para sua infelicidade, o fêz cair de um pedestal até então invejável.

Afirma s.s. que a minha "missiva não tem objetivo construtivo ou esclarecedor, não tem finalidade elevada"; que "tudo quanto o senhor ajunta como pretensa argumentação foi para chegar, em síntese, a esta diabólica e maldosa finalidade..."; que "não podendo derrubar a granítica e poderosa argumentação do livro do Rev. Lira, inventou uma saída: achincalhar, depreciar e desmerecer a idoneidade moral do Rev. Jorge e a minha"; que "é uma carta" que acusa de graça, calcada em incoerências, na pressa em concluir e sem senso algum"; etc., etc..

A minha carta teve finalidade: provar a incompatibilidade entre a Igreja de Cristo e a Maçonaria, descobrindo o cipoal de contradições em que o Rev. Galdino está entalado. CONTRADIÇÃO. Assim define essa palavra Laudelino Freire: "Lat. contradictio; contradictionem. Ação de contra dizer; afirmação contrária ao que se disse; objeção; incoerência entre afirmações atuais e anteriores, entre palavras e ações. Ação de se colocar a si próprio em oposição ao que tinha dito ou feito. Oposição entre duas proposições, das quais uma exclui necessàriamente a outra". (3) E com referência à palavra INCOMPATÍVEL, diz o mesmo lexicógrafo: "Que não pode existir juntamente com outro; inconciliável. Diz-se das cousas ou pessoas que se não podem harmonizar entre si, que apresentam manifesta oposição de caráter, que se não combinam. Filos. Diz-se de duas idéias ou pro-

(3) Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguêsa, Vol. II, Pág. 1559

posições que não podem admitir-se juntamente, porque uma exclui a outra". (4)

Quem ler a minha Carta Aberta, pode verificar que eu me ative fielmente ao plano traçado: provar que uma pessoa não pode seguir o Cristianismo e a Maçonaria, sem se contradizer. Há nas suas afirmações, nos seus atos, incoerência, oposição. A doutrina evangélica exclui a maçônica. Não se combinam. Não se podem harmonizar entre si. E daí, a razão de o crente evangélico, que abraça a Maçonaria, viver numa eterna contradição. Socorro-me da autoridade magistral da palavra infalível do Mestre: "Ninguém pode servir a dois senhores" (5)

Mas o meu ilustre replicador é o primeiro a clamar, alto e bom som, que a "Carta" atingiu plenamente o alvo, quando escreve: "E' uma "Carta" que acusa de graça, calcada em INCOERÊNCIAS,... (O versal é meu). Plenamente de acôrdo, Rev. Galdino. Até que enfim nos harmonizamos, neste ponto: *incoerências*. E as incoerências citadas não são minhas, reverendo, mas de v.s. e do seu grande amigo Lira. Citei-as exatamente para demonstrar a impossibilidade da tese que v.s. persiste, desastradamente, em defender, isto é, provar que o Rev. Galdino, cristão, e o Snr. Galdino, maçon, não se podem harmonizar entre si. As idéias expendidas por um, se chocam com as expedidas por outro; elas não podem admitir-se juntamente, porque uma exclui a outra. Quando, pois,

(4) Op. cit., Vol. III, Pág. 2940
(5) S. Mat. 6:24

v. revdma. escreve "é uma "Carta" calcada em incoerências", não faz mais do que confirmar a realidade dos fatos, porque a minha carta é tôda fundada em incoerências entre afirmações atuais e anteriores, encontradas em trabalhos escritos pelo "fogoso e brilhantíssimo jornalista militante". Se v.s., ministro do Evangelho, tivesse seguido os sábios conselhos do grande apóstolo S. Paulo, não teria passado pelo dissabor de ver as suas grandes contradições estampadas num periódico evangélico. E o conselho do apóstolo das gentes está em tempo ainda de ser observado por V. Revdma.: "Não vos ponhais debaixo de um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade pode haver entre a justiça e a iniqüidade, ou que comunhão tem a luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e Belial, ou que parte tem o crente com o incrédulo? Que consenso há entre um santuário de Deus e ídolos?" (6)

Se a minha carta não tivesse alcançado a sua finalidade, bem outra teria sido a resposta de v.s.. Possuidor de "largos e inapreciáveis recursos tribunícios", "exegeta primoroso", — e aqui presto homenagem aos dotes intelectuais de V. Revdma., — por que não pulverizou o meu trabalho, em vez de descer ao terreno baixo e pouco recomendável do ataque pessoal e depreciativo? O que me admira na resposta de v.s. é que, dotado de invejáveis qualidades intelectuais para manter a polêmica no elevado terreno da doutrina, tenha lançado mão do processo execrável de responder com desaforos, co-

(6) II Cor. 6:14, 15, 16

mo se desafôro fôsse capaz de provar a compatibilidade entre Maçonaria e Cristianismo...

Não se zangue, meu reverendo, mas vou pôr-lhe a calva à mostra, mais uma vez. Certa ocasião v.s. se agigantou ao tomar a defesa de um morto. Que bela e nobre atitude é a de quem se propõe a defender o ausente! Não lhe regateei aplausos pela atitude desassombrada. Màs, quem o diria? é V. Revdma. mesmo que se levanta para, de lança em riste, atirar-se inglòriamente contra aquêle mesmo morto. Ontem era mister elogiá-lo, porque atacado por um padre; hoje é necessário atacá-lo, porque acometido por um maçon! Eterna contradição a acorrentar o crente maçon! Aos fatos.

Em 1936 escrevia V. Revdma. um brilhante "Proêmio" do qual destacarei alguns parágrafos. Ei-los:

"Cêrca de dezesseis anos passados, em meio a um pastorado probo, sério e afanosíssimo, além de outras lides sociais nobres que lhe aprisionavam alma, cérebro e coração, entregava o eminente e culto ministro evangélico, professor Eduardo Carlos Pereira, ao exame sincero do povo brasileiro, católico e não católico, uma obra de irresistível atração e valor — "O Problema Religioso da América Latina".

"Era um estudo dogmático-histórico, forte, vivo e justo, tanto quanto justa é a própria palavra da História imparcial, das índoles visceralmente constitucionais do Protestantismo e do Romanismo. A obra do consagrado mestre fôra tecida com a reverência e o carinho que requerem sempre tô-

das as grandes e luminosas verdades, forrada de argumentação perpendicular e tersa, e apurada com a linguagem invencível da boa fé, da sinceridade, da tolerância, da retidão, de envôlta a um raciocínio calmo e sereno, cristalino e bom, nobre e morigerado.

"Mas, nos sagrados, respeitáveis e infinitos dos seus eternos propósitos, havia o Senhor da Glória, resolvido chamar o pastor brasileiro ao gôzo de sua coroa e ao prêmio de sua fidelidade à causa santíssima do Verbo Eterno, quando o padre Leonel Franca entrou na liça com a sua vistosa panóplia romana...

"Lysanias de Cerqueira Leite foi, em grande medida, atraído ao campo ingrato desta luta de idéias e de doutrinas pelo nobre e elegantíssimo sentimento de profunda reverência à memória limpa e respeitável do grande filólogo cristão Reverendo Eduardo Pereira. Para o autor destas páginas não podia ser senão quase crime de trágica ingratidão permitir a alma evangélica brasileira caíssem sôbre o túmulo do mestre douto e pastor abnegado, que é também relíquia dêsse Brasil tão grande, as pedras atiradas da funda adversária, implacável e fria, embora, quando em preparo e recolhimento, ainda vivesse aquêle a quem visavam ferir ou pelo menos entontecer e magoar...

"Há, portanto, neste livro um grito comovente de reivindicação à cultura, à lhanesa, à sinceridade, à erudição, à piedade e à memória do magnífico obreiro Reverendo Eduardo. E como se faz, agora, mais bela, mais fascinante, mais querida

mesmo, após a defesa do grande amigo, a nobre figura do ilustre varão, que a terra brasileira acolhe com orgulho e sentimento, o mestre e o apóstolo Eduardo Pereira!" (7)

Em 1947, onze anos depois, vai V. Revdma. escrever novamente sôbre a figura ímpar de Eduardo Carlos Pereira! Se não fôra a assinatura de v.s. escrita no final do trabalho, não poderia crer que o escritor emérito viesse babujar o nome impoluto de Carlos Pereira, a quem, um dia, considerara "relíquia dêsse Brasil tão grande"... Abro, de novo, "Uma obra Primorosa", para extrair os parágrafos seguintes:

"A porção genuinamente controversa do estupendo livro do rev. Jorge é, de verdade, enérgica, dinâmica, demolidora, inexorável, tremenda. Aí, o erudito escritor e polemista analisa ao pé da letra a obra do saudoso e respeitável líder evangélico, rev. Eduardo Carlos Pereira, na qual êste sábio gramático, carinhoso exegeta neo-testamentário e zeloso cura de almas tentou incompatibilizar o maçonismo clássico e internacional com o Cristianismo apostólico e bíblico. A meu ver acho que tanto sabia a fundo o mestre Pereira lidar com os problemas de suas especialidades, quanto ignorava horizontal e perpendicularmente o assunto que desejava arrasar e destruir, não sendo maçon nem escavador meticuloso de suas fontes puras. Li com ânimo descansado e sereno um e outro, o gramático virado em atleta de improviso, e o maçon e cristão de doutrina e prática, o Pereira e o Lira.

(7) "Protestantismo e Romanismo", por Lysanias C. Leite, I Vol.

Para mim o volumezinho empoeirado do anti-maçonista, depois da réplica jorgeana, acabou acabando para sempre. Nêle não ficou pedra em cima de pedra, não ficou nada. O barraco pereirano esmigalhou-se, não podendo resistir ao rebate de Jorge Lira. Êste não teve mãos fracas na luta. Golpeou na veia jugular o adversàriozinho, argumento por argumento, tese por tese, acusação por acusação, cita por cita, e apenas deixou no chão espatifado um montão de ossada e de vísceras sangrentas..." (8)

Percebeu bem, rev. Galdino, a situação em que se acha colocado? Ali, afirma v.s. que "não podia ser senão quase crime de trágica ingratidão permitir a alma evangélica brasileira caíssem sôbre o túmulo do mestre douto e pastor abnegado, que é também relíquia dêsse Brasil tão grande, as pedras atiradas da funda adversária, implacável e fria"; aqui, não só aprova o monturo atirado sôbre o túmulo, pois v.s. mesmo confessa que a parte controversa é "enérgica, dinâmica, demolidora, inexorável, tremenda", mas ajuda também a atirar algumas pedras...

V. Revdma. me escreveu: "O senhor devia era ter tomado a obra do Rev. Jorge Lira e mais a minha modesta "apreciação" favorável a ela e, com boa-fé e coragem, se pudesse, tentar destruir os nossos ARGUMENTOS, um por um, os meus e os do Rev. Jorge. Isto, sim, seria digno de respeito. Mas, o senhor, não podendo derrubar a granítica e poderosa argumentação do Rev. Lira, inventou

(8) "Uma Obra Primorosa", pág. 10.

uma saída: achincalhar, depreciar, e desmerecer a idoneidade moral do Rev. Jorge e a minha".

Devagar, rev. Galdino. Não inventei saída para destruir os seus argumentos. O prof. Lira e V. Revdma. é que me deram a saída. Encontrei-a nos escritos de v.s. e no livro contraditório do seu grande amigo. Os meus argumentos não teriam valor para quem tanto desmereceu a minha humilde pessoa; portanto, lancei mão dos preciosos e valiosíssimos argumentos de V. Revdma.. Agarrei no ar os seus argumentos, e servi-me dêles para dar combate a quem os expunha. Fôram êles, creia-me V. S., os seus argumentos, que o deixaram nessa situação indesejável...

Não é possível haver conciliação entre cousas antagônicas. Não há harmonia entre Cristo e Belial, entre a luz e as trevas, entre Cristianismo e Maçonismo. E' bíblico. E ai daquele que fôr achado lutando contra Deus! Ao obstinado Saulo de Tarso foi necessário um ato violento. Caído por terra, vencido, ouve a voz de repreensão: "Eu sou Jesus, a quem persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões". (9) Ou somos cristãos e nada mais, ou não somos. O que é, é. Ou o indivíduo professa o cristianismo, ou, então, o maçonismo. Permita-me, reverendo, dar-lhe a palavra, pois me é mui agradável ouvi-lo: "O Brasil evangélico está reclamando crentes assim. Crentes leais, crentes convictos, crentes de fogo. O cristão que se deixa arrastar por qualquer teoria; que vive como tico-tico pulando de igreja em igreja; que se

(9) Atos, 9:5

enamora de qualquer primeiro adventista ou russelista ou pentecostista ou espiritista ou romanista ou incrédulo que surja por aí, não é crente de pêso e medida. E' "espectro de crente, mas, não é crente..." Crente que vai com a moda, que corre ao mundo, que cai no primeiro bote da tentação, que acompanha as cousas da terra... é fogão sem fogo, é lenha podre, é edifício carunchado". (10) E V. Revdma. não quer concordar comigo, que o crente que se enamora da Maçonaria, "ingressando nessa boa sociedade", também é "espectro de crente", "é fogão sem fogo, é lenha podre, é edifício carunchado"?

Por melhor que seja a boa vontade de V. Revdma., não há possibilidade de haver união entre as duas instituições. E a melhor argumentação neste caso são os fatos. Tomemos como exemplo uma prata de casa. V. Revdma. fazendo o elogio do prof. Jorge Buarque Lira, disse que "...o tremendo replicador do saudoso prof. Eduardo Carlos Pereira, ...*era um irmão na fé e no amor,* dos seus próprios adversários de idéias, *um cada vez mais evangélico entre evangélicos,* maçon pelo cérebro e CRENTE EM N. S. JESUS CRISTO PELO CORAÇÃO E PELA ALMA TÔDA". (Os grifos e versal são meus). Pode, porventura, V. Revdma. escrever essas mesmas palavras a respeito do Prof. Lira?

Pungente e dolorosa realidade: não pode. A Maçonaria o dominou e hoje com dor no coração o digo — encontra-se afastado do Santo Ministério

(10) Curso Superior, por Galdino Moreira, 2.º trim. 1937, pág. 12

e da Igreja de Jesus Cristo. Ao ser iniciado na Loja "Propter Humanitatem" — ao Oriente de Manhumirim — o prof. Lira via naquele dia "UM dos maiores dias de minha vida, o 27 de setembro de 1938, em que perlustrei êste ambiente augusto e inspirador, como se fôra um novo mundo;...". (11) De fato, foi o dia em que começou a se afastar de N. S. Jesus Cristo. Tal incompatibilidade que êle não quis, e V. Revdma. também não quer ver, a princípio latente, qual traiçoeiro câncer, veio, tarde demais, tornar-se patente, quando o exército de Cristo já havia perdido mais um soldado.

(11) "A Maçonaria e o Cristianismo". Discurso 14. Pág. 377

JURAMENTO MAÇÔNICO

A primeira observação que o ilustre pastor faz à minha Carta Aberta é sôbre o juramento. Antes de entrar na discussão do assunto, é necessário que se faça uma breve recapitulação dos fatos.

Na minha Carta fiz a seguinte observação: "Como maçon, v.s. escreveu: "Se a Maçonaria exige juras, que mal vai nisto? Não as exige o Estado, a Família, a própria Igreja?". Entretanto, bem diferente é o pensamento cristão de v.s. quando escreveu: "Os estatutos do Partido Comunista do Brasil exigem de seus associados JURAMENTO de submissão ao partido, juramento que crente algum pode ou deve fazer a homens, grupos ou associados. O crente evangélico não entrega sua consciência a ninguém. Só a N. S. Jesus Cristo".

Como se percebe fàcilmente, há berrante contradição entre a primeira afirmação e a segunda. Se não há mal nas juras maçônicas, por que fulminar severos anátemas contra o juramento comunista? Se êste é condenado, porque, fazendo-o o

crente entrega a sua consciência a homens, do mesmo modo deve-se condenar àquele por idêntico motivo. E qual foi a resposta de V. Revdma. a esta acusação? A seguinte: "Sua acusação acima, exmo. senhor Mário Amaral Novaes, não tem base, não é sincera, não é justa, não é verdadeira". O que acabo de transcrever são as palavras do Rev. Galdino Moreira! Em 10-10-1945, pelas páginas do seu ex-jornal "O Puritano", escrevia que o crente não pode ou deve fazer juramento a homens, grupos ou associados, porque o crente só entrega a sua consciência a N. S. Jesus Cristo; mas em ... 20-10-1947 escreve: "Se a Maçonaria exige juras, que mal vai nisto?" Quando, porém, lhe ponho a calva à mostra, tem a ousadia de afirmar: "Sua acusação acima não tem base, não é sincera, não é justa, não é verdadeira". Em seguida passa a fazer a defesa do juramento maçônico, da qual destacarei o tópico seguinte:

"Os *juramentos maçônicos*, veja bem, exmo. senhor Amaral, eu até os *igualei* com os que há admissíveis no Estado, na Família e na própria Igreja! O senhor mesmo copiou essas palavras minhas! Será que a Igreja Cristã permite na sua vida privativa, peculiar, interna, o uso de *juras*, de *compromissos* de honra, ou de votos cristãos, como os há inadmissíveis? Ilícitos? Proibidos pela Palavra de Deus? Absurdo. Ora, se eu *igualei* os JURAMENTOS *maçônicos* a tais *juras*, é claro, é evidente, é curial que eu admito, admito mesmo, como maçon e cristão, que há na Maçonaria e na Igreja e

na Família e no Estado juramentos LÍCITOS e compatíveis com a profissão de fé cristã".

Aí está, clara e patente, a defesa que o cristão-maçon Rev. Galdino Moreira faz do juramento maçônico. Vamos agora fazer uma análise comparativa dos vários juramentos, para ver se é possível igualá-los (com exceção, para o Snr. Galdino, da jura comunista).

JURAMENTO ECLESIÁSTICO

O que há pròpriamente nas Igrejas Evangélicas é uma promessa. Vejamos as promessas feitas pelo candidato à profissão de fé, de acôrdo com o regime presbiteriano:

"Prometeis fazer diligência para obedecer à Palavra de Deus e de render ao Senhor o culto, amor e serviço a que tem direito, invocando sempre para êste fim o Espírito Santo?

— Prometemos.

Prometeis mais que, como membros desta igreja, vos sujeitareis à sua disciplina e às autoridades nela constituídas para seu ensino e govêrno, de conformidade com a Palavra de Deus?

— Prometemos". (12)

Vejamos agora as perguntas constitucionais, respondidas pelo Rev. Galdino Moreira, quando foi ordenado ministro do Santo Evangelho.

"1. — Credes que as Escrituras do Velho e Novo Testamentos são a Palavra de Deus, e que

(12) Manual de Culto pgs. 52-53.

esta Palavra é a única regra infalível de fé e prática?

R. — Creio, sim senhor.

2. — Recebeis e adotais sinceramente a Confissão de Fé e os Catecismos desta Igreja, como fiel exposição do sistema de doutrina, ensinado nas Santas Escrituras?

R. — Recebo, sim senhor.

3. — Aprovais e sustentais o govêrno e disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil?

R. — Sim senhor.

4. — Prometeis sujeitar-vos a vossos irmãos no Senhor?

R. — Prometo, sim senhor.

5. — Declarais que, segundo o conhecimento que tendes do vosso coração, procurastes o santo Ministério, movido a isso pelo amor a Deus, e pelo desejo sincero de promover a sua glória pelo Evangelho do Seu Filho?

R. — Sim senhor.

6. — Prometeis manter zelosa e fielmente as verdades do Evangelho, a pureza e a paz da Igreja, seja qual fôr a perseguição e a oposição que contra vós se levante por êste motivo?

R. — Prometo, com o auxílio de Deus.

7. — Prometeis que, como cristão e Ministro do Evangelho, sereis fiel e diligente no exercício de todos os vossos deveres pessoais ou relativos, particulares ou públicos; e vos esforçareis pela graça de Deus, para adornar a profissão do Evangelho por vossa conversação, e andar com exem-

plar piedade diante do rebanho sôbre que Deus vos constituir bispo?

R. — Prometo, com o auxílio de Deus.

8. — Estais pronto para tomar sôbre vós o cargo desta Igreja, de conformidade com a declaração que fizestes ao aceitar o seu convite? E prometeis que, com o auxílio de Deus, desempenhareis para com ela os deveres de Pastor?

R. — Sim, senhor, com o auxílio de Deus". (13)

Passemos agora a examinar o

JURAMENTO CIVIL

Uma promessa, ou juramento exigido pelo Estado é a do cidadão convocado para o Júri. E' assim descrita no "Código de Processo Penal", edição Saraiva, 3.ª edição, 1945, no Livro II, Cap. II, Secção IV, art. 464, pág. 153:

"Formado o conselho, o juiz, levantando-se, e com êle todos os presentes, fará aos jurados a seguinte exortação:

— "Em nome da lei, concito-vos a examinar com imparcialidade esta causa e a proferir a vossa decisão de acôrdo com a vossa consciência e os ditames da justiça".

Os jurados, nominalmente chamados pelo juiz, responderão:

(13) Manual de Culto pgs. 146-147.

— "Assim o prometo".

Outro juramento exigido pelo Estado é o chamado — Compromisso dos Recrutas:

"Incorporando-me ao Exército Brasileiro, prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades, a que estiver subordinado, respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas e com bondade os subordinados, e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria, cuja honra, integridade, e instituições, defenderei com o sacrifício da própria vida".

Vejamos agora o juramento anatematizado pelo Rev. Galdino, o

JURAMENTO COMUNISTA

O candidato aceito passa a ser considerado membro do Partido depois de prestar, perante a assembléia daquele organismo, o seguinte juramento:

"Prometo a mais fiel lealdade e completa dedicação aos sagrados interêsses da classe operária e do povo. Prometo, assim, trabalhar ativamente pela defesa da democracia e da paz, pela derrota definitiva do fascismo, pelo desaparecimento de tôdas as formas de opressão nacional e de exploração do homem, até o estabelecimento do socialismo. Com êste objetivo juro solenemente permanecer fiel aos princípios do Partido Comunista do Brasil; lu-

tar dentro do máximo de minha capacidade, que procurarei aumentar sempre, pela sua unidade e pelo seu crescimento; trabalhar, incansàvelmente, no cumprimento do seu programa". (14)

Finalmente, passemos em revista o

JURAMENTO MAÇÔNICO

O juramento do 1.º grau — Aprendiz — é o seguinte:

"Eu, F..., juro e prometo, de minha livre vontade, pela minha honra e pela minha fé, em presença do Supremo Arquiteto do Universo, que é Deus, e perante esta assembléia de maçons, solene e sinceramente, nunca revelar qualquer dos mistérios da Maçonaria que me vão ser confiados, senão a um bom e legítimo Irmão, ou em Loja regularmente constituída, nunca os escrever, gravar, traçar, imprimir ou empregar outros meios pelos quais possa divulgá-los.

Juro mais ajudar e defender aos meus Irmãos em tudo que puder e fôr necessário, e reconhecer como única Potência Maçônica legal e legítima no Brasil, o Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, ao qual prestarei obediência.

Se violar êste juramento, seja-me arrancada a língua, o pescoço cortado e meu corpo enterrado nas areias do mar, onde o fluxo e o refluxo me mergulhem em perpétuo esquecimento, sendo de-

(14) "Estatutos do Partido Comunista do Brasil", Cap. II, art. 8 pág. 10

clarado sacrílego para com Deus e desonrado para com os homens. Amém!" (15)

Juramento do 2.º grau — Companheiro: "Eu, F..., de minha livre e espontânea vontade, em presença de Deus Todo Poderoso e desta respeitável Loja erigida a Êle e dedicada a S. João Batista e a S. João Evangelista, solene e sinceramente, prometo e juro o que anteriormente jurei, mas com a adição de que não comunicarei os segredos de um Companheiro a um Aprendiz, nem os de um Aprendiz ao resto do mundo, nem êstes e nenhum dêles a nenhuma pessoa, ou pessoas, quaisquer que sejam, exceto a um verdadeiro e leal irmão maçon, ou dentro de uma Loja justa e legalmente constituída de Maçons, nem ainda a êste, ou a êstes, até que por estrita prova, devido a exame ou informação legal o encontre, ou os encontre, tão dignos quanto eu.

Solene e sinceramente juro e prometo que me sujeitarei e me regerei pelas Leis, regras e regulamentos de uma Loja de Companheiros, em tudo aquilo que chegar ao meu conhecimento.

Solene e sinceramente juro e prometo que responderei e obedecerei a todos os sinais e chamados que me sejam feitos por uma Loja de Companheiros Maçons, ou por um irmão dêste grau, se estiver dentro de minhas possibilidades fazê-lo.

Sincera e solenemente juro e prometo, que ajudarei, auxiliarei e assistirei a todo irmão Companheiro Maçon que esteja em necessidade, sempre que me procure e quando assim o considerar.

(15) "Ritual do 1.º Grau — Aprendiz", S. Paulo, 1933, págs. 34 e 35

Solene e sinceramente juro e prometo, que não enganarei e nem defraudarei a nenhuma Loja de Companheiros, nem a um irmão dêste grau a sabendas ou intencionalmente. Tudo isto do modo mais solene e sincero juro e prometo com a firme e constante resolução de cumpri-lo e executá-lo sem a menor restrição mental, equívoco ou evasiva de qualquer espécie, sob pena de que meu peito esquerdo seja aberto, o meu coração arrancado e lançado às feras e às aves de rapina, se chegar a violar ou deixar de cumprir, com conhecimento de causa ou intencionalmente, êste meu juramento de Companheiro Maçon. Assim Deus me ajude a cumpri-lo". (16)

Juramento do 3.º grau — Mestre. O primeiro juramento é feito quando o candidato passa pela cerimônia de exaltação a Mestre. Ajoelhado junto ao Altar dos Juramentos, o candidato diz:

"Eu, F..., juro por minha livre vontade e em presença do Grande Arquiteto do Universo e desta Loja, consagrada a São João da Escócia, nunca revelar os segredos do grau de Mestre, cumprir e fazer cumprir os deveres impostos aos Mestres. Se eu fôr perjuro, seja meu corpo dividido ao meio e uma parte lançada ao S.'. e outra ao S.'. e as minhas entranhas arrancadas e reduzidas a cinzas e estas levadas ao vento. Que o Grande Arquiteto do Universo me ajude a cumprir êste juramento".

O segundo juramento feito, quando o candidato já é considerado novo Mestre. Ajoelhado, com a mão direita sôbre a Bíblia, o novo Mestre jura:

(16) "Rito York", pág. 155

"Eu, F..., juro e prometo de minha livre vontade e em presença do Grande Arquiteto do Universo e desta Loja, consagrada a São João da Escócia, nunca revelar os segredos do grau de Mestre Maçon; cumprir e fazer cumprir tôdas as obrigações e deveres inerentes a êste grau. Se eu fôr perjuro, sèja meu corpo dividido ao meio e lançada uma parte ao S.'. e outra ao S.'., minhas entranhas arrancadas e reduzidas a cinzas e estas levadas ao vento. Que o Grande Arquiteto do Universo me ajude a cumprir êste juramento". (17)

Em cada grau o candidato deve fazer novos juramentos. Os que acima transcrevi, dão uma idéia das juras exigidas pela Maçonaria dos seus filiados.

Estão enfeixados no presente capítulo os vários juramentos exigidos pelas entidades citadas pelo Rev. Galdino, como sejam: Igreja, Estado, Comunismo e Maçonaria.

Por melhor que seja a nossa boa vontade, não há possibilidade de igualar tais juras, com exceção da jura comunista. E, entretanto, o Rev. Galdino Moreira escreveu: "Os juramentos maçônicos, veja bem, exmo. senhor Amaral, eu até os *igualei* com os que há admissíveis no Estado, na Família e na própria Igreja". E' possível a uma criatura, que não esteja inteiramente cega pela paixão, chegar a uma conclusão tal? Onde se fundou o pastor de Riachuelo, para chegar a esta ilação? Não atino. E S. Revdma. fêz questão de frisar: "Ora, se eu igualei os JURAMENTOS maçônicos a tais juras, (a do Estado, Família e Igreja) é claro, é evi-

(17) Ritual do Grau de Mestre Maçon, pág. 23 e 29

dente, é curial que eu admito, admito mesmo, como maçon e cristão, que há na Maçonaria e na Igreja e na Família e no Estado, juramentos lícitos e compatíveis com a profissão de fé cristã!" Só mesmo quem tem "a memória cansada" e "o miolo mole" (permita-me V. Revdma. que eu me utilize dêsses dois epítetos empregados por v.s. com referência à sua própria pessoa), pode chegar a esta lamentável e desconexa conclusão: o juramento maçônico é igual ao da Igreja, e, portanto, compatível com a profissão de fé cristã! Felizmente, para a Igreja de Cristo, V. Revdma. fêz uma ressalva: "Eu os igualei". Dou-lhe parabéns por assumir, corajosamente, a paternidade de tal igualação. Porque nem Cristo, nem a sua Igreja, jamais pensou em semelhante disparate.

Que motivos teriam levado V. Revdma. a defender obstinadamente o juramento maçônico, como lícito, e a condenar peremptòriamente o comunista, como ilícito? Se êste é condenado, com muito maior razão deveria ser também aqueloutro. Façamos um ligeiro estudo comparativo entre os dois juramentos e havemos de concluir que o juramento feito numa Loja é muito mais terrível que o feito numa célula.

O comunista promete a mais firme lealdade e completa dedicação aos sagrados interêsses da classe operária e do povo. O maçon faz o mesmo. Ao receber o grau 9.º — Mestre Eleito dos Nove — o candidato jura: "Prometo e me obrigo a prestar todo o meu apoio a tudo o que redunde na educação e ilustração do povo, a contribuir com todos os

meus esforços para extirpar o êrro e difundir a verdade; a propagar e a defender, mesmo com risco da própria vida, a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade humana,..." (18). E no grau 24.º — Príncipe do Tabernáculo: "Prometo defender a Soberania do Povo, coadjuvar na sua educação..." (19)

O comunista promete trabalhar pela defesa da democracia e da paz, pela derrota do fascismo, pelo desaparecimento de tôdas as formas de opressão nacional e de exploração do homem, até ao estabelecimento do Socialismo. O maçon também o promete. No grau 10.º — Ilustre Eleito dos Quinze —, o candidato diz: "Eu, F..., juro e prometo, perante o Grande Arquiteto do Universo, em presença dos meus irmãos e debaixo da abóboda de aço, alçada assim para proteger o leal como para castigar o perjuro, defender a causa dos oprimidos contra os opressores, da tolerância contra a intransigência,..." (20). No grau 11.º — Sublime Cavalheiro Eleito —, diz: "Juro proteger e defender o meu povo contra tôda exação ilegal, defender seus direitos e procurar seu bem estar e educação". (21) No grau 12.º — Mestre Arquiteto — "Eu, F..., juro e prometo, sob palavra de honra, inculcar e sustentar os princípios da mais pura moral quanto aos meios mais racionais e equitativos indicados pela ciência econômica para estabelecer no seio dos povos aquêles sistemas de tributação de acôrdo com

(18) Dicionário Enciclopédico de la Masoneria, Frau Abrines, 1947. tom. II, pág. 672
(19) Idem pág. 746
(20) Idem pág. 677
(21) Idem, pág. 681

as suas necessidades e aspirações, combatendo, sem descanso, a exploração do débil pelo forte, e, apoiando as justas aspirações de quantos propagam meios racionais para aumentar a riqueza pública e o bem estar dos cidadãos". (22)

O comunista jura permanecer fiel aos princípios do Partido Comunista do Brasil. O maçon faz idêntico juramento, referente à Maçonaria. No grau 1.º — Aprendiz —, jura: "Juro e prometo, pela minha fé e pela minha honra, cumprir a Constituição, o Regulamento Geral da Ordem e as leis e resoluções dos poderes competentes e bem assim o regulamento particular e deliberações desta Augusta Loja, reconhecendo o Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, como única potência maçônica legal e legítima no Brasil. Assim Deus me ajude". (23) No grau 4.º — Mestre Secreto: "Prometo obediência aos mandatos do Supremo Conselho do grau 33.º para..., aos Estatutos do mesmo e aos particulares a êste Sublime Capítulo". (24) No grau 30.º — Cavaleiro Kadosh: "Juro cumprir e fazer cumprir os Estatutos e Regulamentos Gerais do Grande Oriente..., nossa Constituição Fundamental e o regulamento interno dêste Grande Conselho". (25) No grau 31.º: Juro obedecer e fazer obedecer tôdas as leis e regulamentos da Maçonaria Universal e os especiais e particulares do nosso Grande Oriente". (26) No grau 33.º: "Juro seguir fielmente os Estatutos Particu-

(22) Op. cit., pág. 685
(23) Ritual do 1.º Grau, pág. 18
(24) Dicionário Enciclopédico de la Masoneria, Tom., II, pág. 651
(25) Op. cit., pág. 779
(26) Op. cit., pág. 784

lares, a Constituição, os Regulamentos internos dêste grau e Supremo Conselho, assim como os gerais da Ordem". (27)

O comunista promete "lutar dentro do máximo de minha capacidade, que procurarei aumentar sempre, pela sua unidade e pelo seu crescimento; trabalhar incansàvelmente, no cumprimento do seu programa". O maçon faz jura idêntica. No grau 20.° — Mestre ad-vitam — diz: "Juro e prometo pela minha honra, propagar e sustentar os princípios da Igualdade, o gôzo dos direitos naturais, a liberdade de ensino e de pensamento e difundir a VERDADEIRA LUZ, onde quer que me encontre;..." (28). No grau 27.° — Comendador do Templo: "Juro e prometo ensinar e sustentar as leis fundamentais da verdadeira Liberdade, sacrificando-me pelo bem da Sociedade profana, com o fim de conservar a pureza e a integridade de uma Constituição que proclame aquelas leis e contribua para a defesa e triunfo da nossa Ordem e para o prestígio de suas autoridades..." (29) No grau 30.°: "Juro igualmente velar pela grandeza da Ordem e pelo bem estar de todos os maçons em geral. Juro propagar entre os maçons e entre os profanos as verdades úteis ao progresso social". (30) No grau 33.°: "Juro velar e trabalhar, noite e dia, pelo bem da Ordem, por sua maior prosperidade e sua maior extensão". (31)

Até aqui, Rev. Galdino, onde a diferença para

(27) Op. cit., pág. 793
(28) Op. cit., pág. 730
(29) Op. cit., pág. 759
(30) Op. cit., pág. 779
(31) Op. cit., pág. 793.

se considerar um lícito e outro ilícito? Não caminham ambos pari-passu? Entretanto, forçoso é convir, o juramento comunista faz ponto final aqui, enquanto o maçônico continua a sua marcha tétrica... Vamos acompanhá-lo até o fim, Reverendo? "Se violar êste juramento, seja-me arrancada a língua, o pescoço cortado e meu corpo enterrado nas areias do mar, onde o fluxo e o refluxo me mergulhem em perpétuo esquecimento, sendo declarado sacrílego para com Deus e desonrado para com os homens. Amém!" Ou, o do 3.º grau: Se eu fôr perjuro, seja meu corpo dividido ao meio e lançada uma parte ao S.'. e outra ao S.'., minhas entranhas arrancadas e reduzidas a cinzas e estas levadas ao vento. Que o Grande Arquiteto do Universo me ajude a cumprir êste juramento".

Convido o Rev. Galdino a fazer uma ligeira pausa para meditação. E agora, com calma, nervos descansados, relembre os juramentos que V. Revdma. já prestou na Maçonaria e releia o que escreveu: "Porque, se eu condenei e condeno o juramento exigido pelo Partido Comunista, dei a seguir a seguinte razão, e lá está nas próprias palavras que o senhor copiou e tresleu: "E' juramento de SUBMISSÃO ao Partido... é ENTREGA a êle da CONSCIÊNCIA CRISTÃ, *que só pertence a N. S. Jesus Cristo*". É, pois, juramento ilícito, na forma e no fundo. Ora, no caso das JURAS maçônicas não há ilicitude, pois aí não se exige nada contra a consciência cristã; ao contrário, a Maçonaria estipula, constitucionalmente, absoluto respeito à consciência do homem (sic)". Não

estaria V. Revdma. em estado de transe quando escreveu êsse fatídico folheto? Se o juramento maçônico não é de submissão à Ordem, então eu desconheço o que seja juramento de submissão. Quando, ao receber o grau de Aprendiz, V. Revdma. jurou: "Eu, Galdino Moreira, juro e prometo, de minha livre vontade, pela minha honra e pela minha fé, em presença do Supremo Arquiteto do Universo, que é Deus, e perante esta assembléia de maçons, solene e sinceramente, nunca revelar qualquer dos mistérios da Maçonaria que me vão ser confiados,... etc., etc.", porventura não se submeteu V. Revdma. à Ordem e não lhe entregou inteiramente a sua consciência cristã, que só devia pertencer a N. S. Jesus Cristo? Quando acuso V. Revdma. de tão flagrante contradição, ingênuamente me responde: "Nos dois casos que o senhor citou, não me contradigo"!!! E desbraga a pena para o insulto costumeiro: "Logo, quando o senhor uniu temas diferentes, como iguais, quando o senhor não distinguiu o que eu próprio distingui, quando o senhor não separou o que eu separei e separo, quando o senhor tomou o que eu disse ser ilícito como o que eu disse ser lícito, quando o senhor agarrou o preto e o branco e pôs tudo numa côr única, o senhor fêz de duas uma — ou má fé deliberada, ou tremenda pressa leviana em concluir. Fôsse como fôsse..."

Má fé deliberada! Pressa leviana em concluir! Não se pasme, distinto leitor, da ousadia do teólogo de Riachuelo! Que de lições preciosas não encerra o brocardo popular: Gato ruivo, do que usa

cuida... Como é cândido o nosso Reverendo! Eu uni temas diferentes, como iguais! Quando o meu trabalho foi outro: revelar a coragem de um ministro do santo Evangelho em coar um mosquito e engulir um camelo, isto é, atacar veementemente o juramento comunista e defender, mais que defender, igualar o juramento maçônico ao da Igreja Cristã!

E' inconcebível que um crente em nosso Senhor Jesus Cristo preste as juras maçônicas, usando, de livre e espontânea vontade, o três vezes sacrossanto nome de Deus. Há um êrro moral na primeira parte de cada juramento maçônico. Nenhum homem pode comprometer-se, por juramento, a guardar segrêdo do que ainda não lhe foi revelado, sem renunciar a sua liberdade moral. Quem o faz, tem o seu futuro comprometido, porque de ora avante a sua vontade está prêsa a um curso pré-determinado de conduta. E isto é arrancar a lei moral de Deus escrita no coração. O crente maçon pode alegar, em sua defesa, que os mistérios revelados eram bons. Convenhamos que assim seja; mas, se, pelo contrário, o que lhe foi revelado é algo iníquo que deva ser divulgado, o crente ver-se-á prêso à sua própria palavra de honra, pois não o pode divulgar. Terá diante de si esta dupla alternativa: ou sufocar a voz da consciência, ficando calado, ou obedecer à ordem do dever, revelando aquilo que soube. Mas o crente possuidor da verdadeira e única liberdade, — "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (32), abdicou êste sagrado privilégio, tornando-se escra-

(32) S. João, 8:36

vo de obrigações que não conhecia. E da natureza dêsses deveres, foi prèviamente avisado antes de ser recebido maçon. "O primeiro, é um silêncio absoluto acêrca de tudo quanto ouvirdes e descobrirdes entre nós, bem como tudo quanto para o futuro chegueis a ouvir, ver ou saber. O terceiro dos vossos deveres, e a cujo cumprimento só ficareis obrigado depois da vossa iniciação, é o de conformar-vos em tudo com as nossas leis e de submeter-vos ao que vos fôr determinado em nome da associação, em cujo seio desejais ser admitido" (33). Além disto, a espada de Dâmocles pesa sôbre a sua cabeça: "Êste clarão pálido e lúgubre é o emblema do fogo sombrio que há de alumiar a vingança que preparamos aos cobardes que perjuram. Essas espadas, contra vós dirigidas, estão nas mãos de inimigos irreconciliáveis, prontos a embainhá-las no vosso peito se fôrdes tão infelizes que violeis o vosso juramento. Em qualquer lugar do mundo em que vos refugiásseis, encontraríeis perseguição e castigo, e a tôda parte levaríeis a vergonha do vosso crime. O sinal de vossa reprovação vos precederia com a rapidez do relâmpago e aí acharíeis maçons inimigos do perjúrio e a mais terrível punição". (34)

Por êste motivo Demonax não quis iniciar-se. Dizia êle que se os mistérios fôssem maus, havia de combatê-los, e se bons, considerava seu dever divulgá-los. (35) E o crente em Jesus devia ser mais cuidadoso ainda, em virtude do aviso solene exara-

(33) Ritual do Aprendiz, pág. 27
(34) Idem, pág. 35
(35) Los Arquitetos, pág. 81

do nas páginas sacrossantas da Palavra de Deus: "Se alguém jurar temeràriamente com os seus lábios fazer o mal ou fazer o bem, seja o que fôr que o homem pronuncie temeràriamente com um juramento, e lhe fôr oculto; quando o souber, será culpado nestas cousas". (36)

Outro efeito moral deletério, resultante do primeiro, do qual nenhum maçon pode escapar, é o seguinte: o compromisso de guardar segredos de cousas ainda não reveladas, produz paralisia parcial da visão moral; e, esta, disse alguém, é a penalidade que deve ser paga por todos aquêles que colocam o véu da Loja sôbre os olhos da alma.

O segrêdo da Loja, por sua própria natureza, gera um ambiente de desconfiança entre os membros da Ordem. Há questões a que nenhum maçon jamais responderá diretamente. Está sempre em guarda para esconder alguma cousa. Êste constante esfôrço para esconder um segrêdo, cria um hábito, uma tendência fixa de caráter. O indivíduo perde, inevitàvelmente, a capacidade de ser franco. Nunca se pode ter certeza da verdade das afirmações de um maçon em assuntos que interessam à Maçonaria. O seu julgamento é controlado e os seus lábios fechados pela severa imposição da Loja. Em tal atmosfera não pode reinar sinceridade, bem como não há lugar para uma discussão viril, privada ou pública, sôbre questões de interêsse geral. Sente-se, a todo o instante, prisioneiro de sua própria palavra. Onde quer que esteja, deve ter sempre presente: "Haveis jurado

(36) Levítico, 5:4

silêncio absoluto, e não se deve chamar homem quem não cumpre os seus juramentos. Se sois maçon, guardai silêncio absoluto, pois que ouvidos profanos vos escutam. Lembrai-vos dos vossos juramentos. Maçon: o que te escuta te venderá. Guarda os segredos da Maçonaria para ti mesmo. A palavra é prata, o silêncio é ouro; acumulai êste último, guardando silêncio sôbre tudo o que virdes e ouvirdes em vossa Loja. Honrai os vossos juramentos. O primeiro dever de um maçon é um silêncio absoluto. Se não cumprirdes o vosso juramento, a vossa língua será arrancada, ao serdes expulso da Ordem. Se não quiserdes sofrer as conseqüências, mantende segrêdo a respeito de tudo o que ocorrer na Loja". (37)

V. Revdma., senhor Galdino Moreira, escreveu: "a consciência cristã só pertence a N. S. Jesus Cristo". Muito bem, reverendo. Estou de pleno acôrdo. O primeiro elemento de uma vida cristã é lealdade pessoal a Jesus Cristo, como Salvador, Mestre e Senhor. Tôda espécie, pois, de juramento secreto envolve deslealdade ao Mestre. Ninguém pode tornar-se membro de uma Loja maçônica, sem violar alguns dos ensinos de Cristo sôbre a luz, a franqueza de caráter, a pureza de associação, o ato de evitar juramentos, o amor universal e a fraternidade. O espírito integral de sua missão e de seu ministério se põe em guarda à porta de cada Loja e diz: Não pode ser puro de coração, quem aqui entra. "Eu nada vos disse em secreto".

O sistema maçônico contém uma negação ra-

(37) "Los Treinta y Tres Temas del Aprendiz Mason" págs. 209 e 210

dical, contínua e prática de Jesus Cristo, em tôdas as suas relações. "A Loja é a Salvadora, é a grande Mestra; a Loja é o Senhor Soberano; a Loja prepara os homens de todos os credos e de tôdas as espécies para a grande Loja de Cima — a Pátria Celeste". Todo aquêle que, embora crente professo, nega assim o seu Salvador e Senhor na prática, ao submeter-se a uma instituição que reivindica o direito de fazer pelos homens aquilo que sòmente Cristo pode fazer, não merece a confiança de ser leal, em tudo o que realmente mereça o nome de lealdade. Ou o espírito da verdadeira lealdade pereceu de todo no seu coração, ou, então, está amarrado de mãos e pés. De fato, está amarrado. Eis o que diz um Manual de Aprendiz, sôbre o juramento de sangue: "O fato de "estar disposto a firmar com sangue" o juramento maçônico, significa que está disposto a aderir com todo o seu ser, e de um modo permanente e inviolável, aos Princípios e Idéias da Ordem, fazendo dêles carne de sua carne, sangue de seu sangue e vida de sua vida". (38)

O crente que, tendo a iluminação da verdade divina, a influência poderosa do Espírito Santo, o conhecimento salvador de Cristo, resolve ser filho leal do secretismo, torna-se duas vêzes mais filho das trevas e do êrro, do que o maçon não cristão que nunca teve conhecimento experimental de Jesus Cristo.

Outro perigo que corre o crente que fêz o juramento maçônico. Sendo chamado a depor como

(38) "Manual del Aprendiz" Magister, pág. 101

testemunha, promete revelar "a verdade, tôda a verdade e nada senão a verdade"; mas em outra ocasião e lugar jurou não revelar nada do que lhe fôsse confiado. As duas cousas podem entrar em conflito. A promessa de secretismo pode direta ou indiretamente cobrir fatos que o juramento judicial inclui "em tôda a verdade". A que promessa o crente maçon será fiel? Em vez de sentir o pêso da presença divina, a pessoa sob a operação dupla e oposta desta sanção, responderá ou guardará silêncio, conforme a circunstância favoreça ou prejudique à Ordem, à qual pertence. O cristão pode permanecer em tal estado sem que a sua honra corra perigo? Sentir-se-á a Igreja segura diante de uma tal ameaça?

Procurando eximir-se da responsabilidade assumida, o crente maçon afirma que o juramento não tem o significado que lhe querem atribuir. Certa ocasião, o Rev. A. C. Dixon, ex-maçon, conversando com um senhor a respeito do juramento, obteve o seguinte esclarecimento: "Êle não tem significado algum. E' verdade que nos sujeitamos a êsse ritual; entretanto, não significa cousa nenhuma". E o ministro, surprêso com o que acabara de ouvir, disse-lhe: "Não significa cousa nenhuma? Se isso é verdade, o senhor é réu da mais vil blasfêmia, pela qual alguém já foi condenado; isto é, no caso de ter jurado fazer algo terrível, sem, entretanto, dar-lhe o devido valor. Se der o valor que tem, é um assassino; caso contrário, um blasfemo". A nossa Confissão de Fé, Rev. Galdino, é bastante clara a respeito. Ela pontifica: "Quem

vai prestar um juramento deve considerar refletidamente a gravidade do ato tão solene e nada afirmar de cuja verdade não esteja plenamente persuadido, obrigando-se tão sòmente por aquilo que pode e está resolvido a cumprir". (39).

E o juramento é feito em nome de Deus! Lembra-se, Reverendo, do terceiro mandamento: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão?" V. Revdma. escreveu algo a respeito: "Êste mandamento condena tôda e qualquer irreverência para com a Divindade e tudo quanto com ela se relacione. Condenam-se nêle a BLASFÊMIA, o JURAMENTO FRÍVOLO (o versal é meu), o perjúrio, a profanação das cousas santas, os anátemas, as imprecações, as palavras ociosas, a linguagem leviana, a prática de idéias supersticiosas, como mágicas, sortes, adivinhações, azares, destinos, feitiçarias, enfim, tôda e qualquer forma de hipocrisia". (40)

O crente evangélico não entrega a sua consciência a ninguém, escreveu V. Revdma.. E, sàbiamente, escreveu o saudoso Eduardo Carlos Pereira, nessa mesma linha: "Não podemos, pois, sem gravíssimo pecado, entregar ou hipotecar nossa consciência à Maçonaria. E' um compromisso perigosíssimo em que o crente renuncia à liberdade dos filhos de Deus e se prende não só ao jugo com os *infiéis*, mas cousa pior — AO JUGO DOS INFIÉIS! Sua regra de prática não é mais exclusivamente a Palavra de Deus: é o terrível juramen-

(39) "Confissão de Fé" pág. 56
(40) "Curso Superior", Galdino Moreira, 1.º Trim. 1938, pág. 29

to que prestou — é a Maçonaria! Sua vida moral, seu procedimento é, em muitos casos, inspirado não pela sua fé nos mandamentos de Deus, mas pelas regras imperiosas de uma sociedade secreta! Êle é infelizmente um escravo que renunciou voluntàriamente, em dadas circunstâncias, sua preciosa liberdade cristã, sob horrorosa ameaça de morte. E, para esta renúncia criminosa, para selar êste pacto de escravidão, invocou êle sacrìlegamente a presença majestosa de Deus". (41)

(41) "A Maçonaria e a Igreja Cristã", 2.ª edição, págs. 91 e 92

SEGREDOS E PARTICULARIDADES PRIVADAS

Não foi feliz também o senhor Galdino Moreira ao defender o secretismo maçônico. Escreveu S. Revdma.: "Se a Maçonaria propõe símbolos privativos, sinais privativos, fórmulas privativas, que mal vai nisto? Cada um manda em sua casa e tem os seus segredos, a sua discrição, as suas particularidades". Esta defesa do secretismo veio contradizer aquilo que, no mesmo ano, escrevera numa revista da Escola Dominical, e que passo a transcrever: "Publicidade oportuna. Note-se que o profeta fêz tudo, no Carmelo, com absoluta clareza, publicidade e à vista de todos. Reuniu o povo e propôs-lhe o assunto com minudentes explicações de tudo (I Reis 18:20-22). No culto de Deus não há nada oculto, nem SECRETO. A publicidade da fé, do Evangelho, da vida eclesiástica das comunidades cristãs, da conduta dos crentes e de todos os movimentos cristãos é absoluta condição do êxito da religião de Cristo. Precisamos imitar o profeta que não escondeu nada, nem agiu

com subterfúgio, nem teve receio de sua experiência de heroísmo espiritual". (42)

Abespinhou-se, novamente, o Rev. Galdino. Considera o meu ato de provar a contradição patente, de punhalada, e, acrescenta: "Logo, esta acusação do senhor, feita sem pé nem cabeça, sem distinguir o que foi e é distinto, é nula e clamorosamente falsa. Não procede". E tentando uma saída, continua: "Pois seria eu um louco se condenasse segredos, reservas, particularidades privativas que existem na vida, nas sociedades e nas relações humanas. Segredos, particularidades privativas, íntimas e assuntos pessoais ou de grupos, sempre houve. O senhor os tem, eu tenho, tôda gente tem. A Maçonaria adota mesmo segredos e particularidades em alguns assuntos doutrinários, disciplinares, internos e privativos de seus associados, nos quais não há nada ILÍCITO nem contra a consciência cristã ou a dignidade individual, conforme dou testemunho de ciência própria".

Nem tudo o que é desconhecido é segrêdo. Deve-se fazer distinção entre o que é secreto e o que é privativo. Quase tôdas as relações da vida têm as suas particularidades privativas. Em tôdas as famílias e sociedades comerciais há determinadas cláusulas que seria loucura revelar. Não se deve, porém, confundir estas particularidades privativas com os segredos que são a marca distintiva das Lojas. Não se discute o fato da necessidade de sermos circunspectos sôbre aquilo que vamos falar. Como é desagradável quando um membro da famí-

(42) Revista do Curso Popular, 2.º Trim., 1947, pág. 13

lia tem o vêzo de publicar tudo o que se faz e se fala em família! Entretanto, não seria benquista na redondeza a família, cujos membros sempre fôssem silenciosos em problemas familiares; seria, naturalmente, objeto de desconfiança se todos os seus membros se tornassem conhecidos como pessoas que juraram guardar o mais absoluto segrêdo, sôbre os seus problemas. E' inconcebível que alguém ouse traçar um paralelo entre as particularidades privativas existentes na família e as da Maçonaria. Uma é natural; outra, artificial. Os assuntos particulares da família são formados pelo parentesco; os segredos da Maçonaria, entretanto, dão norma e caráter ao parentesco. Aquêles mudam sempre, adatando-se às diferentes situações; êstes, porém, são fixados por ocasião do ingresso e permanecem imutáveis. Os primeiros tornam-se laço de união, quando o membro da família tem os seus privilégios e responsabilidades aumentados; os últimos acorrentam o candidato, como condição, sine qua non, de obter privilégios. Os primeiros não dependem da nossa admissão ao círculo, mas aumentam quando as circunstâncias o exigem; os últimos encontram o candidato à porta de ingresso, ou à porta de cada novo privilégio. A revelação indiscreta de assuntos privativos à família não tem outra penalidade a não ser a que diga respeito às conseqüências da revelação; os segredos das lojas são ligados a terríveis penalidades. As cousas pròpriamente classificadas como assuntos privativos, quer os de família, quer os de sociedade comercial, podem tornar-se matérias próprias para divulgação, porque

são apenas inerentes às circunstâncias e não à organização;. os segredos que o neófito encontra à porta de admissão, são inerentes à natureza da organização, e, uma vez revelados, abrem a porta para todos, podendo dissolver o corpo organizado... Os segredos de família, ou de organizações comerciais, são assuntos de honra e não necessitam da obrigação de juramentos impostos; os segredos que o neófito encontra à porta de entrada, são divulgados depois de solene e terrível juramento, sob ameaça de inconcebíveis penalidades.

Os homens maus amam as trevas porque as suas obras são más. O ladrão, o sedutor, o assassino, o falsificador e o traidor são, necessàriamente, adeptos do secretismo, porque as suas obras são condenáveis. O secretismo entra em choque com os ensinamentos de Cristo. A Bíblia é clara a respeito.

"E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquêle que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus". (43)

"Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida". (44)

"E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as. Porque o que

(43) S. João, 3:19-21
(44) Idem, 8:12

êles fazem em oculto até dizê-lo é torpe. Mas tôdas estas coisas se manifestam, sendo condenadas, pela luz, porque a luz tudo manifesta". (45)

"Jesus lhe respondeu: Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se ajuntam, e nada disse em oculto". (46)

"As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus, porém as reveladas são para nós e para nossos filhos para sempre, para cumprirmos tôdas as palavras desta lei". (47)

Terminamos êste capítulo com as palavras do Rev. Galdino: "No culto de Deus não há nada oculto nem secreto. A publicidade da fé, do Evangelho, da vida eclesiástica das comunidades cristãs, da conduta dos crentes e de todos os movimentos cristãos é absoluta condição do êxito da religião de Cristo".

(45) Efes., 5:11-13
(46) S. João, 18:20
(47) Deut., 29:29

A MAÇONARIA É RELIGIÃO?

Na segunda observação de sua réplica contundente, o Rev. Galdino Moreira escreveu: "No primeiro trecho, condeno segredos na Religião, no Evangelho, no Culto Cristão, em matérias eclesiásticas. No segundo, admito segredos na Maçonaria. Diga-me: Maçonaria é Culto? E' Religião? E' Evangelho? E' sistema eclesiástico? Não. Não é, nunca foi. Logo, as duas cousas são diferentes, são o reverso uma da outra!"

Meu caro Reverendo, convido-o a ler e, em seguida, a reler aquilo que escreveu e, depois, a meditar profundamente no parágrafo seguinte: "LOGO, AS DUAS COUSAS SÃO O REVERSO UMA DA OUTRA!" Esta afirmação exarada à página 8 da réplica é, entretanto, invalidada, logo mais, à página 11, por V. Revdma., quando afirma: "A Maçonaria é um FRUTO do Cristianismo. *Voluntàriamente ou não, ela* ENCARNA NO SEU IDEAL MAÇÔNICO — (o de fazer ao próximo o maior bem, explico) —, o Cristianismo de Cristo". E querendo dar-me lição de mestre sôbre origens da Maçonaria e ideal maçônico, continua V. Revdma.:

"Vê a diferença, senhor Amaral, e diferença como entre água e vinho? Algumas ou grandes ORIGÊNS da Maçonaria são pagãs. Certo. Mas, na Maçonaria, assim originada remotamente, existe um IDEAL cristão, uma *influência* cristã, um *fruto* cristão, uma *conseqüência* cristã, voluntàriamente ou não. E' o fato. Pouco importam as origens pagãs da Maçonaria. O que ela chegou depois a ser e agora é — encarna o *fruto* do ideal Cristão. Sim, a Maçonaria começou pagã, e com isto concordo plenamente. Mas, não ficou no paganismo. Evoluiu, cresceu, corrigiu-se e acabou recebendo, no tempo próprio, tal influência do Cristianismo, que o ideal maçônico hoje é FRUTO do Cristianismo, quer queira ou não o senhor Amaral. Ora, eu tratei do FRUTO e o Rev. Lira das ORIGENS. Êste falou sôbre o INÍCIO remoto da Maçonaria; eu falei sôbre a Maçonaria existente. Onde a contradição? Onde o conflito? Onde a incoerência? Não vê, senhor Amaral, que aí estão duas cousas absolutamente separadas e diferentes? Vou exemplificar, para esclarecer. Eu digo que tive ORIGENS RELIGIOSAS pagãs, romanistas, mundanas, sem fé e sem Deus. Minhas origens espirituais foram péssimas em religião. Mas, acabei recebendo a INFLUÊNCIA benfeitora do Cristianismo de Cristo e hoje sou um FRUTO dêsse Cristianismo, uma INFLUÊNCIA dêle, uma CONSEQÜÊNCIA dêle. Está certa a frase ou não? Está. Perfeitamente certa. Pois o caso, em que o senhor Amaral me achou em briga com o Rev. Lira, é idêntico, é igual, é do mesmo sentido! OS ORIGENS da Ma-

çonaria, *em grande parte*, são pagãs, afirma o Lira. A Maçonaria, hoje, querendo ou não, pouco importa, é FRUTO do Cristianismo no seu *ideal Maçônico*, declarei eu. Onde o conflito? Onde a contradição? Onde o absurdo? Não existe. Logo, ainda neste ponto o senhor falta com a verdade".

Leu com bastante atenção, Reverendo? E parodiando o evangelista Filipe ao se aproximar do carro do etíope, poderia eu perguntar, grave e teològicamente: "Entende V. Revdma. o que escreve?" Chama-me de mentiroso por apresentar as suas inconfundíveis contradições; e, querendo defender-se, acaba por cair em contradição ainda mais grave! Escreve V. Revdma. que: "as duas cousas são diferentes, são o reverso uma da outra", e, depois, vem afirmar, garrafalmente, que a Maçonaria é fruto do Cristianismo. E diz mais: é fruto do Cristianismo, quer queira ou não o senhor Amaral. Pobre de mim! guindado por quem me arremessou ao ínfimo. Minhas sejam as palavras do apóstolo Paulo: "Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não sòmente tu (a Maçonaria), mas também todos quantos hoje me estão ouvindo, se tornassem tais qual eu sou." (48)

"São o reverso uma da outra!" E foi V. Revdma. quem escreveu: "A Maçonaria é o fruto. O Cristianismo é a árvore santa que dá êsse fruto. Porque, na verdade, o que encarna o ideal maçônico não é nada senão conseqüência, voluntária ou não, consciente ou não, pouco importa, do puro, verdadeiro, apostólico e bíblico Cristianismo de

(48) Atos 26:29

Cristo. Foi na fonte oriental, simbólica, ingênua, tocante e inspirada da Escritura que a Maçonaria foi beber a linfa sã e clínica que lhe enfeita os conceitos, símbolos, poemas, hinos, ritos, vestes, sinais, desejos, obras, realizações. A Maçonaria nasceu sob o signo da atmosfera oxigenada que a Fé divina e cristã espelha há milênios pelo mundo sofredor e desesperado. O berço de uma é embalado pelas mãos invisíveis da outra". (49)

Na minha carta aberta provei a incoerência entre afirmativas de V. Revdma. e do prof. Lira. Êste afirmara as origens pagãs da Ordem e o senhor defendia a origem cristã, ao declarar que nascera sob o signo da atmosfera oxigenada pela fé cristã, e que o berço de uma (Maçonaria), foi embalado pelas mãos invisíveis da outra (a Fé cristã). E chama-me de mentiroso, apesar de confessar: a Maçonaria começou pagã, e com isto concordo plenamente! Mas, o que me interessa neste capítulo, Rev. Galdino, não são as suas contradições, mas sim saber se a Maçonaria é ou não é Religião. V. Revdma. afirma categòricamente que não: "Maçonaria é Culto? E' Evangelho? E' sistema eclesiástico? Não. Não é, nunca foi". Mas, em que ficamos? E' ou não é? Ora V. Revdma. diz que sim, ora diz que não. Quando é que devo dar crédito à afirmação de V. Revdma? Quando diz sim, ou quando diz não? Aqui diz: A Maçonaria não é religião; nunca foi. Ali já afirma: é FRUTO do Cristianismo; existe nela um ideal cristão; uma influência cristã, uma conseqüência cristã. E

(49) Uma Obra Primorosa, pág. 8

exemplifica com um exemplo pessoal: "Eu digo que tive ORIGENS RELIGIOSAS pagãs, romanistas, mundanas, sem fé e sem Deus. Minhas origens espirituais foram péssimas em religião. Mas, acabei recebendo a INFLUÊNCIA benfeitora do Cristianismo de Cristo e hoje sou um FRUTO dêsse Cristianismo, uma INFLUÊNCIA dêle, uma CONSEQÜÊNCIA dêle". — Em outras palavras: V. Revdma. tinha origens religiosas pagãs; aceitou a Cristo e tornou-se fruto do Cristianismo; é, portanto um cristão. Ora, a Maçonaria teve origens pagãs, mas evoluiu, cresceu, corrigiu-se e acabou recebendo, no tempo próprio, tal influência do Cristianismo, que o ideal maçônico hoje é fruto do Cristianismo; logo, a Maçonaria é... cristã? A conclusão devia ser fatalmente esta, mas... não é! "São o reverso uma da outra!" E não obstante V. Revdma. escreveu: "A Maçonaria não é Cristianismo; o Cristianismo não é Maçonaria. Ambos são o que são, no seu lugar, na sua estrutura, na sua origem, nas suas finalidades, nos seus estatutos, nos seus limites, na sua razão-de-ser. Não brigam entre si. Não colidem. Não usurpam terrenos um do outro. Não se contrariam. Absolutamente não". (50) E quem diria que a "pena de ouro" de V. Revdma. depois de ter afirmado isto, iria escrever: "Logo, as duas cousas são diferentes, são o reverso uma da outra". Tenha paciência, Reverendo, mas isto até parece brincadeira...

A Maçonaria é o fruto (não contente em afir-

(50) Idem, pág. 8

mar que é *um fruto*, emprega V. Revdma., em outro parágrafo da mesma página 8 da Réplica, enfàticamente, o artigo *o*, *o fruto*), do Cristianismo... Mas, não é religião, não é Evangelho, não é culto, não é sistema eclesiástico, não é... E' um fato que deve interessar sobremaneira os estudiosos de botânica. E' uma verdadeira monstruosidade; um caso verdadeiramente teratológico. A árvore é diferente do fruto que produziu! Jesus Cristo, certa vez se referiu a êste caso, mas para mostrar exatamente a impossibilidade de tal fato. Disse o Mestre: "Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?" (51) V. Revdma., exegeta eminente, sabe que a pergunta feita por Cristo, exige enfàticamente uma resposta negativa. Entretanto, na prática, V. Revdma. discorda do Mestre, pois quer que o fruto seja diferente da árvore mãe. "A Maçonaria é o fruto. O Cristianismo é a árvore santa que dá êsse fruto. Porque, na verdade, o que encarna o ideal maçônico não é nada senão conseqüência, voluntária ou não, consciente ou não, pouco importa, do PURO, VERDADEIRO, APOSTÓLICO E BÍBLICO CRISTIANISMO DE CRISTO". (O versal é meu). Se a Maçonaria *fôsse* fruto do Cristianismo, deveria, de fato, encarnar o puro, verdadeiro, apostólico e bíblico Cristianismo de Cristo. Mas, e é V. Revdma. quem pergunta: "A Maçonaria é Culto? E' Religião? E' Evangelho? E' sistema eclesiástico? Não. Não é, nunca foi. Logo, as duas cousas são diferentes, são o reverso uma

(51) S. Mateus, 7:16

da outra". Em que cipoal foi V. Revdma. se enroscar, não senhor Galdino?

Deixemos de lado as incoerências de V. Revdma., e entremos no âmago da questão. A Maçonaria é Culto? E' Religião?

Eduardo Carlos Pereira escreveu: "Ela (a Maçonaria) tem templos, altares, orações, louvores, ações de graças, hinos, turíbulos, incensos, festas anuais de S. João, ritos simbólicos de purificação, ou batismo dos adultos e de menores, uma espécie de santa-ceia, serviço fúnebre, enterros maçônicos, sufrágios pelos mortos, ministros oficiantes nos diversos ritos, imagens ou representações simbólicas da Divindade". (52) Pergunto a V. Revdma.: A Maçonaria tem todos êsses atributos, ou não tem? V. Revdma. confirma, em parte, quando escreve: "Há na Maçonaria anseios de fé, gritos de esperança, reflexos da imortalidade, poemas de amor, hinos de espiritualidade, cópias de verdades reveladas, a busca do bem, uma quase imitação de fórmulas bíblicas. (53) Jorge Buarque Lira foi bem mais explícito que V. Revdma. Diz êle: "*Sim, tudo isso existe,* em parte, na Maçonaria, mas não com o caráter de religião que lhe quis dar o irmão adversário... As orações, louvores, ações de graças e hinos são expressões dalma agradecida ou súplice diante de bênçãos ou das necessidades que, independentemente de religião, tôdas as criaturas devem ter; turíbulos e incensos também não se usam exclusivamente para exprimir sentimentos religio-

(52) A Maçonaria e a Igreja Cristã, pág. 11 e 112. 2a. edição
(53) Uma obra Primorosa, pág. 8

sos; os ritos simbólicos de purificação ou batismo dos menores e adultos têm sua significação ùnicamente limitada aos fins gerais da Instituição — não se fazem em nome da Santíssima Trindade, e por isso mesmo não podem ter o significado religioso que há em qualquer religião; a cerimônia da ceia, que o nosso opositor chama "espécie de santa ceia" ou de "arremêdo profano do sacramento da Santa Ceia do Senhor", foi, outrora, uma cerimônia em que os Cav. Rosa-Cruzes comemoravam a paixão e morte de N. S. Jesus Cristo, como a maior vítima do despotismo de sua época; esta cerimônia, a despeito de não ter a significação religiosa que tem o Sacramento da Eucaristia na Igreja Cristã e na Igreja Católica, tem sido substituída por um simples ágape, expressão de fraternização, devoção e sacrifício às grandes causas da humanidade; no serviço fúnebre, enterros maçônicos, etc., — o cerimonial obedece à crença do Irmão falecido;... (54)

Leu com atenção, Reverendo, o que o seu querido "irmão" Lira escreveu? Em vez de desmentir as afirmações do Rev. Eduardo, confirma-as plenamente: "Sim, tudo isso existe". Batismo também há, de menores e de adultos, mas... sem significado religioso, pois não é feito em nome da Santíssima Trindade! Parece incrível que tal assertiva tenha saído da pena de alguém que se bacharelou em uma Faculdade de Teologia, e fôsse endossada pela "pena de ouro do expoente mor da cultura evangélica do Brasil"... Até parece brin-

(54) "A Maçonaria e o Cristianismo", págs. 177 e 178

cadeira semelhante àquela que passo a narrar. Contou-me certo professor que, por ocasião de uma das últimas revoluções, foi nomeado tenente e enviado para defender determinado setor. Derrotado no combate, preferiu ficar acocorado num canto da trincheira, a acompanhar os seus comandados na retirada. E' prêso e levado ao comandante das tropas inimigas. Ameaçado de fuzilamento, põe-se a chorar. O comandante, vendo-o acovardar-se, grita-lhe: "seja homem, "seu tenente". O nosso "herói", choramingando, responde: "mas, eu não sou tenente". "E essas divisas o que significam? — Seu comandante, eu sou tenente de brincadeira..."

A Maçonaria tem todos os atributos que caracterizam uma religião. V. Revdma. confirma êste fato, mas brada aos céus que ela não é religião. Não é, e nunca foi. Quando estudante, li uma história intitulada "Sacrificados", escrita pelo humorista Cornélio Pires. Há nela uma seção de perguntas entre pessoas de várias nacionalidades. Vamos reproduzi-la:

"Xá que focês querrem um perguntaments eu fai vazzêer. Que un coisa: tem pernes de cafalo e não é cafalo; orelhas de cafalo e não é cafalo; tem focinho de cafalo e não é cafalo; tem as óios de cafalo, non é cafalo tampêm; tem a rapo de cafalo, cafalo non é; tem tuttos de cafalo, non é cafalo e quando passa no água non molha o pêlo?

Geléia coçou a ponta do nariz arrebitado: Êsse alamão sae cum cada bestêra!

— Barece bicive!

— Questo tedesco me parece um maluco!

— Que raio de marmelada é iessa?

— Puis num vê que inté eu fiquei infruído co essa bobiciada? Falai alamão; falai o que é que passa na áua e num moia o pêlo? — pediu o próprio Gomes:

— E' o cafalinho dentro to parriga to mái tele... (55)

Reverendo, "cela va sans dire".

Agora, vou dar a palavra a vários líderes da Maçonaria, a fim de se ter uma opinião generalizada sôbre tão palpitante tema: A MAÇONARIA É RELIGIÃO?

Henrique Berea, Soberano Grão Comendador de Honra do Conselho Supremo do grau 33, para Espanha e suas Dependências, no artigo intitulado — "La Mission de la Masoneria", escreveu: "A Maçonaria é eterna! E' a única Sociedade humana que, desde os tempos mais remotos, se tem ocupado da cultura racional da inteligência. Nossa Augusta Instituição é Progresso e Humanidade. E' a religião da verdade, da virtude; é o laboratório onde se preparam os mais fortes laços de amizade e amor. Sòmente a Maçonaria é capaz de redimir a humanidade, meus irmãos". (56)

O dr. Justo Caballero, Soberano Grão Comendador do Conselho Supremo da Espanha, em seu artigo intitulado — "Sábio Conselho", diz: "Não é pelos sinais, pelos toques, nem pelo prestígio dos graus, que o maçon deve dar-se a conhecer, mas sim pelas suas virtudes. Desde o momento em que

(55) "Meu Samburá", pág. 243
(56) "Literatura Masónica Contemporânea" L. U. Santos, 1948, pág. 32

penetrou no Templo, deixou de ser o homem do mundo, o homem dos erros e das preocupações, o homem dos vícios e das paixões que alimentam as nossas fraquezas, para se converter no filho da luz e no adepto zeloso da justiça!" (57)

Ramon Gonzales de La Gandara, grau 33, ex-Grão Comendador dos Construtores Maçônicos, afirma no artigo "Etica del Mandil Masonico": "Não é sòmente um distintivo (o mandil), mas um dom que levamos à sepultura e que havemos de trazer na ressurreição... A Maçonaria não é apenas mero sistema de sinais, toques e palavras, mas é essencialmente ESPIRITUAL, sem o que seria vã a forma ritualística". (58)

Luis Umbert Santos, Soberano Grão Inspetor Geral do Conselho do Grau 33 para a Espanha e suas Dependências, membro de honra da Grande Loja Espanhola, no capítulo "A Religião Maçônica", escreve:

"A Religião que chamamos maçônica não é uma teologia no sentido eclesiástico da palavra, nem uma filosofia como a de Platão ou a de Kant, mas sim uma Sabedoria Viva, um misticismo moral prático, velado por alegorias e ilustrado com sinais, símbolos e "dramas". A Religião Maçônica é simples e profunda, porque interpreta espiritualmente a vida e se apóia sôbre as mesmas bases e está sujeita às mesmas provas que quaisquer outras interpretações do significado da vida, e, por-

(57) Idem, pág. 44
(58) Idem, págs. 49 e 50

tanto, sujeita à negação ou a compreensões equívocas.

A Maçonaria não é uma igreja confessional, mas um CULTO em que os homens de tôdas as crenças estão de acôrdo,...

A Maçonaria é como uma das Catedrais que nossos antepassados construíram. A fé é o seu alicerce; a retidão, a sua pedra angular; a fortaleza e a sabedoria, os seus muros; o amor fraterno, os seus arcos; a Bíblia, a sua lâmpada e a caridade, o seu incenso". (59)

Conhece V. Revdma. os autores citados? Creio que sim. Escavador profundo das fontes puras da Maçonaria, V. Revdma. deve ter estudado o Catecismo Maçônico. Vejamos a definição que dá de aprendiz maçon.

— Que quer dizer Aprendiz Maçon?

— Denominação do primeiro grau da Maçonaria Simbólica... O grau de Aprendiz é equivalente ao aspirante de Tebas e de Elêusis, ao soldado de Mitras e ao "Catecismo" do cristão". (60)

O notável e erudito escritor maçônico Luis Umbert Santos, ora exilado no México, em virtude da tremenda perseguição desenvolvida contra a Maçonaria pelo govêrno espanhol, dá a seguinte resposta à pergunta — "Para que serve a Maçonaria?"

A Maçonaria diz: "MEU PRINCÍPIO ESTÁ POR CIMA DE TÔDAS AS VERDADES RELATIVAS, POR CIMA DE TÔDAS AS COUSAS TEMPORAIS. ADAPTO-ME A TODOS OS TEM-

(59) "Cinquenta Leciones de Cultura Masonica", Santos, 3a. edição, 1949, pág. 17

(60) "Catecismo Masonico", L. U. Santos, 1948, pág. 17

POS, A TODOS OS POVOS E ME ACOMODO A TÔDAS AS CIRCUNSTÂNCIAS TRANSITÓRIAS. NÃO SOU UMA DAS EVOLUÇÕES DO PENSAMENTO HUMANO; SOU O ELO QUE AS UNE A TÔDAS. OS SISTEMAS FILOSÓFICOS, RELIGIOSOS E POLÍTICOS SÃO DEGRAUS; EU SOU A ESCADA E A FÔRÇA QUE CONDUZ DE UM DEGRAU A OUTRO. NÃO SOU MAIS QUE UMA DISCIPLINA OU UM MÉTODO, QUE CONSTITUI A CHAVE DO DESENVOLVIMENTO HUMANO". (61)

Estudioso que é das doutrinas maçônicas, V. Revdma. deve estar ao par da Doutrina Interior. Ela se encontra no Manual do aprendiz. Vamos revê-la?

"A Doutrina Interior tem sido sempre, e continua sendo, a mesma para todos os povos e em todos os tempos. Em outras palavras, enquanto para os profanos (os que permanecem diante ou fora do templo, isto é, sujeitos à aparência puramente exterior das cousas) tem havido e há diferentes religiões e ensinamentos, em contraste aparente entre umas e outras, para os iniciados não tem havido e nem há, mais que UMA SÓ E ÚNICA DOUTRINA, RELIGIÃO E ENSINAMENTO: A DOUTRINA MÃE ECLÉTICA OU RELIGIÃO UNIVERSAL DA VERDADE, QUE E' CIÊNCIA FILOSÓFICA AO MESMO TEMPO QUE RELIGIÃO". (62)

(61) "Alma Masonica", L. U. Santos, 1949, pág. 74
(62) "Manual del Aprendiz", por Magister, 1946, págs. 26 e 27

Vamos rever, meu ilustre contendor, o significado da iniciação maçônica.

"Iniciação é palavra derivada do latim initiare, que tem a mesma etimologia de initium — início ou começo —, vindo ambas de in-ire "ir dentro ou ingressar". Assim é que há nela o duplo sentido de "ingresso em" e de "começo ou princípio" de nova cousa. Em outras palavras, iniciação é a porta que dá acesso a um novo estado moral ou material, no qual se inicia uma nova maneira de ser ou de viver. Êste novo estado, esta maneira de ser e de viver é que caracterizam o "iniciado", e o distinguem do profano.

Êste ingresso não é nem pode ser considerado, precípua e fundamentalmente, como o ingresso a um novo estado de consciência, a uma maneira interior de ser, do qual a vida exterior seja apenas efeito e conseqüência.

Necessita-se, em outros termos, de uma palingenesia, isto é, um NASCIMENTO OU RENASCIMENTO INTERIOR, uma TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO ÍNTIMO DO NOSSO SER, para efetivamente iniciar-se, ou ingressar, em uma visão da realidade: naquele novo modo de pensar, viver, falar e trabalhar que caracterizam verdadeiramente o iniciado e o maçon.

Por esta razão o símbolo fundamental da Iniciação é o da morte, como preliminar para uma nova vida; a morte simbólica para o mundo ou estado profano, é condição primária para o renascimento iniciático; ou por outra, a negação dos vícios, erros e ilusões que constituem os "metais"

grosseiros ou qualidades inferiores da personalidade, para a positivação da Verdade e da Virtude, ou da Realidade íntima, que constituem o puro ouro do Ser, a perfeição do Espírito que hábita em nós e se expressa em nossas Idéias e em nossas mais elevadas Aspirações". (63)

Convido V. Revdma. para meditar no que diz Cauchois, em seu artigo intitulado "A Maçonaria comparada com as religiões".

"A Maçonaria é uma religião? A Academia Francesa define a palavra religião da seguinte maneira: "A crença na Divindade e o culto que, conseqüentemente, se lhe presta". Pois bem: a Maçonaria tem como ponto fundamental a crença em um Deus único, Criador de tudo o que existe, Pai comum de todos os mortais, que, por meio da imortalidade da alma, deve recompensar os bons e castigar os maus; ela honra ao Ser Supremo em tôdas as circunstâncias, ainda que todos os seus atos sejam dedicados à Glória do Grande Arquiteto do Universo, ao invocar a sua inteligência para iluminar os seus trabalhos e o seu auxílio poderoso para os encerrar. Parece, pois, que a Maçonaria reúne as duas condições necessárias para constituir uma religião.

Há mais: segundo a opinião dos seus adeptos, nenhuma instituição preenche satisfatòriamente o sentido etimológico da palavra religião, como a Maçonaria; pois nenhuma outra, senão ela, consegue religar as criaturas ao seu Criador pelos laços do amor, da gratidão e do respeito; e as criaturas en-

(63) "Manual del Aprendiz", pág. 68 e 69

tre si, pelos laços da fraternidade universal, da beneficência e do amor.

Não é de se admirar, pois, que a GRANDE MAIORIA DOS MAÇONS CONSIDERE A MAÇONARIA COMO UMA RELIGIÃO, que desenvolve e robustece os sentimentos religiosos.

Todavia, comparada com tôdas as religiões conhecidas, tornam-se manifestas as numerosas diferenças que as separam.

Primeiramente, tôdas as religiões, além da crença em Deus e na imortalidade da alma, acrescentam uma série de dogmas especiais, reconhecidos como impenetráveis à razão, e que determinam outros tantos artigos de fé; como êsses dogmas mudam segundo as diferentes seitas, e cada uma se julga infalível em virtude de revelação especial, chegam ao ponto de se excluírem mùtuamente, com a maior rigidez.

Além disso, as formas estabelecidas para cultuar à Divindade, variam tanto quanto os dogmas; e isto faz com que cada crente julgue estar desservindo o seu Deus, se no culto a Êle prestado não se sujeitar às práticas prescritas pela sua religião.

A Maçonaria não prescreve nem exclui nenhum dogma particular. Crer em Deus e na imortalidade da alma é a única profissão de fé que exige dos candidatos à iniciação, porque esta crença dupla, base fundamental de tôda a religião e de tôda a filosofia, é garantia imperiosa da moralidade dos neófitos. Além disso, admite tôdas as religiões, todos os cultos e trata de harmonizá-los com tole-

rância, eliminando-lhes a superstição e o fanatismo". (64)

Leu com a devida atenção o que diz o maçon Cauchois, Reverendo? A Maçonaria reúne as duas condições necessárias para constituir uma religião; diz mais: a GRANDE MAIORIA DOS MAÇONS, CONSIDERA A MAÇONARIA RELIGIÃO! E esta afirmação vem ratificar aquilo que Buarque Lira escreveu e V. Revdma. endossa: "Mesmo que a julguem RELIGIÃO MILHARES DE MAÇONS. a verdade, porém, é que não passa isso do conceito de uma facção". (65) E V. Revdma. vem dizer: a Maçonaria não é Religião, não é Culto. E como se atreve V. Revdma., a afirmar, doutoralmente, que a Maçonaria não é culto, depois de ter elevado às mais impressionantes alturas da retórica a obra lireana? Não se lembra mais a "memória cansada" de V. Revdma., que Buarque Lira, confirmou o fato de que a Maçonaria presta Culto? "Ora, a Maçonaria não apresenta os anjos ou outros quaisquer intermediários ou sacerdotes (como faz a Igreja Romana), para tratar com Deus. ELA ORA DIRETAMENTE A ÊLE. Isto não fazem os pagãos. Logo, a acusação é de todo improcedente, mormente considerando-se a finalidade dêsses cultos...

Logo, não se trata de "culto pagão" ou "culto estranho", O CULTO QUE A SUBLIME ORDEM PRESTA À DIVINDADE". (66) E como vai V. Revdma. livrar-se desta entalação?

(64) "Los Treinta y Tres Temas del Aprendiz Mason y Estatutos "General de la Ordem", por Adolfo Terrones Benitez, grau 32 e Alfonso L. Garcia, 33, 1946, págs. 219, 220 e 221
(65) Op. cit., pág. 222
(66) Op. cit., pág. 136

Mas, tenho mais algumas provas, senhor Galdino. Um pouco de paciência e chegarei ao fim dêste capítulo. Eis o que se encontra na grande Enciclopédia Maçônica de Abrines:

"Ela (a Maçonaria) é, pois, a ÚNICA E SÓ RELIGIÃO, se a religião, ou melhor, a doutrina que nos prescreve o amor a Deus e ao nosso próximo, com tôdas as suas conseqüências, é a única verdadeira. O amor é o único laço que une realmente o homem à Divindade e a MAÇONARIA E' SÒMENTE A ÚNICA que nos ensina a praticar essa virtude sublime, vinda do Céu: a Caridade!

A doutrina de Jesus, que é a da Maçonaria, (sic) é adotada pela maioria dos homens honrados. Temos, portanto, direito legal de afirmar que a MAÇONARIA É A RELIGIÃO UNIVERSAL. (67)

O dr. A. G. Mackey, a mais alta autoridade maçônica norte-americana, que escreveu numerosas obras maçônicas, entre as quais a "Enciclopédia Maçônica", e que é a regra de Fé (standard authority), conforme li no "Dictionary of American Biography", volume XII, edição de 1943, escreveu em sua "Jurisprudência Maçônica":

"A lei fundamental da Maçonaria exige apenas a crença no Supremo Arquiteto do Universo, e numa existência futura, afirmando, ao mesmo tempo, com uma tolerância particular, que em todos os outros assuntos de crença religiosa, os Maçons devem ter apenas a religião na qual todos os homens estão de acôrdo, deixando-lhes suas opiniões particulares. Sob o abrigo dêsse sábio conselho, os

(67) Dicionário Enciclopédico, tom. III, pág. 583

cristãos e judeus, os maometanos e brâmanes, podem unir-se ao redor de nosso altar comum, e a Maçonaria se torna, tanto na prática como na teoria, universal. A VERDADE E' QUE A MAÇONARIA É, INCONTESTÀVELMENTE, UMA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA — A SUA RELIGIÃO sendo de natureza universal, em que todos concordam, e que, transmitida através de uma longa sucessão de séculos, desde o antigo sacerdócio que primeiramente a ensinou, abraça os grandes princípios da existência de Deus e da Imortalidade da Alma — princípios que, pela sua linguagem simbólica particular, conservou desde a sua fundação e ainda continua a ensinar, pelo mesmo belo modo. Em relação à sua fé religiosa, não devemos, nem podemos ir além disto".

Reverendo, ignoro a idade que V. Revdma. tem na Maçonaria. Presumo, porém, que seja bem avançada, isto é, que já tenha alcançado os graus mais elevados. Assim sendo, podemos perlustrar alguns graus e rever os seus ensinamentos. Recordemos o que se passa com o candidato ao 14.º grau — Grande Eleito Antigo ou Grande Escocês de Perfeição. Deve fazer uma firme aliança com o Venerável, de modo tal que, unidos pela virtude, nem a morte os separe. O Venerável leva os candidatos junto à Mesa dos Pães da Proposição, parte os pães em pedaços e os distribui entre êles, dizendo: "Ides comer com os vossos irmãos o mesmo pão, porque todos somos filhos da Viúva e admiradores do Grande Arquiteto do Universo". To-

ma, em seguida, um copo de vinho e diz: "Aqui, nesta Abóbada Secreta, testemunha dos primeiros esforços da Maçonaria para conhecer o nome verdadeiro da Causa Suprema, unidos pela virtude, vamos, desde o primeiro ao último, jurar, ante êste Cálice Sagrado, unir-nos para sempre pelo vínculo da Fraternidade e nos defender contra todos quantos se opõem à proclamação dos direitos e deveres do homem... Que esta união não tenha fim. Que nossa Augusta Instituição, propagada às gerações futuras, comunique aos nossos sucessores o ardor que nos anima a lutar pela verdade, para que, por sua vez, defendam os direitos do povo! Jurais pela vossa honra de cavalheiros e de maçons?" Todos: Juramos! O grão-mestre diz: "O que a Virtude une, a Morte não pode separar". Bebe um pouco do vinho, passa o cálice aos recipiendários que o imitam e aos demais irmãos presentes, sendo o último a tomar o mestre de cerimônias, que esgota o cálice e o devolve ao grão-mestre. Êste, erguendo o cálice, diz: "O cálice está esgotado. Temos comido do mesmo pão e bebido do mesmo vinho. Somos irmãos. O mesmo sangue corre pelas nossas veias! Que nenhum outro líqüido seja sorvido neste cálice, nem outros lábios possam profaná-lo!" Arroja-o contra o solo, fazendo-o em pedaços e dirigindo-se aos candidatos: "Vós, que estais iniciados nos mistérios dêste grau, prometeis que, além de cumprir o juramento já prestado, empregareis tôdas as vossas fôrças e tôda a vossa atividade em propagar e defender as doutrinas da Instituição maçônica, cuja perfei-

ção já alcançastes?" (68).

Lembra-se desta cena, Reverendo? E' ou não é um triste e sacrílego arremêdo da Santa Ceia? E êste fato é plenamente provado na obra do prof. Lira. Ao descrever os símbolos que caracterizam o 14.º grau, êle afirma no item 3.º: "A COMUNHÃO DEBAIXO DAS DUAS ESPÉCIES, QUE É A IMAGEM EXATA DO CRISTIANISMO". Leu bem, V. Revdma.? Releia o livro do seu grande amigo e à pág. 317 encontrará o que acima transcrevi. A Comunhão debaixo das duas espécies, isto é, o candidato recebe o pão e o vinho; e isto não nos fala alto e bom som que a Instituição defendida com tanta arrogância por V. Revdma. é pura e simplesmente uma religião?

A Santa Ceia, porém, é dada em mais outro grau. Recorda-se do que se passa no 18.º grau? Eis a confissão do Lira, na obra que traz agora, em sua 2.ª edição, o prefácio de V. Revdma.: "Finalmente, com o desfêcho do cerimonial, há uma ceia ou ágape, simbolizando A CEIA DE CRISTO. A ela comparecem todos os Cavaleiros munidos de um junco ou cana, que os primeiros cristãos tinham na mão nos seus ágapes ou banquetes religiosos" (69)

Dirá V. Revdma.: isso é apenas um símbolo sem nenhum fim de adoração ou de culto religioso. O símbolo que a Escritura condena é o símbolo para fim de culto religioso". Como se faz de in-

(68) Dicionário Enciclopédico, op. cit., tomo III, págs. 695 e 696
(69) Op. cit., págs. 323 e 324

gênuo V. Revdma.! Então, êste símbolo — o da Santa Ceia — não tem um fim religioso, Rev. Galdino Moreira? Quer V. Revdma. brincar com a verdade? Quando, na sua formosa Igreja Presbiteriana de Riachuelo, V. Revdma. distribui aos seus queridos paroquianos a Ceia do Senhor, antes de o fazer, explica o profundo significado de tão solene ato, não é verdade? Não o faz também a Maçonaria? E por que o faz, se não é uma religião? Vejamos a explicação que o professor Jorge Buarque Lira fêz antes de distribuir os elementos constitutivos da Ceia, aos seus irmãos maçons e que está registada no livro que V. Revdma. endossou: "E quando, Irmãos, nos sentarmos em tôrno da Mesa da Comunhão, a fim de Lhe comemorarmos a morte, que a Sua Santa Ceia Mística, lembrando o Seu sacrifício em prol da Humanidade, tenha o condão de produzir em nossa alma a revolução espiritual que nos leve ao arrependimento, a fim de que em nós seja completa a Sua obra benemérita e redentora. E, aceitando a doutrina de Cristo, por êsse aspecto, nós hemos conquistado tôdas as liberdades e tôdas as vitórias. Que o Grande Arquiteto do Universo nos ilumine e guie!" (70)

Diante de fatos como êste, que valor tem, que crédito merece a defesa apresentada por V. Revdma., quando afirma: "Na Maçonaria há símbolos, mas nenhum dêles, UM SÓ AO MENOS, é usado com fins de adoração ou culto religioso?" Reverendo Galdino, quem é que está faltando com a verdade? Uma cousa posso garantir a V. Revdma: EU A-

(70) Op. cit., pág. 370

CUSO, ESTRIBANDO-ME NAS AFIRMAÇÕES INEQUÍVOCAS, INCONTESTÁVEIS, DAS FONTES PURAS DA MAÇONARIA, e V. Revdma. em que se baseia? Há ou não há Santa Ceia na Maçonaria? Há; afirmam-no não sòmente autores maçônicos, mas também o seu dileto rapaz, o "afilhado" Jorge Buarque Lira. Uma cousa me excita a curiosidade: como se teria comportado V. Revdma., "o líder máximo do protestantismo nacional" (sic), no dia em que se assentou à Mesa da Comunhão, na Loja Maçônica?! O Venerável, que lhe entregou o pão e o vinho, não era, possìvelmente, ministro do Evangelho, nem presbítero e, quem sabe, nem mesmo crente em Jesus. E do mesmo modo a maioria dos seus irmãos maçônicos. Recusou V. Revdma. os elementos que lhe foram apresentados? "Maçon exemplar a tôda a prova", como o considera o prof. Lira, não podia V. Revdma. abster-se do "ágape". Como conseguiu V. Revdma. harmonizar a sua ortodoxia evangélica, com essas cerimônias religiosas do 14.º e 18.º graus? V. Revdma. não é de opinião que ninguém pode ampliar o círculo da mesa da comunhão? Parece-me que sim. Eis o que li em trabalhos de V. Revdma.; "PARTICIPANTES DA CEIA. Quem participou da primeira ceia do Senhor? SÓ OS CRENTES, os batizados, num corpo organizado. Estavam em comunhão. NINGUÉM TEM O DIREITO DE AMPLIAR ÊSSE CÍRCULO". (71) Lembra-se ainda dessa lição, Reverendo? Sôbre a mesa tenho um exemplar de "O Puritano" de 10 de junho de 1947.

(71) Revista da Escola Dominical, Curso Superior, 1936, 4.º trim. pág. 23

V. Revdma. foi o seu Diretor e Redator-chefe por quase três décadas, e, ainda, seu colaborador atual, onde mantém a seção "Consultório Bíblico". À página 8 do número acima referido, escreveu V. Revdma.: "Pergunta: Certa senhora sente-se convertida, mas não professa a fé porque o espôso lhe proíbe isto. Ela deseja tomar parte na santa ceia e até sai da igreja muito pesarosa por não lhe permitirem a comunhão, quando esta é celebrada. Pode o Conselho atender ao desejo dessa senhora?

Resposta: Não; só tem direito à comunhão aquêles que professam sua fé em Cristo, pùblicamente e corajosamente". E como comunga V. Revdma. com os que não professam sua fé em Cristo, isto é, com os maçons que deliberadamente rejeitam o sacrifício vicário de Nosso Senhor? Se ninguém tem o direito de ampliar o círculo estabelecido por Jesus, como comunga V. Revdma. com a Maçonaria que o ampliou?

Mas, voltemos novamente a rever os ensinamentos dos graus maçônicos. O grau 19.º — Grande Pontífice ou Sublime Escocês — origina-se de certos mistérios do Apocalipse ou Revelação de São João, que se referem à Nova Jerusalém. O Três Vêzes Poderoso Mestre pergunta ao Fiel Irmão Sacrificador, por que o candidato a êste grau se chama Grande Pontífice. O Sacrificador responde: "Porque me preparo para entrar na Jerusalém Celeste, caminhando pelas vias do Progresso Intelectual e guiado sempre pela Luz da Razão". (72) E a sociedade, que procura levar os seus congrega-

(72) Dic. Enc., Op. cit., Tomo III, pág., 725

dos à Jerusalém Celeste, é ou não é religiosa? E como harmoniza o erudito teólogo de Riachuelo êste ensino maçônico com o que pontificou Nosso Senhor Jesus Cristo: "Eu sou o CAMINHO, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai SENÃO POR MIM?"

Que me diz V. Revdma. do grau 23.º — Chefe do Tabernáculo? Não é êle grau religioso? Não afirma o prof. Lira que "O fim especial dêsse ensino é render culto ao Criador"; que "representa o culto voluntário, filho da íntima convicção que é, que se deve ao Grande Arquiteto do Universo e que neste sentido o 23.º grau é teogônico"? (73) Não é verdade que o interrogatório ao candidato a êste grau deve "versar sôbre as LEIS DE MOISÉS E O DECÁLOGO"? (74) Não é verdade que "Os instituidores dêste grau (24.º — Príncipe do Tabernáculo) tiveram a preocupação de figurar também nêle a idolatria, para fazerem sobressair as vantagens do verdadeiro sôbre o falso culto"? e que "êste grau é CONSAGRADO AO VERDADEIRO CULTO, em oposição AO CULTO IDÓLATRA, e à conservação das doutrinas maçônicas", como escreveu o prof. Lira? (75) Não é verdade que o Mui Poderoso Irmão, que neste grau representa Moisés, após agitar o incensário, diz ao candidato: "Com êste incensário, símbolo da dignidade sacerdotal que estabeleceu Moisés, purifico e preparo o teu espírito para que se eleve ao Grande Arquiteto do Universo"? (76) E V. Revdma.

(73) Op. cit., págs. 329, 330
(74) Dic. Enc., Op. cit., pág. 739
(75) Op., cit., pág., 330

ousa afirmar: "Nunca pensou a Maçonaria em usurpar o campo espiritual, religioso, cristão e bíblico, o lugar da fé e do Evangelho. *Ela não é Religião.* Está satisfeito"? Como estar satisfeito, meu caro Reverendo? As suas afirmações, e com tristeza o digo, não condizem com os cânones maçônicos. A Reforma legou aos homens esta bênção inegável: A LIBERDADE DO LIVRE EXAME. Os crentes de Beréia souberam usá-la condignamente: "Ora, êstes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, EXAMINANDO CADA DIA NAS ESCRITURAS SE ESTAS COUSAS ERAM ASSIM". (77) Examinando eu as FONTES PURAS DA MAÇONARIA, vejo que as cousas não são assim como V. Revdma. afirma! E, portanto, não posso estar satisfeito, meu ilustre contendor.

Não é verdade que a instrução do grau 26.° — Escocês Trinitário ou Príncipe de Mercê — "se refere às três alianças que Jeová fêz com os homens; a primeira com Abrão, pela circuncisão; a segunda, com o seu povo no deserto, por intermédio de Moisés; a terceira, com tôdo o gênero humano, através da morte e paixão de Cristo"? E que os maçons dêste grau "adotaram o título significativo de Filhos da Verdade e as suas doutrinas descansam em três bases essenciais: a Religião, a Ciência e a Filosofia"? (78)

---

(76) Dic. Enc., Tomo III, pág., 746
(77) Atos, 17:11
(78) Dic. Encic., Tomo III, págs., 752 e 757

V. Revdma., diante do ataque sofrido, bradou aos Céus: "A Maçonaria não é Religião. Não é, nunca foi". E, entretanto, V. Revdma. sabe muito bem que o grau 28.º — Cavaleiro do Sol ou Príncipe adepto —, é eminentemente religioso. Eis como o descreve o homem de sua inteira confiança, o prof. Lira:

"Classifica-se o 28.º grau entre os filosóficos. O seu fim é CULTUAR A DEUS através da Sua obra mais bela na Natureza — O SOL, segundo a concepção dos filósofos antigos. Os antigos ainda expressavam êsse CULTO À DIVINDADE, através do CULTO DA NATUREZA. Porque diziam que o astro-rei era, de algum modo, o retrato do Criador e a Natureza, a expressão de sua Vontade.

Êsse histórico, todavia, não significa um culto idólatra da Maçonaria, pois ela apenas refletia certas concepções, como já temos visto, dos filósofos da época em que imperava o paganismo, embora nunca tivesse apoiado, em época alguma, qualquer idolatria. (A não ser a Maçonaria exclusivamente dos pagãos).

O Culto do Sol, destarte, nunca teve, na Maçonaria, o mesmo conceito que entre os pagãos: era apenas um símbolo da verdadeira luz". (79)

Notou bem, reverendo Galdino? Há, ou não há o CULTO DO SOL, na Maçonaria? Há, esta é a verdade nua e crua. Confessa-a, mui contra a gôsto, Buarque Lira, com as suas costumeiras desculpas: "Não significa um culto idólatra"; "ela apenas refletia certas concepções dos filósofos da

(79) Op. cit., pág. 334

época"; "era apenas um símbolo da verdadeira luz"; quem o praticava era "a Maçonaria dos pagãos". Apenas isto, apenas aquilo; nada mais do que isto! Que candura! não, seu Reverendo? Mas, o seu Lira continua: "O objetivo dêste grau é a descoberta da verdade que o iniciado procura por sete caminhos: 1.º — na unidade de Deus; 2.º — na filantropia universal, sem distinção alguma; 3.º na dúvida de tôdas as coisas que não podem demonstrar matemàticamente; 4.º — em uma conduta irrepreensível e prática do bem; 5.º — em vencer as paixões; 6.º — em praticar a filosofia despida de fanatismo e superstição; 7.º — EM SEGUIR A TEOLOGIA NATURAL, fundada sôbre um CULTO, que a inteligência desta e a convicção aprovam". (Sic) (80)

O Dicionário Enciclopédico da Maçonaria, em sua última edição, 12 de setembro de 1947, confirma plenamente o que acima transcrevi. Diz Abrines:

"Êste interessante grau corresponde aos chamados Cabalísticos. Encerra um fundo filosófico notável, cheio de verdades e profundos pensamentos, se bem que cobertos com o véu do hermetismo, e resolve o problema maçônico sob o ponto de vista físico, intelectual e moral. Chama-se Cavaleiro do Sol, porque êste magnífico Astro é, com efeito, a imagem sensível da Divindade, o emblema do calor da alma e da luz da inteligência, qualidades que, com seu auxílio, a Maçonaria deve produzir, na ordem moral, os mesmos efeitos que o Sol produz na ordem física.

(80) Op. cit., pág. 335

Assim é que êste grau tem em vista um duplo objetivo: O CULTO DO SOL e o da Verdade". (81)

E que me diz a respeito do grau 29.º — Grande Escocês de Santo André da Escócia, Reverendo? O prof. Lira afirma que "os títulos dêste grau não são fáceis de justificar"; e, para o crente não é mesmo fácil tal justificação. O Dicionário Enciclopédico da Maçonaria traz extensa descrição do grau. Para provar que êste grau é também religioso, farei a seguinte transcrição:

"As cerimônias empregadas na recepção são simples, mas a instrução é extensa e mui completo o ensinamento filosófico-maçônico, pois dêle se deduz que tôdas as profissões de fé não são mais que fórmulas, nascidas da presunção ou das aspirações dos homens".

Em cada um dos quatro ângulos da Câmara há uma cruz de Santo André (Cruz em forma de X). O Respeitável Introdutor apresenta os candidatos a êste grau ao Patriarca, dizendo: "Grande Patriarca e caríssimos irmãos: tenho a honra de vos apresentar os Príncipes Adeptos..., que vos pedem elevá-los a Grãos Mestres da Luz abrindo-lhes as portas da Jerusalém Celeste!" Fala o Patriarca:

"Sêde bem-vindos, Príncipes Adeptos! Como tais, sois soldados da Pátria, e nos ajudareis a convertê-la na Nova Jerusalém que resplandece nesta Grande Câmara! Assentai-vos, irmãos". (82) Essa

(81) Op. cit., pág. 760

(82) Op. cit., pág. 765

Nova Jerusalém do grau 29.º é um arremêdo da Santa Jerusalém, descrita no capítulo 21 do Apocalipse. Possui 12 caminhos que levam às 12 portas de seus 12 bairros. Todos são iguais, pois nela não há nem primeiro e nem último. No meio da praça da Nova Jerusalém há um cordeiro imaculado, símbolo do Sol, alma das sete esferas, representadas pelo livro da Fatalidade ou dos sete selos, que nos redime ao resplandecer em Áries ou no equinócio da primavera, salvando o mundo das trevas do inverno com o nome de Sol Pascal ou Cordeiro Equinocial. Em frente de Áries ou do Cordeiro, está a ÁRVORE DA VIDA, tão distinta da ÁRVORE DA CIÊNCIA DO BEM E DO MAL.

Diga-me, sem rebuço, reverendo Galdino: é ou não é religião a sociedade que pratica tais cerimônias? Avancemos mais um grau: o 30.º — Cavalheiro Kadosch. E' um dos mais importantes. A palavra Kadosch é assim definida pelo Dicionário Enciclopédico Maçônico: "Kadosch, Kadosh ou Kadesh, significa consagrado, santo, purificado, segundo a versão hebraica, o que dá a entender que o irmão que possui êste grau deve ser isento de todo vício e preocupação". Eis as palavras dirigidas pelo Grão-Mestre ao candidato:

"Assim, pois, meu irmão, êste Grande Conselho de Kadosch, que presido por vontade de meus irmãos, te elegeu para que possas empregar os teus conhecimentos e aptidões no trabalho filosófico que realizamos, persuadido de que, ao pretenderes êste grau, não és movido pela ambição, nem pelo dese-

jo pueril de ostentar suas insígnias, mas sim pelo desejo mais nobre de alcançar a perfeita iniciação.

Mas para chegar a consegui-lo, é preciso que o candidato faça o sacrifício de pôr à margem todo o orgulho e de se desprender, inteiramente, de tôdas as preocupações que formam o cortêjo da ciência vulgar. Cremos que assim tens procedido e que, ao vires aqui com a serenidade de juízo que requerem os conhecimentos maçônicos que já possuís, terás deduzido de teus estudos que OS GRAUS FILOSÓFICOS SÃO DEDICADOS À FUNDAÇÃO DE UMA RELIGIÃO UNIVERSAL E REGENERADA, que deverá conduzir a Humanidade à participação relativa dos resultados obtidos pela prática dos princípios sustentados pela Instituição Franco-Maçônica".

E quero destacar algo da instrução que se dá ao candidato:

"Adquire, então, a noção do Grande Arquiteto do Universo e compreende que esta Suprema Potência não tem relação com o Deus das religiões positivas, ser híbrido criado pelo homem à sua imagem e semelhança, e, portanto, tendo como o homem os seus vícios, a sua vaidade, o seu desejo de domínio e até a sua crueldade e injustiça.

Não ficará, pois, surpreendido, nem se perturbará o espírito do iniciado ao 30.º grau, *quando lhe fôr exigido que colabore na fundação* daquilo que os profetas chamaram O REINO DE DEUS, porque deve compreender que êste reino, INTEIRAMENTE ESPIRITUAL, não é outra cousa que

o regime livremente aceito da Justiça, revelado pela Razão e vivificado pelo Amor.

Chegou a persurdir-se de que NÃO PODE EXISTIR MAIS QUE UMA RELIGIÃO, da qual TODOS OS HOMENS sejam apóstolos; RELIGIÃO ÚNICA, baseada na lei natural de atração, do amor que deve encerrar todos os homens no círculo construído por uma só família, a Humanidade, do mesmo modo que todos os astros que observamos no firmamento estão dentro do círculo de outra família imensamente grande, o Universo.

Fêz-se, enfim, SACERDOTE DESTA RELIGIÃO NATURAL". (83)

Depois de tudo isto pode V. Revdma., conscienciosamente, escrever, de novo: "A Maçonaria não é religião, nem trata de doutrinas religiosas, deixando à liberdade de consciência dos seus adeptos a fé PARTICULAR de cada qual"? Ou procurará continuar na tarefa inglória de tentar tapar o sol com a peneira? Se assim fôr, devolvo cristãmente a V. Revdma. a carapuça que não me serviu: "Volte a tempo dêsse caminho, emende a mão e arrependa-se!"

(83) Op. cit., págs. 776-784

ORAÇÕES MAÇÔNICAS

V. Revdma. estava mesmo mal humorado ao responder-me a Carta Aberta. Diz V. S.: "Não posso concordar com o ensino truncado, mutilado, espatifado e sonegado que o senhor põe à conta do Rev. Lira. Onde o Prof. Jorge usa 25 páginas compactas, sérias e explícitas, desde a de número 110 até 134, com centenas de linhas coesas, na explanação das orações maçônicas (chamadas assim), o senhor usou apenas 3 citações, com 14 linhas em tópicos separados e completamente fora dos contextos do autor! Com esta horrível e feia macaqueação da doutrina em lide, senhor Amaral, eu não concordo, nem podia concordar, POIS E' FALSIFICAÇÃO. Mas, concordo com a explicação dada pelo Rev. Lira, em sua obra, desde a página 110 até 134, sem cortes. Desafio-o a publicar todo êsse trecho, se o senhor deseja ser homem de bem e probo de atitudes. A explicação do assunto em lide, dada na obra do Rev. Lira, na sua íntegra, é teològicamente exata, certa e bíblica, e o senhor não é homem, nem aqui nem na China, para rebatê-la. Faça isto primeiro, e volte, para

merecer consideração. Porque, senhor Amaral, pelo seu método de cortes e furtos de contextos e de textos, prova-se tudo, até que a Bíblia afirma, de pés juntos, "que não há Deus" e "que Jesus não é divino..." Os ímpios têm usado isso, exatamente, exmo. presbítero Amaral, pelo SEU processo-ladrão. Será que o senhor virou ímpio também?"

Prezado leitor, que me acompanha nesta polêmica: não se espante! As doces e suaves palavras com que fui mimoseado, não foram proferidas por um discutidor de favela; absolutamente não. Qualquer suposição é mera coincidência... Quem as escreveu é um "meretíssimo Inspetor Federal do Ensino Secundário; é o "líder máximo do protestantismo brasileiro" (sic); é a "pena de ouro do expoente mor da cultura evangélica do Brasil"; é "um espírito reto, retíssimo, justo, justíssimo, bom, boníssimo, cristão, cristianíssimo", como bem o retratou Jorge Buarque Lira. Se essas virtudes adamantinas não exornassem o caráter do meu tremendo replicador, não posso calcular qual seria o tom da resposta... Mas, para minha felicidade, o meu ilustre contendor é exegeta e orador "de largos e inapreciáveis recursos"!! A respeito dêle assim se expressou o Rev. Jorge Goulart: "O rev. Galdino é um espírito muito lúcido e *muito amável*, apropriado a versar matérias controvertidas, *sem provocar irritações*, sem se exceder em dogmatismo e sem se desviar em conjeturas ou opiniões aberrantes dos conceitos e das fórmulas aceitas pelas igrejas evangélicas no seu conjunto.

Ao mesmo tempo, tudo quanto passa pelo seu

exame merece uma indagação honesta e erudita de sua parte, de modo que as respostas, quase invariàvelmente, *agradam e convencem.* Sendo *polemista de índole e de raça,...*" (84) (Os grifos são meus).

Mas, vamos às orações maçônicas. Os maçons fazem ou não fazem orações nas Lojas Maçônicas? Fazem. E neste ponto V. Revdma. concorda plenamente comigo. Há, portanto, orações maçônicas. E a quem são dirigidas? Ao Supremo Arquiteto do Universo. Não concorda V. Revdma. comigo que é bom rever algumas? Ei-las:

"O' Pai -Todo-poderoso e Supremo Criador do Universo, derrama as tuas bênçãos sôbre nós. Concede a êste novo aspirante aos benefícios da Maçonaria, constância e fé suficientes para que possa consagrar sua vida à virtude e ser em todo o tempo um irmão digno. Infunde nêle a luz da tua Divina Sabedoria, de modo que, aprofundando-se nas lições e nos mistérios desta nobre Instituição, viva como homem honrado, finde os seus dias estimado dos seus e o seu nome se perpetue grato na memória de todos". (85)

"Onipotente e eterno Deus! Arquiteto e Senhor do Universo a cujo *fiat* criador se levantaram todos os sêres. Nós, débeis criaturas de tua Providência, te imploramos, humildemente, que derrames sôbre esta Assembléia congregada em teu Nome, o rocio inesgotável de tuas bênçãos. E, de modo especial, te rogamos que concedas a tua gra-

---

(84) "Fé e Vida", Tomo XIII, Ano VII, n.º 2, pág. 115
(85) "El Consultor Del Mason", Aurelio Almeida, Cap., IV, pág. 239

ça a êste teu servidor que vem agora participar conosco dos mistérios secretos do Mestre Maçon. Reveste-o de tal poder que, na hora da prova, não desfaleça, mas, sob proteção, passando firme pelo vale da sombra da morte, possa, finalmente, levantar-se do túmulo do pecado, para brilhar para todo o sempre como as estrêlas no Céu. Assim seja". (86)

"Humilhemo-nos, meus irmãos, ante o Soberano Árbitro dos Mundos e reconheçamos a nossa infinita fraqueza e o seu poder infinito.

Contendo os nossos corações nos limites da retidão e dirigindo os nossos passos pela estrada da virtude, elevemo-nos até ao Grande Arquiteto e Senhor do Universo. Êle é uno e subsiste por si mesmo; e todos os sêres lhe devem a existência. Tudo faz e tudo domina; embora invisível aos nossos olhos, vê e lê no fundo de nossa alma. A Êle invoquemos, elevando-lhe as nossas preces.

Digna-te, ó Grande Arquiteto do Universo, de proteger os obreiros da paz aqui reunidos. Anima o nosso zêlo; fortalece a nossa alma na luta das paixões; inflama o nosso coração no amor da virtude e guia-nos como também a êste candidato que deseja participar dos nossos augustos mistérios.

Dispensa-lhe, agora e sempre, a tua proteção e ampara-o com o teu braço onipotente em tôdas as provas, perigos e dificuldades. Amém!" (87)

"Suplicamos-te, ó Senhor misericordioso, que continues a nos dispensar o teu auxílio. E auxilia,

(86) Idem., pág. 312
(87) Ritual

especialmente, aquêle que está de joelhos em tua presença, para que a obra que foi iniciada em teu santo Nome continue a crescer para tua glória. Assim seja!" (88)

Outras orações podiam ser citadas; entretanto, é da nossa opinião que bastam as acima transcritas. São dirigidas ao Grande Arquiteto do Universo, nome que os maçons dão a Deus. Em nome de quem são feitas? De Cristo? De modo nenhum. Ou é feita em nome do Venerável que preside a reunião, ou, então, em nome da Maçonaria, que o Venerável representa. Notou bem, V. Revdma., a exclusão propositada do nome glorioso do Nosso Salvador? Onde se encontra a mediação de Cristo? Nem se faz menção do nome inefável! E o Filho de Deus pontificou: "Se pedirdes alguma cousa em meu nome, essa vos farei". E sôbre êste texto V. Revdma. afirmou: "Quais são as condições da promessa? 1. Fé em Jesus Cristo: "Crede-o ao menos por causa das mesmas obras". 2. A oração deve ser oferecida EM NOME DE CRISTO. NENHUM OUTRO NOME NOS PODE VALER". (89) (O versal é meu). V. Revdma. disse bem: a oração só deve ser oferecida em nome de Cristo, porque nenhum outro nome nos pode valer. Esta afirmação está teològicamente certa e merece rasgados elogios. Êste é também o meu ponto de vista. E por que V. Revdma. se voltou contra mim, quando ataquei as heterodoxas afirmações lireanas a respeito da oração? Reexaminemos o

(88) "Dicionário Enciclopédico, op. cit., tomo III, pág. 578
(89) Revista da Escola Dominical

ensino do Lira sôbre a oração, e V. Revdma. há-de convir quão injusta a acusação de que trunquei, mutilei, espatifei e soneguei tal ensino. E após um exame acurado, veremos quem merece aquela terrível objurgação exarada no prefácio de sua réplica: "Tudo isto, na verdade, senhor Mário Amaral Novaes, é uma dolorosa falta de verdade, é triste quebra flagrante do 9.º mandamento da Lei de Deus". O prof. Jorge Buarque Lira defende a oração maçônica, isto é, a oração dirigida a Deus sem ser pela mediação de Cristo Jesus. E V. Revdma. sabe muito bem que não minto, ao fazer semelhante acusação. Vai além o professor, e com êle todos os crentes maçônicos, inclusive V. Revdma. Eis as palavras textuais do Lira:

O que êles não sabem (os crentes maçons) e não devem saber é ser intolerantes; e, por isso mesmo, PODEM, SEM APOSTASIA OU TRAIÇÃO DE SUA FÉ, ACOMPANHAR SEUS IRMÃOS NA PETIÇÃO que êles, em sua INOCÊNCIA E BOA FÉ, dirigem ao Pai das Luzes". (90)

Onde a mutilação? Quer V. Revdma. afirmação mais clara que essa? Os maçons na "sua inocência e boa fé", — coitadinhos, não Reverendo? — oram a Deus sem a mediação de Cristo, e os crentes, "sem apostasia ou traição de sua fé", podem acompanhá-los nesta oração!!! Defesa da oração heterodoxa e que conta com a sua aprovação, reverendo Galdino! Se a Bíblia está colocada sôbre o Altar e sôbre ela o maçon faz o seu juramento, como alegar inocência e boa fé? E como pode o

(90) Op. cit., pág., 113

"cristianíssimo" Reverendo Galdino Moreira acompanhar os seus "irmãos" maçons nessa oração, sem trair a sua fé nesse Cristo glorioso?

Sôbre as súplicas maçônicas o Lira tem algo mais a dizer. Acompanhemo-lo.

"Quanto à acusação de que "os maçons pretendem entrar diretamente, sem a mediação de Cristo, crucificado, à presença do Supremo Árbitro dos mundos" — isto não é verdade no sentido religioso. Pelo fato de os maçons, em Loja, ORAREM A DEUS, SEM MENCIONAR A MEDIAÇÃO DE CRISTO, não quer dizer que êles desconheçam ou não dêem valor a esta mediação. Isto é da consciência religiosa de cada um". (O versal é meu).

"Se os cristãos não admitem que qualquer pecador possa chegar a Deus sem a mediação de Cristo (e isto é verdade) — porque "só há um Mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo" (1.ª Tim. 2:5) — êles não renegam esta crença quando, em Loja, acompanham seus Irmãos nas suas petições, PORQUE ESSAS PETIÇÕES AO PAI NÃO TÊM A FINALIDADE RELIGIOSA QUE TÊM AS SÚPLICAS CRISTÃS, DE PERDÃO DE PECADOS E DE RECONCILIAÇÃO DO PECADOR COM DEUS! (O versal é do autor). Trata-se de súplicas em favor da obra meritória e benemérita que êles realizam; e, como Deus, que derrama, copiosamente, Suas bênçãos sôbre bons e maus, sôbre justos e injustos; como Deus, que na Sua infinita Misericórdia, pode acolher o grito da miséria, como diz o Salmista que

Êle acolhe o clamor dos filhos dos corvos, que necessitam de sustento para a sua vida; como êsse Deus tão bondoso NÃO HÁ DE ATENDER AS SÚPLICAS DOS OBREIROS DA PAZ, POSSUÍDOS DA MELHOR INTENÇÃO DE SERVIREM AOS INTERÊSSES DO BEM, de que Êle é o Supremo Arquiteto?!

SUBAM COMO SUBIREM ESSAS SÚPLICAS, DESDE QUE SEJAM SINCERAS, DEUS HÁ-DE ATENDÊ-LAS. Deus não é Deus de ritos e formalidades. Porque "não vê Jeová como vê o homem, pois o homem olha para o que está diante dos olhos, mas Jeová olha para o coração" (1.º Samuel 16:7). (91)

O seu "afilhado", Reverendo, satisfez plenamente o que a seu respeito V. S. vaticinou: "Êste rapaz, ao que me parece, vai sair melhor do que a encomenda". O Lira saiu mesmo melhor que a encomenda. Em letras garrafais pontificou, à página 116, que as petições maçônicas ao Pai não têm a finalidade religiosa das petições cristãs, isto é, não têm a finalidade de perdão de pecados. Mas, logo mais, à página 118, afirma: "Mas os maçons não deixam de RECONHECER, DIANTE DE DEUS, OS SEUS ERROS E FRAQUEZAS, para OS QUAIS SUPLICAM O PERDÃO, muito embora, em Loja, não se cogite de assuntos religiosos". Eis aqui, parte de uma oração inserida no Manual Maçônico, página 232, que vem comprovar o fato de que os maçons pedem, em Loja, perdão de pecados: "Fazei-nos marchar sempre na vossa ver-

(91) Op. cit., págs. 116 e 117

dade, e instruí-nos, ó Grande Arquitèto do Universo. Vós sois bom e justo, lançai vistas compassivas sôbre as nossas penas e trabalhos, e PERDOAI OS NOSSOS ERROS".

Que rapaz, hein, seu Reverendo?! Ali afirma que os maçons não pedem perdão de pecados; aqui, embora a contra-gôsto, vem dizer que os maçons suplicam perdão a Deus para os seus erros e fraquezas. E mesmo que, levianamente, persistisse na negativa, aí estão os manuais maçônicos para testemunhar a veracidade dos fatos.

Renovo a acusação de minha Carta Aberta, que V. Revdma. procurou negar diante dos homens, mas que não a poderá negar diante de Deus. O professor Buarque Lira defende as heterodoxas orações maçônicas, e V. Revdma. vai na esteira do professor!. Só para efeito de argumentação é que êle acha errada a oração feita sem o nome de Cristo! Eis as suas palavras textuais: "...vamos admitir, para efeito de argumentação, que as orações maçônicas, sem a menção do nome de Cristo, estão erradas e sejam heréticas". E logo adiante: "Considerando-se assim (e só assim é que se deve considerar) a finalidade das orações maçônicas, visto que elas se limitam apenas a implorar o auxílio ou socorro de Deus para a obra do bem que a Instituição realiza, não nos parece SER UMA HERESIA O DEIXAR DE MENCIONAR O NOME DO CRUCIFICADO. Seria heresia se as orações tivessem por fim pedir a Deus o resgate das dívidas dos nossos pecados, para a conseqüente redenção". E mais, meu Reverendo, a beleza desta

doçura: "O fato de os cristãos só se dirigirem a Deus em nome de Cristo, para pedirem seja o que fôr — obedecendo à palavra do Divino Mestre — "tudo o que pedirdes ao Pai, em meu nome, crendo, recebereis" — NÃO QUER DIZER QUE SÓ SERÃO OUVIDAS AS PETIÇÕES QUE FOREM FEITAS EM NOME DÊLE, ou que mencionarem seu nome, PORQUE O QUE VALE NA PRECE E' A SINCERIDADE, é o espírito de Cristo e, finalmente, porque Deus e Cristo são um só", Mais ainda: "Nós, cristãos, maçons ou não, nada pedimos a Deus sem ser pelos merecimentos de Cristo. Achamos por princípio, que agradamos mais a Deus, que isto é mais ortodoxo, de acôrdo com a vontade expressa do Mestre — "tudo o que pedirdes ao Pai, em meu nome"; mas, NEM POR ISSO, NOS ASSISTE O DIREITO DE CONSIDERAR HETERODOXAS OU HERÉTICAS TÔDAS AS ORAÇÕES QUE NÃO SUBIREM AO PAI POR INTERMÉDIO DÊLE". (92)

E para coroar a série de cincadas na defesa de uma tese herética — a oração sem a mediação de Cristo —, exclama o celebérrimo professor: "*E não nos parece justo que Deus repila tais orações* (só por não serem feitas em nome de seu Filho) visto que Êle é o Autor e Supremo inspirador de todo o Bem". (93)

O Rev. Galdino Moreira se deslingua em vitupérios contra mim, porque acuso a incoerência de quem, declarando-se cristão, defende, entretanto, a

(92) Op. cit., págs., 123-128
(93) Op. cit., pág. 131

oração sem ser por meio de Cristo!!! Eis o labéu com que procurou enxovalhar-me: "Não posso concordar com o ensino *truncado, mutilado, espatifado* e *sonegado* que o senhor põe à conta do Rev. Lira"; "pelo seu método de cortes e furtos de contextos e textos"; "pelo seu processo-ladrão". Diante das afirmações incisivas do professor Lira, na defesa de orações heréticas, pergunto a V. Revdma.: onde a mutilação? Onde o corte? Onde o furto? Onde o processo ladrão? V. Revdma., diante das responsabilidades que lhe pesam sôbre os ombros, deve ser mais cuidadoso, calculando prévia e minuciosamente o alcance das palavras, para não ficar em situação tão embaraçosa, como a em que se encontra.

Afirmou o Lira: "Subam como subirem essas súplicas, desde que sejam sinceras, Deus há-de atendê-las"; "pelo fato de os maçons, em Loja, orarem a Deus, sem mencionar a mediação de Cristo, não quer dizer que êles desconheçam ou não dêem valor a esta mediação"; "como êsse Deus tão bondoso não há-de atender as súplicas dos obreiros da paz, possuídos da melhor intenção de servirem aos interêsses do Bem, de que Êle é o Supremo Arquiteto?"; "não nos parece ser uma heresia o deixar de mencionar o nome do Crucificado"; "Não quer dizer que só serão ouvidas as petições que forem feitas em nome dÊle, ou que mencionarem seu nome, porque o que vale na prece é a sinceridade"; "nem por isso nos assiste o direito de considerar heterodoxas ou heréticas tôdas as orações que não subirem ao Pai por intermédio dÊle"; "E

não nos parece justo que Deus repila tais orações". E V. Revdma., secundando Buarque Lira, faz esta afirmação que estarrece um humilde cristão: "A explicação do assunto em lide, dada na obra do Rev. Lira, na sua íntegra, E' TEOLÒGICAMENTE EXATA, CERTA E BÍBLICA, e o senhor não é homem, nem aqui nem na China, para rebatê-la".

Quem diria que um "Ministro do Evangelho em plena atividade há mais de três décadas"; que "um pastor colado há mais de 25 anos"; que "um exegeta primoroso"; que um ex-professor de Teologia do Seminário Unido, viesse a público para afirmar que a explicação dada pelo Lira é teològicamente exata!!!

Jesus pontifica: "E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho". Mas o "seu" Lira corrige: subam como subirem, desde que sejam sinceras, Deus há-de atendê-las. Leu bem, Reverendo? Subam como subirem, isto é, de qualquer jeito, de qualquer modo, por qualquer meio, isto é cousa secundária; o que tem valor na prece é a *sinceridade*. O nome de Cristo é de valor relativo; o essencial, é a *sinceridade*. Desde que sejam sinceras, Deus há-de atendê-las. Saulo de Tarso, melhor que eu sabe V. Revdma., era sincero no seu exagerado farisaísmo, e, no entanto, Cristo lhe disse: "Dura coisa é para ti recalcitrar contra os aguilhões". Quanta verdade encerra o provérbio inglês — The road to hell is paved with good intentions!

"Subam como subirem". E V. Revdma. dá o atestado de aprovação: TEOLÒGICAMENTE EXA-

TA. Diz o Rev. William Carey Taylor: "O fim da oração é que, sendo feita ùnicamente no nome de Jesus, redunda em glória a Deus, o Doador, e a Cristo, *único Mediador.* O romanismo está em desacôrdo flagrante, pois suas orações são "rezadas" em nome da Virgem e do "santo" invocado. O ultimatum do evangelho aplica-se à oração: "Ninguém se aproxima do Pai senão por mim". As demais orações, *oferecidas em outros nomes, são nulas e pecaminosas, e, segundo esta Escritura, repudiadas por Jesus*". (94)

O Rev. Torrey dá o seu testemunho pessoal: "É assim que vou ao banco do céu, quando recorro a Deus em oração. Não tenho lá depósito algum, nem crédito; e se eu sacasse em meu próprio nome, nada absolutamente receberia; mas Jesus Cristo tem um crédito ilimitado no céu, e me autoriza a sacar no banco o que eu quiser em seu nome; e quando chego lá com o meu cheque, que são as minhas orações, trago tudo quanto necessito e peço.

Orar, pois, em *nome de Cristo*, é sacar, não no meu crédito, que não existe, mas no dêle. *Renuncie-se uma vez por tôdas a idéia de que nós temos qualquer direito de ser ouvidos ou atendidos por Deus*, SEM A MEDIAÇÃO DE CRISTO". (95)

"*Em meu nome*", pontifica Jesus. O professor Lira discorda e afirma: "nem por isso nos assiste o direito de considerar heterodoxas ou heréticas tôdas as orações que não subirem ao Pai por intermédio dÊle"! E V. Revdma. endossa esta afir-

(94) "Evangelho Segundo João", Vol. II, pág. 448
(95) "Ensina-nos a Orar", págs., 36 e 37

mação, escrevendo que é "teològicamente exata"!

"Em meu nome". Assim Thayer define o vocábulo grego *onoma*: "Por um emprêgo essencialmente hebraico, o nome se usa por tudo o que o nome sugere, todo o pensamento ou sentimento despertado pela menção do nome — sua posição, autoridade, interêsses, prazer, mandamento, excelência e feitos... nome de Cristo: sua dignidade messiânica, divina autoridade, paixão memorável, seus serviços e bênçãos peculiares outorgadas aos homens; no nome de Cristo — pelo poder e autoridade de Cristo, no uso do nome de Cristo, marcando seu poder em nosso favor; em confessar, abraçar e professar o nome de Cristo; descansando sôbre o nome de Cristo; pedindo algo orientado pela mente de Cristo e dependendo de sua união conosco; em lembrança de Cristo...;" (96)

Essas exposições que acabo de transcrever, Rev. Galdino, são bíblicas e teològicamente exatas. "Não nos parece justo", escreve o Lira, "que Deus repila tais orações, isto é, as que são dirigidas ao Pai, sem ser por intermédio de Cristo". Não percebe V. Revdma. que o professor Lira quer modificar o plano divino? "Não nos parece justo": que jactância! "Renuncie-se uma vez por tôdas a idéia de que nós temos qualquer direito de ser ouvidos ou atendidos por Deus, sem a mediação de Cristo", é o que afirma o Rev. R. A. Torrey. O Rev. Taylor vai além, afirmando que são "NULAS E PECAMINOSAS". E não foi V. Revdma. que tam-

(96) Apud "Evangelho S. João", Taylor, Vol. II, págs. 67 e 68

bém escreveu que é pecado pedir a Deus, seja o que fôr, em nome de outros medianeiros? Sendo V. Revdma., ilustríssimo senhor Galdino Moreira, teólogo eminente e um exegeta primoroso, é com prazer que lhe dou a palavra para dissertar sôbre a tese — oração por meio de Cristo: "*Nossas orações devem ser feitas em nome de Cristo.* Isto significa, não apenas menção do nome inefável, mas a autoridade de Cristo, a intermediação de Cristo, reconhecimento de que Jesus tem direito de pedir por nós, confiança na sua obra de redenção e intercessão, ou absoluta dependência de seu poder, amor e graça.

Orar, baseando pedidos noutro intercessor ou mediador é orar à toa... Cristo ordenou: "O que pedirdes em meu Nome..." E se é no Nome dêle, LOGO E' PECADO PEDIR A DEUS, SEJA O QUE FÔR, em nome de santos, de anjos e de outros intermediários por mais dignos que sejam no conceito humano. Sòmente Jesus Cristo é a garantia de nossas orações". (O grifo e o versal são meus). (97)

Com quem está V. Revdma.: com o prof. Lira ou com Jesus? Ali V. Revdma. afirma que a explicação lireana é teològicamente exata, muito embora seja herética; aqui, diz que é pecado pedir a Deus, seja o que fôr, sem ser pela mediação de Cristo!... Se V. Revdma. declara, com a Bíblia na mão, que é pecado pedir, SEJA O QUE FÔR, é lógico que nesse — seja o que fôr — está subentendido "súplicas em favor da obra meritória e be-

(97) Revista do Curso Superior, 4.º trimestre, pág. 21

nemérita", "mercês e luzes para a tarefa benemérita de sua trajetória sôbre a terra"; "as petições do ritual fúnebre, em favor dos Irmãos que morrem"; "as súplicas de auxílio e iluminação para as jornadas da terra"; "as petições inteiramente desprendidas de qualquer preconceito anti-cristão, como o são as dos humildes "filhos da Viúva!", não é mesmo verdade, senhor Galdino? Muito mais nobre e edificante seria a atitude de V. Revdma., se, em vez de adotar o caminho fácil e cômodo de responder com desaforos, tivesse a coragem de, como cristão, exclamar: ERRAVIMUS.

O homem moderno procura livrar-se do nome de Cristo, à semelhança da Maçonaria. Razão tinha Conner ao escrever: "Eis de novo uma divergência aguda. Visto que o homem "moderno" não tem nenhum sentimento do pecado, não sente a necessidade de um Salvador. Não depende, pois, do Nome para aproximar-se de Deus. Muitos dêles consideram que é uma impertinência dizer-lhes francamente que não podem aproximar-se de Deus em seu próprio direito... São suficientes em si e para si. Não confessam nenhuma dependência em Jesus para mediar suas relações com Deus". (98)

Mas será que Deus não ouve as orações dos incrédulos, que estão em boa fé? Ouçamos a respeito o que diz o Rev. Eduardo Carlos Pereira:

"Se Deus ouve ou não ouve as orações dos incrédulos, não é a questão: a questão é que nós não podemos reconhecer o direito de ninguém dirigir-se a Deus sem Cristo. Por isso, não podemos, sem

(98) Apud "Comentário S. João, op. cit. vol., II, pág. 68

grave pecado, apoiar moralmente um sistema onde êsse direito é expresso.

Deus na sua infinita misericórdia pode acolher o grito da miséria, como diz o Salmista que êle acolhe o clamor dos filhos dos corvos, que necessitam de sustento para sua vida.

Mas entre êsses brados espontâneos de angustiosa miséria e uma liturgia friamente calculada; entre o grito desordenado de uma alma em agonia e as orações ritualísticas de um sistema altamente filosófico, vai um abismo.

Em suma: as orações da Maçonaria são orações sem Cristo, são expressões sistemáticas de princípios assentados de uma filosofia racionalista e pagã, são repetidas negações dAquele Senhor que nos resgatou. (2 Pedro 2:1)

Orar sem Cristo é oferecer um fogo estranho diante do Senhor e expor-se à terrível sorte dos filhos de Arão. Lev. 10:1.

Se não podemos entrar no Oráculo de Deus, em nome de S. José, ou da Virgem ou de S. Pedro, muito menos em nome de nossas virtudes.

Cristo, o Deus-homem, o cordeiro imolado desde o princípio do mundo, o Filho de Deus vivo; Cristo, nosso Profeta, Sacerdote e Rei, o grande, único Mediador entre Deus e os homens, e o Fiador do Novo Testamento; Cristo e Cristo crucificado é a Rocha secular das caras esperanças de Israel, é o sólido fundamento do Evangelho, a Pedra angular da Igreja.

Transgressores da Lei, miseráveis pecadores,

sem Cristo "nada podemos fazer"; "filhos da ira por natureza", sem Cristo não podemos abrir nossos lábios diante da Infinita Majestade. E' esta a COROA REAL que não devemos consentir que a Maçonaria tire da fronte divina do SALVADOR". (99)

(99) "A Maçonaria e a Igreja Cristã", 3a. edição, págs. 82 e 83

SALVAÇÃO PELAS OBRAS

Demonstrei, na Carta Aberta, que o prof. Lira admite na Maçonaria a salvação pelas obras, e que V. Revdma., sendo contra tal doutrina, caiu em contradição ao elogiar uma obra heterodoxa. A sua resposta vazou-se em palavras sôltas e descompostas contra mim. Ei-la:

"Não é exata a acusação. O senhor cometeu aqui a mesma falta grave já evidenciada na "Terceira Observação" acima, isto é, *mutilação* e roubo do pensamento do Rev. Jorge. O senhor citou 3 páginas esparsas e fora dos contextos, ou 17 linhas, onde o Rev. Lira tem 100 páginas elucidativas do assunto, as de números 76 a 176! Nesses longos períodos o Rev. Jorge explica com segurança o tema em aprêço; e não há absolutamente contradição entre êle e mim, nessa forma completa do assunto. Repto-o, pois, a publicar as páginas tôdas citadas acima — 76 a 176, e desde já lhe declaro que, se o não fizer, demonstrará a sua falta de probidade cristã. Não se acusa a ninguém dêsse modo, senhor Amaral. E' surpreendentemente es-

tarrecedora semelhante atitude, própria só de ímpios".

A decantada Réplica de V. Revdma. é sui-generis. De réplica mesmo, isto é, de argumento que refute minha acusação, neris de neris. A norma adotada por V. Revdma. em tôdas as suas "Observações", é sempre a mesma: injuriar em vez de contradizer. E faz-me um repto interessantíssimo que, aliás, desconheço, pois não o encontrei ainda nas grandes obras de controvérsia; o de publicar 100 (CEM) páginas do Autor controvertido! A atitude de V. Revdma., sem dúvida alguma, é originalíssima. Na "Terceira Observação" desafia-me a publicar todo o trecho, desde a página 110 até 134; na "Quarta Observação", o repto para publicar, na íntegra, apenas uns trechinhos de 150 páginas, sôbre idolatria (!) ; na "Oitava Observação", V. Revdma. exige que eu "publique, na íntegra, sem tirar nada, as páginas 37, 38, 39 e 40; as páginas 217 e parte da 218; à página 310, no trecho central,...". Sim, senhor Reverendo Galdino! Esta é boa! Exigir que eu publique TREZENTAS E OITENTA (380) páginas da obra lireana! Ora, neste caso, o caminho mais certo a seguir seria o de V. Revdma. auxiliar o seu colega na venda de tão volumosa obra... E' quase inacreditável que tal repto tenha saído da pena fulgurante de um lídimo polemista! Sou um humilde professor, meu Reverendo, e não tenho recursos suficientes para reeditar o livro do prof. Lira em folhetim. Agora, uma pergunta bem séria: por que V. Revdma. não fêz uso melhor do seu folheto, transcrevendo nele as

380 páginas lireanas, em vez das invectivas que contra mim lançou? Naquela ocasião V. Revdma. era Diretor-Proprietário de "O Puritano"; bem podia ter enchido as suas colunas com as 380 páginas da obra em questão, não é verdade? Por que não o fêz? Achou também que as suas páginas eram "dignas de uso mais edificante e útil?" Ou, então, primoroso e decantado polemista como dizem ser V. Revdma., por que não adotou um processo mais simples e cômodo para pulverizar, esmagar, desmascarar e demolir tôdas as minhas acusações? Por que? Não seria mais racional que V. Revdma. tomasse o texto por mim citado, e chamado por V. Revdma. de "mutilado, roubado, truncado, espatifado", e colocasse ao seu lado o texto original? POR QUE NÃO O FÊZ, REVERENDO? Que o prezado leitor procure conferir as minhas citações com o texto original, e seja o julgador imparcial para saber com quem está a "falta de probidade cristã".

Coloquemos, porém, de lado, essas nugas de que V. Revdma. lançou mão, com o fim de salvar as aparências, e penetremos no âmago da questão.

A Maçonaria sustenta a doutrina da salvação pelas obras? O professor Jorge Buarque Lira confirma ou nega a existência de tal dogma?

O Código Maçônico afirma: "O verdadeiro culto que se presta ao Grande Arquiteto consiste MUI PRINCIPALMENTE NAS BOAS OBRAS". (100) O Código Maçônico, que vem transcrito no livro "Maçonaria Simbólica", de Raul Silva, edição de "O Pensamento", 1944, afirma o mesmo:

---

(100) Apud Literatura Masonica Contemporanea, op. cit. pág. 183

1.º — Adora o Grande Arquiteto do Universo. 2.º — O verdadeiro culto que se pode tributar ao Grande Arquiteto consiste nas BOAS OBRAS".

Considerou bem, V. Revdma., em que consiste o verdadeiro culto maçônico? Quem o afirma é o CÓDIGO MAÇÔNICO: o verdadeiro culto consiste nas BOAS OBRAS. Mas ensinará a Maçonaria que as boas obras salvam? E' o que vamos ver, consultando o Manual usado por ocasião das pompas fúnebres.

Cerimônia realizada no Interior da Loja, sem a presença do corpo. Após o panegírico do falecido, inicia-se a cerimônia. O Venerável, junto ao altar triangular, onde arde o fogo sagrado, ora: "O' Grande Arquiteto do Universo! Fogo sagrado e vivificante que tudo fecunda e em quem tudo vive e respira; ensina-nos a morrer para que à semelhança do nosso Irmão... possamos gozar dignamente da vida imortal!" Em seguida, rodeia o cenotáfio, com vinho, leite e água. Ao aspergir a água, diz: "Sê purificado pela morte e que esta água, símbolo de pureza, LAVE E APAGUE TODOS OS TEUS DEFEITOS, a fim de que do túmulo, só apareçam AS TUAS VIRTUDES". Queima incenso no altar, e ora: "O' Grande Arquiteto do Universo! Digna-te aceitar êste incenso que queimamos à glória do teu nome e faze que a alma de nosso Irmão se remonte até a sua origem celeste, assim como as ondas dêstes perfumes sobem ao Céu!...". Após o toque da trompa fúnebre, diz o Venerável: "Que o Grande Arquiteto receba em seu seio a alma do nosso inolvidável Ir-

mão... e permita que encontre no templo celeste da imortalidade, A RECOMPENSA DE QUE SE FÊZ MERECEDOR PELAS SUAS VIRTUDES". (101)

Cerimônia realizada na Igreja ou em casa. O capelão inicia a cerimônia, recitando a Oração Dominical. Em seguida, os vigilantes e o Venerável lêem, alternadamente, várias passagens, dentre as quais destacarei as seguintes: "O homem trabalha até ao ocaso da vida. Os trabalhos de nosso irmão terminaram. Foi do agrado de Deus levar-lhe a alma; que ela encontre, no dia do Juízo Final, a graça necessária. Devemos caminhar pela senda esplendente da virtude, enquanto brilha a luz da vida, porque as trevas da morte nos podem apanhar de surprêsa. Atenção, pois, estai firmes e orai! Não sabemos se o Mestre virá esta tarde, à meia noite ou ao romper da alva. Nesta vida devemos apegar-nos à retidão e à verdade, para que o fim de nossos dias nos encontre aptos para passar do trabalho para o descanso, e, devidamente PREPARADOS PARA PASSAR DESTA LOJA TERRESTRE PARA A LOJA CELESTIAL, onde nos reuniremos à Fraternidade dos espíritos de HOMENS JUSTOS E JÁ PERFEITOS". Esta cerimônia é encerrada com a seguinte oração: "Deus glorioso, autor de todo bem, derrama sôbre nós as tuas bênçãos e fortalece os nossos solenes juramentos, com os laços do mais sincero afeto. Faze que, diante dêste fato, nos lembremos que o nosso fim se aproxima cada dia mais e que nos voltemos para

(101) Manual Ortodoxo del Maestro Mason, op. cit. pág. 80-86

ti, único refúgio na tribulação. Induze-nos a moderar a nossa conduta para que, no instante solene de deixarmos esta cena transitória, a tua graça dissipe em nós o pavor da morte. Que ao deixarmos, em paz, êste mundo, possamos merecer o favor de ser recebidos em teu reino eterno e reunamo-nos ali aos nossos entes queridos, gozando da felicidade eterna concedida às almas dos HOMENS JUSTOS E PERFEITOS. Amém".

Cerimônia realizada no cemitério. O capelão inicia a cerimônia com a seguinte oração:

"Pai todo-poderoso e misericordioso, nós te adoramos como Deus do tempo e da eternidade. Foi do teu agrado chamar um dos nossos queridos; imploramos-te, agora, a tua bênção, como uma graça da tua providência. Inspira os nossos corações com a sabedoria do Alto, para te glorificarmos por todos os meios. Faze-nos lembrar que o teu olhar, que tudo vê, está sôbre nós. Que ao sermos chamados, *passemos a gozar da luz inextinguível e da vida imortal nesse reino em que o gôzo e o amor perduram para todo o sempre.* E tua será, ó reto Pai, a glória eterna. Amém".

Segue-se uma breve exortação do Venerável, da qual destaco o seguinte:

"Enquanto derramamos lágrimas de condolências sôbre a sepultura do nosso querido irmão, ESTENDAMOS SÔBRE OS SEUS DEFEITOS, QUAISQUER QUE TENHAM SIDO, O MANTO DA CARIDADE MAÇÔNICA, e não recusemos à sua memória o encômio que as suas virtudes reclamam. Ninguém alcançou a perfeição neste mun-

do; os homens mais sábios e os de melhor conduta também erraram o caminho. Permiti, pois, que as desculpas da natureza humana sejam a defesa daquele que já não pode defender-se por si mesmo. Convencei-vos, irmãos, da brevidade e não procrastineis mais a vossa preparação para a eternidade.

Conservemos sinceramente o digno caráter de nossa profissão. Que o nosso comportamento seja uma prova de Fé; que a nossa esperança seja tão resplandecente como os gloriosos mistérios que nos serão revelados no futuro e que a nossa CARIDADE SEJA TÃO ILIMITADA como as necessidades dos nossos semelhantes. E quando fôr do agrado do Grande Arquiteto do Universo nos levar para sua presença eterna, depois de termos cumprido fielmente os grandes deveres para com Deus, para com o próximo e para conosco mesmos, possamos ser achados dignos de COMER DO "MANÁ ESCONDIDO" E DE RECEBER UMA PEDRA BRANCA, E NA PEDRA UM NOVO NOME ESCRITO", garantia da eterna e inefável felicidade À DIREITA DO SENHOR".

Eis aí exposta de maneira patente e inquestionável, meu querido Reverendo Galdino, a doutrina anti-bíblica, anti-cristã, da salvação pelas obras. Onde é praticada? Está visto que na Maçonaria, pois o Manual citado é, indubitàvelmente, maçônico. Quanto à primeira pergunta, isto é, se a Maçonaria sustenta a doutrina da salvação pelas obras, a resposta é uma só: sim, a Maçonaria possui tal doutrina.

(102) Ritual York — Ritual Universal, págs. 159-167

O professor Lira confirma ou nega a existência dessa doutrina? Vamos ouvi-lo:

"Quanto ao *dogma da imortalidade da alma, é fato que ela tem*, mas tal doutrina não é patrimônio exclusivo das religiões. Porém, com referência *à recompensa futura da "Celeste Pátria"*, ao lado de um castigo funesto para os viciados, é um ensino que podemos caracterizar como optativo, na Maçonaria. FAZ PARTE DO CONJUNTO DE PRINCÍPIOS SÔBRE OS QUAIS OS MAÇONS SÃO LIVRES PARA CRER OU DEIXAR DE CRER. Não se pode, com propriedade, chamar a isso religião maçônica.

Foi devido à influência deletéria da doutrina da Igreja Romana, no tempo em que muitíssimos católico-romanos faziam parte da Ordem, que ALGUNS ENSINAMENTOS ANTI-CRISTÃOS FORAM SENDO PERMITIDOS NA MAÇONARIA, e entre êsses está a crença fundamentalmente católica-romana da SALVAÇÃO PELA PRÁTICA DE VIRTUDES OU DE BOAS OBRAS".

"...e, quanto a "OBRAS SALVADORAS" — E' UMA CRENÇA INTEIRAMENTE LIVRE, NA MAÇONARIA; quase que só aceita por maçons romanistas". (103)

Reverendo, leu com atenção o que afirmou o professor Lira? Ouçâmo-lo, ainda:

E' VERDADE QUE OS MAÇONS TÊM A CRENÇA NA EXISTÊNCIA DA "PÁTRIA CELESTE", PARA ONDE IRÃO OS VIRTUOSOS,

(103) Op. cit. pág. 176

OS QUE PRATICAM O BEM, finda a sua carreira terrenal". (104) (O versal nessas citações é meu).

Como vê, V. Revdma., o professor confirma plenamente a existência da doutrina da salvação pelas obras, na Maçonaria. Confirma, é claro, a existência de algo que existe. E como teve V. Revdma. a petulância de afirmar que minha acusação não era exata? Que mutilei e roubei o pensamento lireano? Não paremos, porém, aqui, Reverendo. O professor Lira que testemunha a existência de tal doutrina, anatematiza-a ou, pelo contrário, prestigia-a com a sua palavra? Infelizmente, não só fêz a sua defesa, mas também procurou canonizá-la. Eis as suas palavras:

"Um dos argumentos de Mr. Brown para provar que a Maçonaria é uma religião, é que ela faz cerimônias fúnebres nas exéquias dos maçons. *E' verdade que consta dos seus rituais tais cerimônias,* e ELA FAZ MESMO, porém, não constitui isso argumento comprovante de ser ela uma religião.

Se alegarem que em tais cerimônias a Maçonaria revela pontos de vista contrários à fé cristã, como sejam: *intercessão pelo morto, salvação pelas obras,* etc. etc., ainda assim não têm razão, porque a cerimônia não é igual para todos, isto é, o ritualismo e suas conseqüêntes doutrinas ficam a cargo do Irmão oficiante, que respeitará inteiramente a crença do Irmão falecido, e cuja crença

(104) Op. cit. pág. 119

estará de acôrdo com a sua". (104) (Os grifos são meus).

E, *quanto às petições do ritual fúnebre, em favor dos Irmãos que morrem,* — ainda que isto cheire a romanismo, — *destinam-se sòmente aos maçons que admitem o mérito de tais preces,* e isto mesmo é feito a pedido da família do extinto...". (105) (Os grifos são meus).

"Houve uma época em que era permitido pela Maçonaria fazer-se a cerimônia fúnebre de acôrdo com uma fórmula litúrgica pré-estabelecida. Nessa fórmula que variou com o tempo, *havia, evidentemente, alguma coisa que não estava conforme a crença cristã.* A super-maçonaria escocesa *introduziu nos rituais, com a permissão do Grande Oriente Unido, petições em favor dos Irmãos falecidos,* doutrina que, de fato, nós, cristãos, não podemos admitir, pois que, "após a morte segue-se o juízo". (106) (Os grifos são meus).

E, mesmo que o Dr. Carlos Pereira tenha lançado os seus olhares esperançosos para além das divisas da presente idade, para mostrar que a palma da vitória, lá, caberá à Igreja de Cristo, e não a qualquer outra Igreja ou Instituição — eu responderei que o nosso Deus, que não deixa sem recompensa um copo dágua fria com que se mitiga a sêde do necessitado — *saberá fazer justiça aos pobres despretensiosos, mas benfazejos "filhos da viúva"!...* (O grifo é meu)

(104) Op. cit. pág. 119
(105) Op. cit. pág. 227
(106) Op. cit. pág. 115

Na partilha das bênçãos para a humanidade, nestoutro Reino Ideal que há de vir (conforme a crença luminosa do premilenismo), A MAÇONARIA INEGÀVELMENTE TERÁ O MAIOR QUINHÃO DE RECOMPENSA, depois da Igreja de Cristo, porque, depois desta, ela tem sido e será sempre a campeã convicta de todos os ideais do Bem!" (107)

"Os cristãos, porém, embora dogmatizem, com a Escritura, e com a Autoridade de Cristo — que só irão para Deus, para a morada dos justos, os que se arrependerem dos seus pecados e crerem no sacrifício vicário do Filho de Deus (pois não há salvação em nenhum outro) — (Atos 4:12) — *todavia, não têm a autoridade* precisa para julgar das pretensões de qualquer dos seus semelhantes, em suas relações para com Deus.

Quanto ao mais, *se é justa ou não a pretensão dos maçons virtuosos, se êles irão ou não alcançar a felicidade a que aspiram — só Deus pode saber.*

SE O MAÇON NÃO CRENTE JULGA QUE IRÁ PARA A "PÁTRIA CELESTIAL" — SEJA QUAL FÔR A SUA CRENÇA, — *o cristão só deverá dizer: Permita Deus que assim seja".* (108) (Os grifos são meus).

A minha acusação, portanto, permanece de pé, não é mesmo, Reverendo? Mas como teria sido introduzida tal doutrina na Maçonaria? O próprio Lira aventa duas hipóteses. Foi permitida

(107) Op. cit. pág. 76
(108) Op. cit. pág. 119

na Maçonaria "devido à influência deletéria da doutrina da Igreja Romana"; esta é uma hipótese; a outra, é que a doutrina da salvação pelas obras foi introduzida nos Rituais pela super-maçonaria escocesa, com ordem do Grande Oriente Unido. Quer tenha sido introduzido por influência católico-romana, quer pela maçonaria escocesa, a gênese não importa, a coisa certa, indiscutível, irrefutável, é esta: há na Maçonaria a doutrina da salvação pelas obras. O professor Lira afirma que "constam dos seus Rituais tais cerimônias", isto é, "intercessão pelo morto, salvação pelas obras, etc., etc.", e V. Revdma. aprova tal afirmação, ao endossar o livro escrito por êle! O professor, entretanto, sentindo o terreno fugir-lhe aos pés, atreve-se, em recurso extremo, a lançar mão de afirmações duvidosas e desautorizadas, como as que seguem: "a cerimônia não é igual para todos"; "e quanto a Obras Salvadoras — é uma crença inteiramente livre, na Maçonaria, *quase que só aceita por maçons romanistas"*; "nessa fórmula que variou com o tempo, havia, evidentemente, alguma coisa que *não estava conforme a crença cristã...;* "porque, embora o cerimonial esteja BÌBLICAMENTE ERRADO, todavia, *êle era o reflexo de quem o redigiu*"; etc. etc.. V. Revdma. sabe muito bem que a Maçonaria aceita homens de qualquar convicção religiosa, sem, entretanto, aceitar o seu ponto de vista religioso. Manuel Arão é bastante claro neste particular: "Não é a Ordem que se adapta à crença de cada um, respeitando-a,

sem adotá-la; é sim o *homem que se adapta aos intuitos gerais da Ordem, integralizando-se nesta e sendo com esta um só corpo e uma só ação*". O professor Lira confirma essa verdade: "...na Sublime Ordem podem tomar parte judeus e maometanos, católicos e protestantes, espíritas e livres pensadores, etc.. Ora, assim sendo, nenhum espírito sensato, justo e lógico poderá ofender-se pelo fato de suas concepções religiosas ali não terem guarida.

...o judeu e o maometano não têm o direito de exigir que os seus princípios anti-cristãos sejam ali aceitos, nem tão pouco ensinados. A preferência a qualquer dêsses credos, importaria no esfacelamento da Ordem e tornar-se-ia ela uma seita religiosa com o colorido de sua preferência. Admitir, em Loja, o ensino de todos êsses credos, seria transformar a Maçonaria numa verdadeira babel, que afinal de contas não prestaria nem para o mais maluco". (109) (Os grifos são meus).

E, se assim é, pergunto a V. Revdma., como poderia ter sido obra de católicos romanos a introdução da doutrina de salvação pelas boas obras, na Maçonaria? Como crer que êsse dogma é só aceito quase que exclusivamente por maçons romanistas? Como admitir que o cerimonial fúnebre era o reflexo de quem o redigiu? Como concordar com a declaração de que "êsse ritualismo deixou de ser uma ordenação e, conseqüentemente, a sua fórmula passou ao critério da crença do Ir-

(109) Op. cit. pág. 120

mão oficiante, em harmonia com a crença do Irmão falecido"? Não seria isto uma verdadeira babel? Além do mais, sabe V. Revdma. que as leis maçônicas são rígidas. Diz o Código Maçônico, cap. II, art. 22: "As Oficinas adotarão para seus trabalhos *um dos Ritos reconhecidos,* e como tais se consideram o escocês antigo e aceito, o adoniranita, o francês ou moderno, o de York e o Schroeder, podendo de futuro ser ainda qualquer outro adotado pelo Poder competente". No capítulo XI — Poderes Litúrgicos —, art. 57, parágrafo único, lê-se: "*Nenhuma Oficina poderá mudar de Rito sem a necessária autorização*". Como explicar, pois, que a fórmula, pré-estabelecida registada no Manual, passe ao critério da crença do Irmão oficiante, em harmonia com a crença do Irmão falecido? Que tal, Reverendo, a confusão lireana?

V. Revdma. poderá replicar: Mas o professor Lira afirma que "houve época em que era permitido fazer-se o cerimonial fúnebre", e isso é cousa do passado. Isto, entretanto, não condiz com a verdade, como passo a expor. Não fui buscar documentos "nas brumas de tão longínquo passado", mas sim em Manuais modernos. O Manual Ortodoxo do Mestre Maçon, de Luís Umbert Santos, grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito, Rito êste aceito por V. Revdma. e pelo professor Lira, foi impresso no dia 26 de setembro de 1947. E' bem moderno, não concorda V. Revdma.? O cerimonial fúnebre de hoje é o mesmo de ontem. Em

outubro de 1950, faleceu em Pirajuí, A. S. R., à meia-noite, quando, na Loja, passava as atas. Era membro da Igreja Metodista. O serviço religioso maçônico foi feito em casa e no cemitério e, depois dêste, a cerimônia evangélica. Em abril do corrente ano (1951) faleceu aqui em Assis o snr. Batista Rossi, com quem mantinha relações de amizade. Era, por convicção, anti-romanista. Maçon altamente graduado: grau 30. Não aceitava a obra vicária de Cristo. Na sua enfermidade tive o privilégio de orar várias vêzes em seu favor. No dia do seu falecimento mandou-me chamar para orar com êle. Assisti ao serviço religioso, feito em sua casa, pelo Venerável da Loja local. E ali, ao lado do Rev. Azor Etz Rodrigues e do presbítero Antônio de Almeida Prado, amigos também do finado, ouvi o Venerável ler o que atrás transcrevi, confirmando, ipsis-verbis, a doutrina da salvação pela prática das boas obras. E o professor Lira não usa meios-termos ao pronunciar seu julgamento a respeito dessa doutrina herética: "Eu responderei que o nosso *Deus saberá fazer justiça aos pobres e despretensiosos, mas benfazejos filhos da viúva*"; "se é justa, ou não a pretensão dos maçons virtuosos, se êles irão ou não alcançar a felicidade a que aspiram — só Deus pode saber"; "se *o maçon não crente julga que irá para a "Pátria Celeste"* — seja qual fôr a sua crença —, o cristão só deverá dizer: *Permita Deus que assim seja*".

E V. Revdma. endossou as afirmações de

Buarque Lira! E como as endossou, contrariando o pensamento impresso de V. Revdma.? Não foi V. Revdma. quem escreveu: "Há leilões de credos que dizem que, pela caridade, se encontra a salvação. Há filosofias que aleiloam idéias salvatórias... Mas a Escritura diz que tudo isso é gasto inútil com aquilo que não é pão, nem gordura, nem alegrias reais. São leilões fictícios, são negócios que iludem as almas. *Boas obras não salvam. A caridade não salva.* Crenças não salvam. *O demônio* tem fé, *faz caridade,* como anjo mentiroso de luz... E está perdido para sempre!"? (110)

De fato, meu amigo, boas obras não salvam. "No Céu é a justiça mais rigorosa que na terra. De maneira alguma pode a alegação de boas obras, feitas pelo pecador, mover o reto Juiz de todo o Universo a saltar por cima de sua Lei, da sua justiça, da sua santidade e, sob êsse fundamento, declarar o pecador justificado do mal que fêz. Nem ainda, como atenuantes, pode o pecador invocar as suas obras; porque, antes de regenerado pela graça, não as fêz nenhumas para glorificar a Deus, mas para glorificar-se a si próprio, e, nisso mesmo peca". (111)

Não é verdade que êste é também o ensino de nossa Confissão de Fé? "Não podemos, pelas nossas melhores obras, merecer da mão de Deus perdão de pecado ou a vida eterna, porque é grande

(110) Revista do Curso Superior, 1.º trim., 1937, pág. 16
(111) Roma, a Igreja e o Anti-Cristo, Ernesto de Oliveira, pág. 195

a desproporção que há entre êles e a glória porvir, é infinita a distância que vai de nós a Deus, a quem não podemos ser úteis por meio delas, nem satisfazer pela dívida dos nossos pecados anteriores: e porque, como boas, procedem do Espírito e, como nossas, são impuras e misturadas com tanta fraqueza e imperfeição, que não podem suportar a severidade do juízo de Deus; assim, depois que tivermos feito tudo quanto podemos, temos cumprido tão sòmente o nosso dever, e somos servos inúteis".

"As obras feitas pelos não regenerados, embora sejam, quanto à matéria, cousas que Deus ordena, e úteis tanto a si mesmos como aos outros, contudo, porque procedem de corações não purificados pela fé, não não feitas devidamente — segundo a palavra, — nem um fim justo — a glória de Deus, — são pecaminosas e não podem agradar a Deus, nem preparar o homem para receber a graça de Deus; não obstante o negligenciá-las é ainda mais pecaminoso e ofensivo a Deus". (112)

A Palavra de Deus afirma: "Nenhuma carne será justificada diante de Deus pelas obras da lei". (113); "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras para que ninguém se glorie". (114). As boas obras, a prática da virtude, feita com intuito de alcançar a salvação é um verda-

(112) Confissão de Fé, cap. XVI, 5 e 7
(113) Romanos 3:20
(114) Efesios, 2:8, 9

deiro ultraje lançado pelo orgulho humano contra a cruz de Cristo. Eis a experiência dolorosa pela qual passou o Rev. Stephen Merrits, o mais jovem Mestre da maior Loja de New York. Chamavam-no de "pastor", pois era êle quem sempre realizava os serviços religiosos da Ordem. Diz-nos êle: "Um incidente abriu-me os olhos. Sempre preguei que não há nenhum outro nome pelo qual possamos ser salvos, a não ser Jesus. Repetidas vêzes, encontrei maçons moribundos, sem Deus e sem esperança. Fui chamado para junto do leito de um membro da minha Loja, que julgava ter chegado a sua última hora. Deu-me um apêrto de mão, quando me sentei ao seu lado. Disse-me que ia partir e que a sua alma estava extremamente angustiada. Experimentei conduzi-lo a Cristo. Êle me censurou; eu contribuíra para desviá-lo da fé. Como Mestre maçon eu ensinava, na Loja, que a vida moral era suficiente. As suas palavras foram estas: "Dissestes-me que tudo iria bem, se eu fôsse um homem reto, justo e obediente aos preceitos da Loja. Sinto que me apoiei em cana quebrada; e agora vou morrer, sem Deus. Deixo isso ao vosso cuidado, Venerável Mestre. Confiei em vós e agora vou morrer! Senti profunda agonia e prostrei-me diante de Deus, pedindo-lhe que poupasse a vida daquele homem. O meu coração estava despedaçado. Deus ouviu-me: o homem sarou e converteu-se a Cristo. Disse-me êle, depois, que eu devia abandonar a Loja. Abandonei-a e agora sou livre. Nada mais se interpõe entre a minha alma e Jesus".

O professor Jorge Buarque Lira faz uma afirmativa, para a qual chamo de modo especial a atenção de V. Revdma.. Escreveu êle: "*Se a Maçonaria ensinasse que a salvação se alcança por meio das virtudes maçônicas e que por meio destas o pecador tem o direito de ter acesso a Deus, sem a mediação do Crucificado, ou ainda, se ensinasse qualquer outra doutrina, com o objetivo de conseguir êsse mesmo fim — então, e só então, é que o nosso antagonista estaria com a razão, e* TODOS OS MAÇONS CRISTÃOS DEVERIAM ABJURAR A MAÇONARIA". (115) (O grifo e o versal são meus).

E não é exatamente essa a doutrina maçônica, como acabamos de ver, Reverendo? Que atitude vai tomar V. Revdma? Lira, coerente com o que escreveu, deixou a Igreja de Cristo, abandonou a mediação do Crucificado, preferindo ficar com a doutrina maçônica. E V. Revdma. que vai fazer? Renegar a Cristo ou abandonar a Loja? Se V. Revdma. aceita o que escreveu um dia: — "Cristo não sòmente é um caminho, mas é o único caminho, não sòmente uma revelação, mas a única revelação, não sòmente uma vida de poder espiritual, mas a única vida que se pode viver em comunhão com Deus é por meio da comunhão com Cristo" —, então, meu amigo, abandone de uma vez para sempre a Maçonaria e fique com o Filho de Deus.

(115) Op. cit. pág. 117

IMAGENS NA MAÇONARIA

Na "Quinta Observação", escreve V. Revdma.: "O senhor diz depois que "eu sei que há imagens na Maçonaria" e que "o Rev. Lira ADMITIU e CONFESSOU isto em sua obra". E me põe contra o Rev. Lira e contra mim mesmo, citando trecho de minha Lição Dominical de 1937, onde condeno os ídolos e a idolatria em têrmos formais e conservadores. Respondo-lhe: O senhor falta com a verdade, nesta acusação, três vêzes numa só vez. Primeiro eu não SEI que haja ídolos ou imagens na Maçonaria. SEI que NÃO há. Na Maçonaria há símbolos, mas nenhum dêles, um só ao menos, é usado com fins de adoração ou culto religioso. Símbolos, senhor Amaral, não são proibidos pela Escritura, e sim, ídolos, imagens, representações, figuras e símbolos para fins de culto religioso. Foi isso o que eu condenei e condeno. Segundo, o Rev. Jorge não ADMITE nem CONFESSA haver ídolos e imagens na Maçonaria".

Afirmei em minha Carta Aberta haver imagens na Ordem Maçônica e, por êsse motivo, V. Revdma. insinua ter eu faltado com a verdade três

vezes numa só! Estudarei, de novo o problema, e no final V. Revdma. há de convir que o pior cego é aquêle que não quer ver...

Vejamos o significado amplo da palavra imagem. E ninguém mais digno para defini-la que a ilustre e saudosa pessoa do Rev. Erasmo Braga. Diz êle: "Imagem — figura, representação, semelhança, e aparência de alguma coisa pintada, lavrada em vulto ou imaginada e representada com palavras. A primeira referência do mandamento é, sem dúvida, às pinturas, estátuas e relevos representativos da divindade. O sentido geral é mais lato: *proíbe até a formação mental de uma imagem* de Deus". (116)

E V. Revdma. pontifica: "ÍDOLO, IMAGEM, FIGURA ou qualquer REPRESENTAÇÃO DE DEUS ou de espíritos criados — humanos ou celestiais — são na Bíblia condenados tenazmente como crime e idolatria". Mas V. Revdma. vai além. Condena não só a imagem, a figura, a representação, mas ainda o simbolismo. Repita novamente, Reverendo, a sua Lição Dominical: "Tudo quanto seja culto oferecido à Divindade *mediante formas sensíveis* ou tudo quanto receba do adorador homenagem que não seja diretamente e ùnicamente devida ao Deus único e verdadeiro, isso é idolatria. No Decálogo há dois preceitos que matam de frente êste êrro: o primeiro, que condena a idolatria gentílica do politeísmo — pluralidade de deuses e seu culto respectivo; o segundo, que *condena qualquer culto a Deus, mesmo mediante* SÍM-

(116) "Livro do Professor", 1926, pág. 156

BOLOS SENSÍVEIS, sejam de entidades do céu, da terra, das águas, do universo".

Ouçamos, agora, a opinião maçônica a respeito do simbolismo. No capítulo sôbre o "Simbolismo Maçônico", diz Luís Umbert Santos, grau 33: "O simbolismo é a linguagem mais eficiente e essencial à Maçonaria. O símbolo simboliza, significa: atrás dêle está a vida. Sim, vale por isto. Um símbolo maçônico tem história, sentido, essência; faz parte de uma ordenação maçônica. Êstes elementos vêm da própria vida. Falar dos símbolos maçônicos é falar da própria vida". (117). E mais: "Um emblema é pròpriamente a representação de uma idéia por meio de um objeto visível; mas o símbolo é mais extensivo em sua aplicação, porque inclui tôdas as representações de uma idéia, por meio de uma imagem, quer essa imagem se apresente imediatamente aos sentidos, como uma substância visível e tangível, ou, ùnicamente, apresentada à mente por meio de palavras". (118)

Erasmo Braga é bem preciso: imagem, representação; e afirma, bìblicamente, que o segundo mandamento "proíbe até a formação mental de uma imagem de Deus". E V. Revdma. faz o mesmo ao escrever que *qualquer representação de Deus* é, na Bíblia, *condenada tenazmente como crime e idolatria.*

Agora, uma pergunta: há na Maçonaria algo que represente a Deus? HÁ. E' o DELTA. Chamamos, mais uma vez, em nosso auxílio o notável

(117) "Cinquenta Leciones de Cultura Masonica", pág. 56
(118) Los Treinta e Três Temas del Aprendiz Mason, pág. 59

escritor maçônico Lourenço Frau Abrines, "o *mais minucioso pesquisador da história maçônica*", conforme escreve o sr. Arnaldo B. Cristianini no seu prefácio à obra lireana. Diz Abrines: "*Representa o Delta o Grande Arquiteto do Universo, isto é, o Supremo Criador.* (119) Umbert Santos assim define o Delta: "Delta. Triângulo Sagrado, Símbolo da Divindade e da Natureza, que os maçons reverenciam em alto grau". (120) E o "nosso" Lira, Reverendo? Que diz a respeito? "O Delta, ou Triângulo fulgurante, *representa o Supremo Criador, cujo ôlho* luminoso é o ôlho da Sabedoria e da Providência, que observa, prevê e provê. *Êle simboliza também os atributos da Divindade:* Onipresença, Onividência e Onisciência, e que o verdadeiro maçon tem como lembrete divino de suprema relevância, para sua vida". E num discurso para o 5.º Grau afirma: "Irmão, a nossa Ordem possuidora de tão *rico talismã* (o Lira se refere ao Delta), rende o seu tributo de gratidão à Divindade, e é êste grau, que acabais de receber, o destinado a êsse culto, de um modo especial, tornando-o permanente com a conservação em nossos Templos do *Triângulo luminoso, simbolizando o infinitamente Poderoso,* e Aquêle ôlho da Providência que tudo vê, até mesmo os mais recônditos sentimentos do nosso coração. Urge, pois, que em *nossa alma O conservemos sempre luminoso, brilhante e sem mancha, através de uma vida virtuosa,* que é, afinal, O VERDADEIRO CULTO, o Ú-

(119) Op. cit., tomo III, pág. 692
(120) Catecismo Masonico, pág. 35

NICO CULTO QUE AGRADA A DEUS, e faz bem às nossas almas". (121)

Há, ou não há imagem na Maçonaria, Reverendo? há, ou não há representação de Deus? Há, ou não há símbolo da Divindade? Há, Reverendo Galdino. Afirmam-no as autoridades maçônicas, plenamente confirmado por alguém que um dia foi pastor protestante, o seu grande amigo Lira. V. Revdma. também considera o Delta como "um rico talismã"? Endossa a declaração de que o verdadeiro culto, o único culto que agrada a Deus, é o culto prestado através de uma vida virtuosa? Diante da realidade dos fatos, como teve V. Revdma. a inaudita coragem de me chamar três vezes mentiroso?

E não é verdade que os maçons se inclinam diante do Delta Sagrado? Eis o que diz Frau Abrines: "Ao iniciar os trabalhos, o Venerável e demais maçons se levantam, voltam-se para o Oriente e, após colocar-se o incenso no incensário, o Venerável faz uma profunda inclinação diante do Delta Sagrado e diz em voz alta: Soberano Senhor e Dono da imensidade: elevando nossos pensamentos e nossos corações até o escabêlo de vosso excelso trono celeste, para render a homenagem devida à perfeição de vossos planos eternos e prostrando-nos diante das leis de vossa sabedoria infinita, rogamo-vos que vos digneis dirigir-nos em nossos trabalhos, iluminando-nos com vossas luzes e tirando de nossos olhos a venda fatal do êrro e da inexperiência, a fim de que jamais nos aparte-

(121) Op. cit. págs. 229 e 366

mos da senda da retidão, que nos pode conduzir à perfeição ideal".

Lembra-se, Reverendo, que fiz referência a êste fato na Carta Aberta? Mas, V. Revdma. em vez de desmentir a grande autoridade maçônica por mim citada, preferiu o caminho fácil de me acusar de mistificador e falsário. O professor Lira proclama que o Delta representa o Supremo Criador; Abrines confessa que o Venerável faz uma profunda inclinação diante do Delta Sagrado; porventura, necessitaríamos de mais dados para provar que estamos diante de um fato consumado, isto é, de um culto idolátrico? E V. Revdma. não dogmatizou que "qualquer representação de Deus é, na Bíblia, condenada tenazmente como crime e idolatria? Ora, se há uma representação da Divindade na Ordem, e diante dela o Venerável se inclina reverentemente, é claro que há um culto idolátrico e que é bìblicamente condenado. Êsse culto não é o que agrada a Deus, e faz bem às nossas almas, como, herèticamente, declarou o professor Lira. O mandamento de Deus é peremptório: "NÃO TE ENCURVARÁS A ELAS".

Prossigamos em nosso estudo.

Para receber o aprendiz maçon, a Loja tem a seguinte decoração: "Na parede do Oriente, na mesma altura do Delta, colocam-se: à direita do assento do Venerável, *um disco radiante representando o Sol*, e perto do canto, o Estandarte da Loja; à esquerda da presidência, *a estátua de Minerva*, e um pouco além, a *imagem da Lua*. À direita do altar triangular do Primeiro Vigilante está a

estátua de Hércules e à esquerda do altar do Segundo Vigilante, a *estátua de Vênus Citérea.*

Na decoração da Câmara do grau 26 vêem-se a *estátua da Verdade,* que é o *Palladium da Ordem,* a *estátua de Mercúrio, um anjo, a arca da aliança,* etc., etc..

E o que representa a Câmara do grau 28, Reverendo? Representa o Jardim do Éden, cuja entrada é guardada por sete querubins. O Grande Mestre e Presidente *se intitula Adão e simboliza a Jeová, pai dos homens...* O emblema dêste grau consiste no SOL, que ocupa o centro de um triângulo inscrito num círculo e que *representa a Divindade, sob o símbolo de Astro-Rei.* (122)

E as cruzes, Reverendo? Cruzes latinas no grau 18, e cruzes de Santo André no grau 29. Não significa isto pura idolatria? E qual o significado das estátuas na Maçonaria? O Catecismo Maçônico interpreta fielmente o seu significado. Consultêmo-lo:

"Júpiter representa a energia, a resolução, a benemerência precisa *para dominar as más inclinações e proceder sempre com retidão;* a disciplina que executa, equilibra e mantém aquela perfeição.

Vênus representa a bondade, o desinterêsse, a perseverança indispensáveis para evitar aos nossos irmãos tudo quanto não queremos para nós; o encanto perene que dimana da obra excelsa do Grande Arquiteto do Universo; o amor que deve unirnos num desejo imperecível de progresso e frater-

---

(122) Abrines, Op. cit., vol. III, pág. 764

nização, que varre da terra as discórdias e as guerras com tôdas as suas conseqüências horripilantes; a verdade, que buscamos com inquietação, e a filosofia, campeã dessa mesma verdade.

HÉRCULES, divindade grega, símbolo da fôrça, que intervém nas cerimônias da Ordem. Sua estátua figura como as de Vênus e Minerva em tôdas as Lojas simbólicas, representando uma das colunas que sustêm o edifício maçônico. (123)

MERCÚRIO, nome de um deus que a mitologia vulgar faz presidir ao comércio, à eloqüência, ao roubo, etc., mas que na mitologia primitiva é simbolo das mais elevadas concepções. (124)

ESTRÊLA FLAMÍGERA — Emblema da Divindade. Símbolo misterioso que se revela no segundo grau. Símbolo do magnetismo terrestre, fogo invisível que cria e sustém a nossa vida...

Esta estrêla misteriosa, emblema do gênio que eleva o homem e o impulsiona às grandes realizações; símbolo daquele fogo sagrado, daquela centelha de luz divina com a qual o Grande Arquiteto do Universo criou nossas almas. Entra na formação de muitos graus, e especialmente no segundo; colocado em baixo do dossel, em substituição ao Delta Sagrado, que figura no primeiro grau, revela, através dos seus raios luminosos, qual lâmpada que entre os hebreus queimava dia e noite diante do Santo dos Santos, ou qual fogo sagrado no altar de Vesta, que os maçons colocam os seus trabalhos debaixo da influência de uma luz supe-

(123) Catecismo, op. cit. págs. 38 e 39
(124) Enciclopédia, op. cit. tomo II, pág. 690

rior. (125)

Embora V. Revdma. negue com tôdas as veras da alma, a verdade nua e crua se patenteia diante dos ídolos, imagens, representações, figuras e símbolos para fins de culto religioso, na Maçonaria. Portanto, meu ilustre e eminente contendor, há IDOLATRIA na Ordem a que V. S. se filiou. E os argumentos para provar tal afirmação, me são dados por V. Revdma. quando escreveu: "Tudo quanto seja culto oferecido à Divindade, mediante formas sensíveis, ou tudo quanto receba do adorador homenagem que não seja diretamente e ùnicamente devida ao Deus único e verdadeiro, isso é idolatria".

E para fechar o presente capítulo quero relembrar a V. Revdma. que na abertura da Loja para o candidato a Mestre, o Venerável abre e encerra os trabalhos em nome de Deus e de um padroeiro: "Em nome do Grande Arquiteto do Universo e de São João da Escócia, nosso Padroeiro, está fechada esta Loja de Mestres Maçons". (126)

Esta invocação oficial da Maçonaria nada mais é que um sacrilégio. A declaração formal de que São João da Escócia é o padroeiro da Loja e a associação do seu nome ao de Deus é um ato de idolatria, que viola os três primeiros mandamentos. E Carlos Pereira, com a sua dialética inconfundível, pontificou: "Em nada enfraquece a transgressão o dizer que isto é simbólico; tal afirmação em nada destrói o fato de que há aí uma associação sacrílega e uma invocação idólatra".

(125) Idem, pág. 391, tomo I
(126) Ritual do Grau de Mestre Maçon, pág. 16

CONCLUSÃO

Vou terminar, senhor reverendo Galdino Moreira. Antes de o fazer, julgo necessário dirigir a V. Revdma. um veemente apêlo cristão. V. Revdma. é maçon confesso, como o são o ilustre bispo reverendo César Dacorso Filho, um dos prefaciadores da obra lireana, e inúmeros pastores presbiterianos, metodistas e batistas. Outros novos pastores irão seguir os passos de V. Revdma. Quão tremenda responsabilidade pesa sôbre os ombros do veterano pastor da Igreja Presbiteriana de Riachuelo! Acabo de ler em "O Malhete", periódico maçônico, noticioso, doutrinário e crítico, de ... 12-2-1950, editado em Niterói, o artigo intitulado — "O Protestantismo e a Maçonaria". Neste artigo, prova evidente dos sinais dos tempos, li, pesarosamente, a seguinte notícia: "Foi, por isso, com grande júbilo, que assistimos há dias, a iniciação do pastor de uma igreja protestante, numa Loja da obediência do grande Oriente do Brasil e OUTROS ESTÃO EM VÉSPERAS DE ADMISSÃO NA ORDEM,..."

Sinais dos tempos, reverendo. Pastores que

preferem a *Loja à Igreja,* ou então, a *Igreja com a Loja.* Só a visão de Cristo não é suficiente. E' preciso algo mais. E' a velha e desoladora experiência do povo israelita que se repete: a união do culto ao Deus vivo e verdadeiro com um culto pagão e idolátrico.

Nestes tempos difíceis e perigosos devemos bradar: "À Lei e ao Testemunho". E a Palavra de Deus diz: "*Saí do meio dela, ó povo meu*". E São Paulo conclama: "Não vos prendais desigualmente ao jugo com os infiéis; porque, que participação tem a justiça com a injustiça? E que comunicação tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consentimento tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: "Nêles habitarei, e entre êles andarei: e eu serei o seu Deus e êles serão o meu povo. Pelo que saí do meio dêles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis coisa imunda, e eu vos receberei: e eu serei para vós Pai e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo poderoso". (127)

Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis. Não é verdade, reverendo, que a Maçonaria é *una* e *indivisível?* E o fato de V. Revdma. estar ligado a ela, é prova evidente que é conivente com os seus erros, falhas e pecados. Sim, a Maçonaria é *una.* Eis o que diz sôbre a sua unicidade o grande escritor maçônico A. Prestes: "A Maçonaria é una, em tôda parte, não pelo rito que

(127) II Cor. 6:14-18

é apenas de uma unidade acidental, não pela jurisdição, que depende igualmente da conveniência, nem pelos seus membros esotéricos, que são conservados na ignorância das doutrinas da Arte. A Maçonaria é una, no seu espírito real e esotérico, una no seu fim e no seu objeto colimado; una em sua luz e suas doutrinas; una em sua filosofia e sua religião. Forma assim uma família, uma instituição, uma fraternidade, uma ordem que tende, pela sua universalidade a substituir o catolicismo instituído por Jesus Cristo".

Como explica V. Revdma. a sua situação de Crente em Jesus e maçon ao mesmo tempo? Não foi o reverendo Galdino Moreira que, na revista do Curso Superior, escreveu o seguinte: "O crente é aquêle que não faz convivência, nem ao menos de longe com os inimigos, pecadores e ateus. Não anda fora do caminho. Não se assenta junto à mesa dos ímpios. Não se deixa deter ao pé dos profanos. E' irredutível ao mundanismo. A verdadeira conduta cristã ou do reto cavalheiro dos céus, descrita com tanta acuidade no Salmo 15 e 1.º, está baseada em princípios básicos e essenciais. Atrás do andar, do agir e do falar do crente, há energias e poderes imensos, que devem ser o sustentáculo de tôda a sua carreira no mundo. Os ímpios não têm êsses princípios. Êles se apegam a teorias filosóficas, credos humanos, critérios frágeis, como A LIBERDADE, FRATERNIDADE, IGUALDADE, RELIGIOSIDADE, CARIDADE, UTILITARISMO, oportunismo, conveniên-

cias, expedientes, desculpas, leis, tributos, sociabilidade?"

E não é verdade, meu caro rev. Galdino, que é exatamente a Maçonaria que se apega a teorias filosóficas, credos humanos, critérios frágeis, como a LIBERDADE, FRATERNIDADE E IGUALDADE? E quem o afirma? O preclaro Reverendo Galdino Moreira! "Não vos ponhais debaixo de um jugo desigual com os incrédulos". "Não posso compreender como um cristão, afirma o grande homem de Deus, Dwight L. Moody, e acima de tudo, um ministro do Evangelho, pode assentar-se nessas sociedades secretas com os incrédulos. Os que assim procedem afirmam que o fazem para exercer influência em favor do bem; afirmo, porém, que poderiam exercer melhor influência em favor do bem, permanecendo fora delas e reprovando as suas ações más. Abraão teve mais influência para beneficiar Sodoma do que Ló. Se 25 cristãos se reunem numa Loja com 50 não-cristãos, êstes poderão votar algo que lhes desagrade e os 25 cristãos serão participantes dos seus pecados. Estão debaixo de um jugo desigual com os incrédulos".

Saia dela, reverendo Galdino. A situação atual do mundo reclama cristãos separados, cristãos que não comprometam a Cristo e nem se envergonhem do seu Salvador. Não tem V. Revdma. a Cristo? Não é o Filho de Deus o único Salvador? Não canta com as suas ovelhas aquêle côro tão significativo: "Oh! amante da minha alma, tu és tudo para mim! Tudo quanto eu careço, acho, Jesus,

só em ti"? O coração de V. Revdma. não é templo do Espírito Santo? Por que procurar proveito ou progresso em instituições profanas?

Que Deus ilumine a mente de V. Revdma., a fim de que, à semelhança de Pedro, chorando amargamente, abandone o ídolo maçônico e volte-se, inteiramente, incondicionalmente, para o Cristo e lute corajosamente PELA COROA REAL DO SALVADOR! Assim seja!

MÁRIO AMARAL NOVAES

ÍNDICE

HAJA LUZ

TRADUÇÃO DE

MÁRIO AMARAL NOVAES

TESTEMUNHO DE

Dwight L. Moody — J. H. Harwood — W. J. Erdman — T. B. Hyde — Geo C. Needham — Charles F. Goss — R. A. Torrey — A. C. Dixon — Wm. S. Jacoby — E. Y. Wooley — Charles Herald — C. A. Blanchard — James M. Gray — John Milton Hitchcock.

PREFÁCIO

Neste pequeno livro encontram-se testemunhos concisos contra as organizações secretas, de quase todos os pastores, pastores auxiliares e substitutos do púlpito da Igreja de Moody, de Chicago, durante os seus primeiros cinqüenta anos de existência. Êstes testemunhos foram compilados por J. M. Hitchcock, um dos primeiros cooperadores de D. L. Moody, e que foi, durante mais de vinte anos, superintendente da Escola Dominical e presbítero da Igreja de Moody.

Tem-se generalizado a idéia de que, em virtude de as sociedades secretas se tornarem tão numerosas e poderosas, com um grande nmero de homens de prestígio e de posição social, a verdade a seu respeito deve ser silenciada e que o caráter moral e religioso destas instituições não deve ser divulgado.

Pastores, evangelistas e missionários, que pouca ou nenhuma simpatia têm pelas ordens secretas, hesitam, muitas vêzes, em as condenar, temendo as conseqüências que poderiam advir sôbre êles, os seus trabalhos. Êstes trabalhadores cristãos sentem-se perfeitamente à vontade para condenar os males decorrentes do comércio de bebidas alcoólicas, dos jogos de azar, do baile e do teatro acham, porém, que os males da loja, com seus juramentos ímpios e os seus falsos ensinos religiosos são tão excepcionais que "divulgá-los seria contribuir, mais ràpidamente, para a sua disseminação".

É com o propósito de refutar a crença popular que um pastor não pode condenar francamente os males existentes nas sociedades secretas, sem que perca algo de sua reputação pessoal, ou sem correr os riscos de enfraquecer o poder do Evangelho, que a Associação Nacional Cristã volta a sua atenção para a Igreja de Moody e publica êste livro de testemunhos, dos seus mais proeminentes trabalhadores.

A editôra espera que êstes testemunhos possam iluminar as mentes de muitos trabalhadores cristãos, e encorajá-los a dar o seu testemunho contra a iniqüidade da loja para a salvação de muitos.

Preço Cr$ 6,00

LIVRARIA INDEPENDENTE EDITÔRA
R. Líbero Badaró, 561 - 5.º andar - S/ 503
Caixa 7513 - Telefone 32-4519
S. PAULO